



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE ARTES - PROFARTES**

FÁBIO TAVARES DA SILVA

**A LEITURA E PRODUÇÃO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO ENSINO DE
ARTE NA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO ADAUTO BEZERRA – BARBALHA,
CEARÁ**

**NATAL/RN
2018**

FÁBIO TAVARES DA SILVA

**A LEITURA E PRODUÇÃO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO ENSINO DE
ARTE NA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO ADAUTO BEZERRA – BARBALHA,
CEARÁ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Artes – PROFARTES da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Artes.

Área de concentração: Ensino de Artes, Linhas de Pesquisa/Atuação: Processos de ensino, aprendizagem e criação em artes.

Orientador: Prof. Dr. Rogério Junior Correia Tavares

**NATAL/RN
2018**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Departamento de Artes - DEART

Silva, Fábio Tavares da.

A leitura e produção de histórias em quadrinhos no ensino de arte na Escola de Ensino Médio Adauto Bezerra - Barbalha, Ceará / Fábio Tavares da Silva. - 2018.

135 f.: il.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Ensino de Artes, Natal, 2018.

Orientador: Prof. Dr. Rogério Junior Correia Tavares.

1. Arte - Estudo e ensino. 2. Escola de Ensino Médio Adauto Bezerra. 3. Histórias em quadrinhos. I. Tavares, Rogério Junior Correia. II. Título.

RN/UF/BS-DEART

CDU 7

Elaborado por Fábio Tavares da Silva - CRB-X

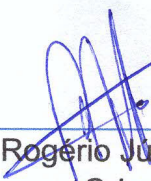
FÁBIO TAVARES DA SILVA

**A LEITURA E A PRODUÇÃO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS
NO ENSINO DE ARTE NA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO ADAUTO BEZERRA -
BARBALHA, CEARÁ**


Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ensino de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Artes.

Aprovada em: 29/08/2018

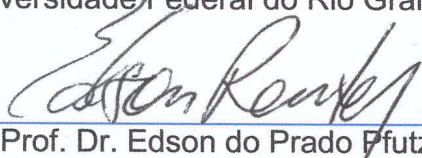
BANCA EXAMINADORA



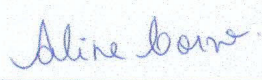
Prof. Dr. Rogério Junior Correia Tavares
Orientador
Universidade Federal do Rio Grande do Norte



Prof. Dr. Marcos Alberto Andruchak
Examinador Interno
Universidade Federal do Rio Grande do Norte



Prof. Dr. Edson do Prado Pfutzenreuter
Examinador Externo à Instituição
Universidade Estadual de Campinas



Prof.ª Ma. Aline Corso
Examinadora Externa à Instituição
Centro Universitário da Serra Gaúcha

À minha mãe

Agradecimentos

Primeiramente a Deus, pela oportunidade de viver cada dia e descobrir que é o amor que dá sentido a vida.

A minha mãe, Iranilde Tavares, pelo seu amor e apoio incondicional. A minha querida irmã, Fabiola Tavares, minha melhor amiga, confidente e apoio em todos os momentos.

A todos os professores com quem tive o prazer de conviver e aprender durante toda minha trajetória na educação básica, na graduação e agora durante o mestrado.

Um agradecimento especial ao meu orientador Prof. Dr. Roger Tavares, por aceitar o desafio de me orientar nessa trajetória e pela paciência, orientações valiosas e por compartilhar suas Histórias em Quadrinhos.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pela bolsa de estudos que viabilizou a dedicação e realização desse estudo, pois o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

A todos os colegas da segunda turma do Mestrado Profissional em Artes na UFRN pelos momentos vividos, pelos compartilhamentos de experiências e claro pelo apoio nas angústias e desafios durante a formação.

Aos membros da banca, Prof^a. Ms. Aline Corso, Prof. Dr. Marcos Alberto Andruchak e ao Prof. Dr. Edson Pfutzenreuter pela atenção, disponibilidade, leitura e considerações valiosas para a concretização do trabalho.

A todos os meus queridos alunos e colegas de trabalho da Escola de Ensino Médio Adauto Bezerra – Barbalha – Ceará.

Por fim, a todos que colaboraram direto e indiretamente em minha trajetória profissional e de um modo especial aos que ajudaram na realização desse estudo e trabalho.

Muito obrigado!

RESUMO

Esta dissertação apresenta um estudo sobre as Histórias em Quadrinhos – HQs e suas possibilidades de uso no ensino de Arte do ensino médio. Para tal, realizou-se além de um levantamento e análise bibliográfica o planejamento e execução de duas ações com o ensino e aprendizagem de Quadrinhos na Escola de Ensino Médio Adauto Bezerra – Barbalha/Ceará. Foi realizada uma oficina intitulada “Leitura e Produção de História em Quadrinhos na Escola” e também um conjunto de aulas durante um bimestre letivo em uma turma de primeiro ano do ensino médio. Para a fundamentação teórica e planejamento das experiências tomamos como referência os estudos de Ana Mae Barbosa (2009), Waldomiro Vergueiro (2009) e João Marcos Parreira Mendonça (2006, 2008) dentre outros autores que se dedicam ao ensino de artes, quadrinhos na educação e quadrinhos no ensino de artes respectivamente. Nas experiências buscou-se, primeiramente, aproximar os participantes das HQs, estimulando-os a desenvolverem sua capacidade de leitura de imagens, através da identificação e compreensão dos principais elementos que compõem a linguagem visual e da linguagem dos quadrinhos em particular. Contextualizou-se a história das HQs e foram discutidos e experimentados diferentes modos de produção de quadrinhos, culminando com a produção de narrativas visuais pelos participantes. As aulas de arte em uma turma regular tiveram os quadrinhos como conteúdo e objeto de ensino e aprendizagem buscando uma prática que superasse o uso dos quadrinhos apenas como ferramenta didática. Conclui-se com esse estudo, que ainda se faz necessário consolidar o entendimento dos quadrinhos como Arte e de seu lugar legítimo como um dos conteúdos do ensino da Arte. Nesse sentido, esse trabalho colabora para a constituição e consolidação de um modo de ver as HQ para além de simples entretenimento, mas também como instrumento de ensino e aprendizagem de Arte, bem como um conteúdo legítimo a ser apreendido nas aulas de Artes do ensino médio.

Palavras-Chave: Ensino de Artes; Escola; História em Quadrinhos, Oficina, Produção

ABSTRACT

This dissertation presents a study about comics and their possibilities arts teaching in high school. To achieve this, a survey and bibliographical analysis was carried out on the planning and execution of two actions with the teaching and learning of Comics in the Adauto Bezerra - Barbalha / Ceará High School. A workshop entitled "Reading and Production of Comic History at School" was held, as well as a set of classes during a two-month course in a first-year high school class. For the theoretical foundation and planning of the experiments we take as reference the studies of Ana Mae Barbosa (2009), Waldomiro Vergueiro (2009) and João Marcos Parreira Mendonça (2006, 2008) among other authors dedicated to teaching arts, comics in education and comics in art education respectively. In the experiments, we first sought to bring the participants closer to the comics, stimulating them to develop their ability to read images by identifying and understanding the main elements that make up the visual language and the language of the comics in particular. The comics history was contextualized and different modes of comic production were discussed and experimented, culminating in the production of visual narratives by the participants. The art classes in a regular class had the comics as content and object of teaching and learning seeking a practice that surpassed the use of comics only as a didactic tool. It concludes with this study, that it is still necessary to consolidate the understanding of comics as Art and its legitimate place as one of the contents of the teaching of Art. This work contributes to the constitution and consolidation of a way of seeing the HQ beyond mere entertainment, but also as an instrument of teaching and learning of Art, as well as a legitimate content to be learned in the classes of High school arts.

Keywords: Arts Teaching; School; Comics; Workshop; Production.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Tira número 0009 da personagem Marieta dos quadrinistas Potiguares José Veríssimo e Ju Veríssimo.....	35
Figura 2. Cartum ill doctor spider-M do cartunista argentino Quino.....	37
Figura 3: Charge de Sinovaldo sobre a guerra contra o mosquito transmissor da Dengue, publicada no Jornal NH em 12/02/2016. Fonte: http://www.jornalnh.com.br/_conteudo/2016/02/noticias/regiao/276467-lampada-magica-e-guerra-contra-o-aedes-nas-charges-dos-jornais-deste-sabado.html Acesso em: 13/03/2018.....	38
Figura 4: As diferentes formas dos quadros (McCLOUD, 2005, p. 99).....	41
Figura 5. Diferentes formatos de balões (PESSOA, 2006, p. 101).....	42
Figura 6: Quadro com uso de onomatopeias da página 13 do capítulo 881 do mangá One Piece. Fonte: http://cdmnet.com.br/titulos/one-piece/manga/ler-online/881#13 Acesso em 13/03/2018.....	43
Figura 7. Exemplo de Metáforas Visuais nas HQs da Turma da Mônica de Maurício de Sousa.....	44
Figura 8: Exemplos de Linhas Cinéticas na HQ Asterix e Obelix de René Goscinny e Albert Uderzo.....	45
Figura 9: Exemplos básicos de enquadramentos.....	45
Figura 10: Exemplo de sequência narrativa, (McCLOUD, 2005, p. 70).....	46
Figura 11: A sarjeta por McCloud (2005, p. 66).....	47
Figura 12. Aula expositiva sobre as definições e história das HQs. Fotografia do autor.....	69
Figura 13. Estudantes lendo quadrinhos na sala de aula. Fotografia do autor.....	70

Figura 14. Estudante lendo quadrinhos na sala de aula e escrevendo uma sinopse da história lida. Fotografia do autor.....	71
Figura 15: Arte da capa do álbum de tiras da Marieta do José Veríssimo e Ju Veríssimo. Pinguins Calientes 2016.....	73
Figura 16. Estudantes arte-finalizando e aplicando cor em sua HQ.....	77
Figura 17. HQ produzida por um grupo de três aluno formados por C., V. e J.....	77
Figura 18. HQ sobre educação no trânsito produzida por duas alunas CL e K.....	78
Figura 19. HQ produzida por duas alunas sobre o daltonismo.....	79
Figura 20: Cartaz 1 e 2 utilizados para divulgação da Oficina de Quadrinhos na escola.....	83
Figura 21: Fotografia do primeiro encontro da Oficina de Quadrinhos no dia 10 de setembro de 2016.....	93
Figura 22: Momento de leitura de quadrinhos na oficina no dia 17 de setembro de 2016.....	94
Figura 23: Roteiro produzido pela participante Laysla em dois formatos o Full Script e o Layoutado.....	96
Figura 24: Participantes e o professor depois do encerramento do encontro no dia 15 de outubro de 2016.....	97
Figura 25: O professor orientando individualmente os alunos no sexto encontro da oficina.....	98
Figura 26: Fotografia do estudante Tiago e das duas páginas a lápis de sua HQ....	98
Figura 27: Edson Salviano finalizando os desenhos de sua HQ.....	99
Figura 28: O estudante Cícero Gabriel desenhando as páginas de sua HQ.....	99

Figura 29: André Aparecido com as páginas desenhadas de sua HQ.....	100
Figura 30. Tiago arte finalizando suas páginas a caneta e página 1 pronta.....	101
Figura 31: Professor Edson Nascimento corrigindo os textos na HQ de Edson Salviano.....	102
Figura 32: O estudante Tiago Nascimento com o troféu conquistado na X Feira Regional de Ciências e Cultura da CREDE 19.....	103
Figura 33: Participantes finalizando suas produções e Janaína com sua HQ já finalizada.....	104
Figura 34: Capas dos primeiros fanzines testes com as duas primeiras histórias produzidas na oficina de quadrinhos.....	107
Figura 35: Capa da Revista Tiradas em quadrinhos 1 lançada na escola em Janeiro de 2017.....	109
Figura 36. Índice da revista Tiradas em Quadrinhos 1, produção dos autores em 2017.....	110
Figura 37: Capa da Revista ZinEscola quadrinhos 1 lançada na escola em Janeiro de 2017.....	111
Figura 38. Índice da revista ZinEscola Quadrinhos, produção dos autores publicada em 2017.....	112
Figura 39: Os estudantes autores autografando as revistas de quadrinhos no lançamento. Fonte: Elaborada pelos autores (2018).....	113

LISTA DE TABELA

Tabela 1. Sobre a leitura de História em Quadrinhos – HQs.....	62
Tabela 2. Sobre os Gêneros e Formatos de Quadrinhos que costumam ler.....	62
Tabela 3. Como fazem para ler Histórias em Quadrinhos.....	63
Tabela 4. Se colecionam ou possuem quadrinhos em casa.....	63
Tabela 5. Se já estudaram com Histórias em Quadrinhos em alguma disciplina da escola.....	64
Tabela 6. Se já fez Quadrinhos alguma vez.....	64
Tabela 7. Se já fez alguma História em Quadrinhos como trabalho de alguma disciplina.....	65
Tabela 8. Se já estudou sobre Histórias em Quadrinhos nas aulas de Artes.....	66
Tabela 9. Se sabe da existência de quadrinhos na Biblioteca da escola.....	67
Tabela 10. Sobre quais as Histórias em Quadrinhos mais gostam de ler.....	67
Tabela 11: Sobre a leitura de História em Quadrinhos – HQs.....	86
Tabela 12: Sobre os Gêneros e Formatos de Quadrinhos que costumam ler.....	87
Tabela 13: Como fazem para ler Histórias em Quadrinhos.....	87
Tabela 14: Se colecionam ou possuem quadrinhos em casa.....	88
Tabela 15: Se já estudaram com Histórias em Quadrinhos em alguma disciplina da escola.....	89
Tabela 16: Se já fez Quadrinhos alguma vez?.....	89
Tabela 17: Se já fez alguma História em Quadrinhos como trabalho de alguma disciplina.....	90
Tabela 18: Se já estudou sobre Histórias em Quadrinhos nas aulas de Artes.....	91
Tabela 19. Conhece a existência de quadrinhos na biblioteca da escola.....	91
Tabela 20. Sobre quais as Histórias em Quadrinhos mais gostam de ler.....	92

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

1. HQs - Histórias em Quadrinhos
2. SNAC - Sol Nascente Anime Clube
3. URCA - Universidade Regional do Cariri
4. GPEACC/CNPq - Grupo de Pesquisa Ensino da Arte em Contextos Contemporâneos
5. IC - Iniciação Científica
6. FUNCAP - Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico
7. GALOSC - Grupo de Apoio a Livre Orientação Sexual do Cariri
8. ONGs - Organizações não Governamentais
9. UNIFOR - Universidade de Fortaleza
10. EAD - Educação a Distância
11. ECA/USP - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
12. CONFAEB - Congressos Nacionais da Federação dos Arte-educadores do Brasil
13. TCC - Trabalho de Conclusão de Curso
14. MEC - Ministério da Educação – MEC
15. PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais
16. PNBE - Programa Nacional Biblioteca na Escola
17. UFPB - Universidade Federal da Paraíba
18. SEDUC - Secretaria da Educação do Ceará – SEDUC
19. PROFARTES - Mestrado Profissional em Ensino de Artes
20. UFCA - Universidade Federal do Cariri
21. UFRN – Universidade Federal do Rio grande do Norte
22. LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
23. BNCC - Base Nacional Comum Curricular
24. CNE – Conselho Nacional de Educação

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
1.1. Origens do estudo.....	15
1.2. Problematização.....	23
1.3. Objetivos.....	25
1.4. Justificativa.....	26
1.5. Metodologia.....	28
1.6. Estrutura do trabalho.....	31
2. QUADRINHOS E ENSINO DE ARTE NA EDUCAÇÃO ESCOLAR.....	33
2.1. Definições para História em Quadrinhos.....	33
2.2. A Linguagem dos Quadrinhos.....	39
2.2.1 Quadrinho, vinheta ou painel.....	40
2.2.2 Linha demarcatória ou requadro.....	41
2.2.3 Balão, recordatório e legenda.....	41
2.2.4 Onomatopeias.....	42
2.2.5 Metáforas Visuais.....	43
2.2.6 Linhas cinéticas ou linhas de movimento.....	44
2.2.7 Enquadramentos.....	45
2.2.8 Sequência narrativa.....	46
2.2.9 Elipse, sarjeta, hiato ou calha.....	47
2.3. Quadrinhos na Educação escolar.....	48
2.4. Quadrinhos no ensino de Artes.....	52
3. HISTÓRIA EM QUADRINHOS NAS AULAS DE ARTE DO ENSINO MÉDIO.....	57
3.1. O contexto da experiência: turma, conteúdos e atividades.....	57
3.1.1 Perfil dos participantes – <i>Questionário 1</i>	60
3.2. A leitura de quadrinhos nas aulas de Arte do primeiro Ano “E “ (1º Ano E).....	68
3.3. Processos de criação de quadrinhos nas aulas de Arte.....	73
3.3.1 Produção de quadrinhos na turma do Primeiro Ano E (1º Ano E).....	75
3.4. Desafios para o ensino de quadrinhos no contexto escolar.....	80
4. OFICINA DE QUADRINHOS NA ESCOLA.....	82
4.1. A oficina de <i>Leitura e Produção de História em Quadrinhos na Escola</i>	83
4.2. Perfil dos participantes – <i>Questionário 1</i>	85
4.3. Encontros e Atividades da oficina de quadrinhos.....	92
4.4. Produções da oficina de quadrinhos.....	106
4.4.1 Revista <i>Tiradas em Quadrinhos 1</i>	108
4.4.2 Revista <i>ZinEscola Quadrinhos 1</i>	110
4.5. Da prática a teoria ou da teoria a prática: compartilhando experiências.....	113
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	115
6. REFERÊNCIAS.....	120
APÊNDICES.....	124
APÊNDICE A - Questionário 1.....	124

APÊNDICE B - Autorização de uso de Nome, Imagem e Depoimentos.....	125
--	-----

1. INTRODUÇÃO

A apresentação deste trabalho de pesquisa se inicia pela localização e contextualização do objeto de pesquisa na trajetória de formação e atuação profissional do pesquisador. Busca-se com isso, apresentar inicialmente como surgiu a questão de estudo em torno das Histórias em Quadrinhos – HQs no ensino de Artes e o porque pesquisar especificamente sobre essa linguagem no ensino de Artes do Ensino Médio.

Na busca dessa contextualização do objeto de pesquisa, apresentamos a trajetória pessoal de formação do pesquisador e como ela se relaciona com a sua atuação enquanto artista, professor e pesquisador. Nessa apresentação, destacam-se algumas situações desde a trajetória na educação básica, pois foi enquanto estudante nessa etapa de formação que aconteceu o encontro com a Arte e, a partir desse, a decisão por qual formação cursar no ensino superior. Depois, relatam-se algumas experiências vividas na graduação que levaram o sujeito pesquisador a decidir atuar como professor de Arte na educação básica.

1.1. ORIGENS DO ESTUDO

Começamos esta contextualização, lembrando que o autor é natural da cidade de Barbalha no interior do estado do Ceará. Foi nessa cidade onde nasci em 1987, vivendo minha infância em um sítio chamado Taquari, na zona rural do município. Foi apenas no ano 2000, aos doze anos, que comecei a morar com a minha mãe e a minha irmã na cidade vizinha, Juazeiro do Norte, onde residimos por pouco mais de um ano, retornando no final de 2001 para a cidade de Barbalha, onde resido e trabalho atualmente.

Foi quando morava em Juazeiro do Norte, no ano de 2001, que conheci, através de um fã-clube, os *mangás* (palavra usada para designar as histórias em quadrinhos feitas no Japão ou em estilo japonês). Descobri que os desenhos animados que adorava assistir na televisão eram chamados de *animês* (nome dado à animação japonesa) e estes *animês* em sua grande maioria eram *mangás*, que haviam feito muito sucesso no Japão e por isso ganharam animações para a televisão.

Essas descobertas aconteceram ao ingressar em março de 2001 em um clube de fãs de *animês*, *mangás* e *games* chamado Sol Nascente Anime Clube – SNAC. Esse fã-clube era organizado por adolescentes e funcionava na Escola de Ensino Fundamental e Médio Presidente Geisel, mais conhecido como Colégio Polivalente, localizado em Juazeiro do Norte. No fã-clube, haviam encontros aos sábados e domingos durante todo o dia, lá assistíamos *animês*, líamos revistas e *mangás* e tínhamos aulas de como desenhar personagens de *mangás*. Além de conhecer o que é *mangá* e quais as suas origens, comecei a praticar o desenho com regularidade. Certamente, participar deste fã-clube foi um marco na minha história de vida, pois, desde então, o gosto pelos *mangás* esteve presente e influenciou as escolhas tomadas durante a trajetória de formação escolar.

Adorava desenhar e copiar os desenhos das revistas, praticando diariamente, o que me fez melhorar, gradativamente, na representação dos personagens que gostava. A partir de 2004, ano da conclusão de meu ensino fundamental, comecei a criar meus próprios personagens, ainda muito influenciado pelos *animês* a que assistia. Criei algumas histórias, ganhei alguns concursos de desenhos, pinturas e quadrinhos na escola. Comecei, também, a praticar a pintura em tecido por influência de minha mãe, que me dava algum dinheiro para pintar panos de prato, dinheiro que eu usava para comprar revistas e *mangás* em bancas de revistas.

Quando estava cursando o primeiro ano do Ensino Médio, no ano de 2005, aconteceu algo que considero muito importante nessa trajetória. Como gostava de ler revistas que falavam de *animês* e *mangás*, decidi escrever para uma delas, a *Anime>Do*. Em julho de 2005, foi publicada uma carta minha acompanhada de meu endereço postal na seção de cartas da revista, isso fez com que vários fãs de *animês* e *mangás* de diversos estados do país escrevessem-me, iniciando-se nesse ano uma fase importante na minha trajetória; a de correspondente *otaku* (palavra de origem japonesa que no Brasil é atribuída a fã de *animês* e *mangás*). Fiz vários amigos por carta, troquei diversos materiais como: desenhos, revistas, pôsteres, cards, fotos e etc.

Na seção do leitor da revista *Anime>Do*, tive cartas, e-mails e alguns desenhos publicados em várias edições diferentes durante os anos de 2005 a 2008. Essas publicações permitiram essa relação estabelecida com outros fãs do Brasil via

correspondências, relações que atualmente são estabelecidas pelos *otakus* por meio dos sites de relacionamento ou redes sociais.

No ano de 2006, em parceria com o grêmio estudantil da escola de ensino médio onde estudava, criamos um curso de desenho *mangá*. No início, os alunos estranharam, mas depois de explicarmos o que era *mangá*, houve uma boa aceitação. Foi esta minha primeira experiência com o ensino de arte, na qual, enquanto estudante do Ensino Médio, eu dava aulas nos sábados pela manhã. Foi uma experiência importantíssima em minha trajetória na educação básica, aprendi muito tendo que estudar para ensinar e essa foi minha primeira experiência com o ensino de histórias em quadrinhos. Ainda em 2006, comecei a colecionar mais do que revistas e *mangás*, passando a colecionar episódios de *animês* que conseguia com amigos para assistir, aos poucos fui montando uma coleção de episódios de *animês* com áudio em japonês, legendado e dublado. Nesse ano, também decidi que queria aprender outros estilos de desenho, para isso fiz um curso de desenho artístico e publicitário, à distância, pelo Instituto Padre Reus, curso de duração de oito meses, o qual também considero importante nessa trajetória formativa.

Em 2007, concluindo o Ensino Médio preparei-me para prestar vestibular. Por causa dessa ligação com os *mangás* e de adorar desenhar e pintar, optei por fazer vestibular para um curso que estava sendo implantado por uma universidade pública na região, o curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Regional do Cariri-URCA, obtive êxito no vestibular e ingressei na universidade em 2008.

Certamente a paixão pelas HQs influenciou na minha escolha por essa formação. Durante o curso de Licenciatura em Artes Visuais, logo no início, percebi que a graduação é muito abrangente e nos leva a conhecer e experimentar várias linguagens artísticas o que foi me tomando muito tempo, fazendo com que eu parasse de praticar o desenho com a frequência anterior, mas, por outro lado, eu podia realizar outros tipos de leituras e continuava comprando revistas e *mangás*.

Na graduação tive a oportunidade de participar do Grupo de Pesquisa Ensino da Arte em Contextos Contemporâneos – GPEACC/CNPq. Nesse grupo, fui bolsista de Iniciação Científica – IC com bolsa fomentada pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – FUNCAP, nos projetos: “A

Contemporaneidade do Professor de Artes na Região do Cariri Cearense” (2008, 2009) e *“Vozes do Ensino de Artes na Região do Cariri Cearense”* (2010, 2011), pesquisas que objetivavam saber quem era o professor de artes das escolas estaduais dos municípios de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha no interior do Ceará e dar lugar à voz desses professores para que falassem como era seu cotidiano no exercício da docência em artes.

Durante os primeiros semestres da graduação, não consegui dar lugar às histórias em quadrinhos. Nem nas disciplinas de desenho, consegui desenhar com o mesmo prazer que desenhava antes de entrar no curso. Eu ficava me perguntando, qual o lugar das histórias em quadrinhos nas artes visuais, pois como diz Mendonça, “apesar de serem caracterizadas pela utilização de diversos elementos comuns a outras obras de artes visuais, as HQs vêm recebendo pouca atenção dessa área.” (MENDONÇA, 2008, p.9)

Ao mesmo tempo havia professores que entendiam HQ como arte, e um desses era o meu orientador na iniciação científica, o professor Fábio Rodrigues. Esse professor, constantemente me provocava a recuperar minha paixão pelas HQs em suas disciplinas, e foi em uma delas, no terceiro semestre que realizamos um trabalho na disciplina *Pesquisa e Prática Pedagógica em Artes III*, utilizando a linguagem das HQs. Em parceria com os colegas Jaildo Oliveira, Orismídio Duarte e Kathylene Furtado, produzi duas HQs de quatro páginas cada, problematizando o ensino de artes nas escolas públicas da Região do Cariri.

Porém, foi somente no quinto semestre que me encontrei e encontrei o lugar das HQs no curso. Fui procurado pelo meu orientador na iniciação científica, para fazer um *mangá* para uma Organização Não Governamental - ONG de Juazeiro do Norte, aceitei o desafio, mas como tínhamos pouco tempo para fazer, resolvi montar uma equipe e convidei cinco amigos, Jefferson de Lima, Tony Paixão, Israel de Oliveira, João Eudes e Anderson Cruz, que também desenhavam no estilo *mangá*. Dois desses haviam sido meus alunos em 2006, quando dava aulas de desenho *mangá* na escola, e todos os cinco eram estudantes do curso de artes visuais. Juntos, trabalhamos na concepção, criação e finalização do *mangá* intitulado *Laila*. HQ/*mangá* que deveria mostrar um dia na vida de uma travesti, obra publicada em maio de 2010 dentro da campanha “sou travesti. Tenho direito de ser quem sou” organizada pelo Grupo de Apoio a Livre Orientação Sexual do Cariri – GALOSC.

Participar desse trabalho foi importante, nessa experiência pude viver todo o processo de produção, coordenando o trabalho na busca de aproveitar o melhor de cada participante da equipe para que o trabalho atingisse a qualidade desejada.

Foi também, durante o quinto semestre, que participei de um evento chamado *Cariri Mostrando a 9ª Arte de Quadrinhos e Animação* realizado em agosto de 2010, na Fundação Casa Grande em Nova Olinda, interior do Ceará. Nesse evento, tive a oportunidade de conhecer a Professora Sonia Luyten que é uma das principais e pioneiras na pesquisa sobre HQs, em especial *Mangás*, do Brasil. Participei de um curso de roteiro ministrado pela Professora Luyten e pude assistir às suas palestras, fiquei encantado com tudo o que presenciei naquele evento e percebi que muitos dos participantes não eram autores de quadrinhos, mas eram pesquisadores, editores, leitores críticos e de algum modo eu também era um pesquisador, pois pesquisava a formação de professores de Artes na Região do Cariri Cearense, pensei que eu também poderia ser um pesquisador sobre HQs e comecei a partir daquele evento a estudar sobre *Mangás*/HQs.

Ainda durante aquele quinto semestre, na disciplina de Estágio Supervisionado em Ensino das Artes Visuais I, tive a oportunidade de apresentar uma proposta e desenvolver uma ação educativa com histórias em quadrinhos para o estágio em ONGs. O estágio foi realizado nos meses de agosto e setembro de 2010 no Projeto Nova Vida, uma entidade não governamental e sem fins lucrativos, criada em 1992 e situada na cidade de Crato no interior do Ceará.

Essas experiências somadas com as leituras que estava realizando, fizeram-me entender que história em quadrinhos é uma linguagem artística autônoma, com características próprias e, como tal, pode ser estudada e ensinada dentro do ensino de artes. Fui convidado pelo meu orientador a escrever sobre a experiência vivida no curso ministrado na ONG, o texto tornou-se um dos capítulos do livro *Cultura, Arte e Arte/Educação na pós-modernidade/mundo*, organizado por ele e publicado em 2011. Tentar escrever sobre a experiência me fez buscar ler sobre quadrinhos, sobre quadrinhos na educação e quadrinhos no ensino de artes e isso me encantou, quanto mais lia mais gostava de ler e muitas questões me inquietavam, questões do tipo: Quadrinhos é uma linguagem das Artes Visuais? Qual o lugar das HQs nas aulas de Artes? E se HQ é arte, por que não tínhamos uma disciplina de Quadrinhos

no curso de Artes Visuais? As leituras provocaram essas questões ao passo que apontaram algumas possíveis respostas.

Na busca de aprender mais sobre as HQs, participei no primeiro semestre de 2011 de um curso de extensão pela Universidade de Fortaleza - UNIFOR, o Curso Prático de Histórias em Quadrinhos realizado na modalidade Educação a Distância – EAD e com as aulas ministradas pelo quadrinista cearense Geraldo Borges, foi mais uma experiência importante em minha trajetória de aprendizagens sobre quadrinhos.

No sexto semestre da graduação, novamente na disciplina de Estágio Supervisionado, foi-me dada à oportunidade de ministrar um curso de extensão em histórias em quadrinhos. Eu já estava mais bem preparado do que quando ministrei a oficina na ONG no semestre anterior por tudo o que vinha estudando. Pensamos a metodologia do curso buscando uma aproximação com a Abordagem Triangular, proposta pedagógica para o ensino de artes visuais sistematizada por Ana Mae Barbosa e amplamente divulgada no livro *A Imagem no Ensino da Arte*. A proposta tem sua fundamentação por meio de três dimensões cognitivas: leitura/interpretação, contextualização e fazer artístico (BARBOSA, 2009). Essa orientação norteou o curso de HQ. Que foi muito importante e apresentou resultados excelentes, muito embora tenha tido poucos participantes, nove no total. Escrevi sobre a experiência nesse curso e apresentei no *1º Encontro Nacional de Estudos sobre Quadrinhos e Cultura Pop* realizado no Centro de Convenções da UFPE em Recife, no mês de julho de 2011.

Posteriormente voltei a apresentar a experiência nas *1ª Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos*, congresso realizado na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/USP no mês de agosto de 2011. Participar desses eventos foi uma ótima oportunidade para ouvir e dialogar com os principais pesquisadores sobre HQs do Brasil e até de outros países como a Argentina. Organizei uma base teórica de referência e continuei estudando HQs com muito entusiasmo. Também participei de vários Congressos Nacionais da Federação dos Arte-educadores do Brasil – CONFAEB, sempre apresentando resultados das pesquisas que realizávamos sobre o Professor de Artes da Região do Cariri Cearense e sobre minhas experiências com o ensino de quadrinhos.

A partir dessa trajetória com os *mangás* e *animês*, do aprendizado na graduação em artes visuais, das experiências vividas com o ensino de HQs e das participações nas pesquisas sobre o professor de artes da região do Cariri cearense cheguei ao tema do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC que pretendia desenvolver para concluir a graduação, ou seja, as HQs no ensino de artes visuais, buscando as possíveis respostas para as perguntas que me inquietavam. Para atingir esse objetivo, trabalhei com a pesquisa qualitativa e a análise bibliográfica partindo do pensamento de Ana Mae Barbosa (2009), Waldomiro Vergueiro (2009) e João Marcos Parreira Mendonça (2006, 2008) entre outros autores que se dedicam ao ensino de artes, quadrinhos na educação e quadrinhos no ensino de artes.

Tive o professor Fábio Rodrigues como orientador, ele que acompanhou toda minha trajetória na graduação, sempre provocando e estimulando a realizar estudos e encontrar o prazer da arte em minha formação.

Diante disso, em maio de 2012 eu apresentei como trabalho de conclusão de curso o estudo monográfico intitulado *História em Quadrinhos no Ensino das Artes Visuais*, uma pesquisa apresentada em três capítulos. No primeiro capítulo, apresentei um estudo sobre o que são histórias em quadrinhos, suas definições, origens e evolução histórica bem como os diferentes estilos, gêneros e denominações que essa linguagem recebe em diferentes países. Também apresentei quais os principais elementos que compõem a linguagem das HQs.

No segundo capítulo, abordei as histórias em quadrinhos como uma linguagem artística das artes visuais que embora seja uma linguagem secular, já foi motivo de muitos preconceitos por parte de vários setores da sociedade e da academia. Apresentei quais as transformações que ocorreram e proporcionaram a inserção das HQs no mundo das manifestações artísticas socialmente reconhecidas.

No terceiro capítulo, abordei a relação entre quadrinhos e educação, a superação de preconceitos que essa linguagem vem conquistando a ponto de aos poucos ir ganhando espaço nas escolas, tendo inclusive seu uso recomendado pelo Ministério da Educação – MEC, por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN e dos programas de incentivo à leitura como o Programa Nacional Biblioteca na Escola - PNBE. Tratei das relações entre quadrinhos e ensino de artes, apontando algumas possibilidades para o uso de HQs na sala de aula.

Por fim, concluí apresentando a necessidade da formação específica para o ensino de artes visuais e formação para o ensino de quadrinhos nas aulas de artes, levando em consideração as exigências com relação ao ensino de artes na contemporaneidade. Este estudo apresentado como monografia e requisito parcial para a conclusão da graduação, foi publicado como livro pela editora Marca de Fantasia em 2014, editora sediada em João Pessoa na Paraíba.

Ainda no ano de 2012, fui aprovado em processo seletivo para professor temporário na rede estadual de ensino. Comecei em abril de 2012 minha trajetória como professor na educação básica, atuando em duas escolas estaduais na cidade de Barbalha. A Escola de Ensino Fundamental Senador Martiniano de Alencar e a Escola de Ensino Médio Adauto Bezerra. Fui professor de Artes nestas escolas de abril de 2012 a abril de 2013.

No início do ano de 2013, fui aprovado em processo seletivo para professor substituto, com contrato temporário de trabalho, na Universidade Regional do Cariri – URCA. Nesta, pude atuar como professor no curso de Licenciatura em Artes Visuais de abril de 2013 a abril de 2016. Na universidade, pude ministrar disciplinas da área de ensino em artes visuais, os estágios e com a minha presença e experiência pudemos ofertar uma disciplina optativa de História em Quadrinhos na Licenciatura em Artes Visuais. Ministrei a disciplina de quadrinhos nos semestres 2013.1 e 2013.2.

A partir do estudo e das experiências com o ensino de artes visuais e de histórias em quadrinhos, apresentamos comunicações em importantes congressos da área como os CONFAEB 2013 e 2014, o 2º *Encontro Nacional de Estudo sobre Quadrinhos* na UFPE em 2012 e as 2ª *Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos* na USP em 2013. Também tive artigos publicados na *Revista Imaginário* número 3 e 6, uma revista do Grupo de Pesquisa em História em Quadrinhos da Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

No ano de 2014 assumi o cargo de professor efetivo na rede estadual de ensino do Ceará, com vínculo efetivo com a Secretaria da Educação do Ceará – SEDUC, com carga horária na Escola de Ensino Médio Adauto Bezerra, localizada em Barbalha no interior do Ceará. Portanto, toda a minha trajetória desde a

educação básica até a graduação fui tendo experiências e fazendo escolhas que me levaram a formação e atuação enquanto professor de artes.

No entanto, logo depois da graduação não pude concretizar o desejo de seguir meus estudos em nível de pós-graduação, pois me dediquei aos trabalhos na região e nesta ainda não existem cursos regulares de pós-graduação em artes nem mesmo em nível de especialização.

Portanto, na busca por uma formação continuada e da qualificação profissional me submeti a seleção nacional do Mestrado Profissional em Ensino de Artes – PROFARTES em 2015. Fui aprovado e ingressei no mestrado em 2016 com o desejo de aprofundar os estudos sobre ensino de artes visuais e de histórias em quadrinhos no contexto do ensino médio, etapa da educação básica que tenho trabalhado efetivamente desde 2014.

1.2. PROBLEMATIZAÇÃO

A Região do Cariri está localizada no sul do estado do Ceará e somente a partir de 2008 começou a ofertar cursos de graduação para formação de professores de artes. Inicialmente a Universidade Regional do Cariri começou ofertando a Licenciatura em Artes Visuais e a Licenciatura em Teatro, posteriormente a Universidade Federal do Cariri - UFCA passou a ofertar a Licenciatura em Educação Musical. No entanto, nenhuma das universidades da região tem cursos de pós-graduação em artes o que impossibilita dos seus concludentes continuarem estudos sem a necessidade de sair da região.

Portanto, para continuar meus estudos e trajetória de formação docente ingressei no Mestrado Profissional em Ensino de Artes – PROFARTES/UFRN. Para tanto apresentei a partir de minhas experiências e trajetória como estudante, artista e professor de artes, uma proposta de estudo e pesquisa sobre a leitura e produção de histórias em quadrinhos no ensino de artes do Ensino Médio. Propondo a realização durante o curso de experiências com o ensino de histórias em quadrinhos nas aulas de artes e para além da sala de aula realizar oficinas com os estudantes do ensino médio da escola pública onde trabalho. As aulas deveriam ter as histórias em quadrinhos como linguagem a ser ensinada e aprendida na escola e com isso

realizarmos uma análise das ações e seus resultados buscando responder alguns questionamentos.

Com a realização de experiências de ensinar e aprender a linguagem dos quadrinhos no ensino médio se buscou responder e compreender o problema desta pesquisa que se desdobra na seguinte questão: *Qual é o lugar das histórias em quadrinhos nas aulas de artes no ensino médio e como devemos trabalhar com o ensino de quadrinhos nas aulas de artes neste nível de ensino de modo a atender as exigências do que deve ser o ensino de artes no tempo em que vivemos?*

Ao levantarmos a questão de estudo *Qual o lugar das histórias em quadrinhos nas aulas de artes no ensino médio?* Buscamos realizar considerações sobre os quadrinhos no componente curricular arte problematizando o entendimento das HQs como recurso didático versus conteúdo específico da área de artes. Também, de um modo particular, compreender o que se espera do estudante que conclui o ensino médio no contexto brasileiro e como os quadrinhos podem colaborar efetivamente para a formação integral dos estudantes dessa etapa de formação.

Essa problematização encontra apoio na afirmação de Lúcia Pimentel (2008), ao considerar que:

As histórias em quadrinhos – HQ – foram, durante muito tempo, deixadas à margem do processo educacional, por razões diversas. Mesmo depois de aceitas e até bastante utilizadas por alguns, ainda não tinham inserção como conteúdo escolar no ensino de Arte. A literatura a esse respeito tratava, na maioria das vezes, de seu uso como recurso educacional ou de receitas para fazer histórias em quadrinhos, mas não de como as HQ podem fazer parte do ensino de Arte, sendo um dos conteúdos que promove capacidades e habilidades importantes para o desenvolvimento do pensamento artístico. (PIMENTEL in MENDONÇA, 2008, p. 11)

De acordo com João Marcos P. Mendonça (2008), a maioria das pesquisas relacionadas aos quadrinhos estão relacionadas à área de comunicação – principalmente no âmbito da linguística e da semiologia – seu caráter artístico e estético ainda é pouco explorado na área acadêmica.

O referido autor, destaca que:

Além das possibilidades conhecidas e usualmente utilizadas das HQ tais como recurso didático, análise de conteúdo e forma, utilização em livros didáticos, identificação projetiva de personalidade através das personagens, entre outras, os quadrinhos ainda têm um amplo espaço a ser explorado no âmbito escolar – principalmente nas aulas de Arte – como uma modalidade artística, sendo uma opção na qual o estudante trabalhe conceitos de Arte. (MENDONÇA, 2008, p.40-41)

Realizar uma pesquisa sobre o entendimento dos quadrinhos como Arte e de seu lugar como um dos conteúdos e não apenas como ferramenta para o ensino e experimentar possíveis metodologias para seu ensino poderá contribuir “para a constituição de um novo modo de ver as HQ, não só como diversão ou passatempo, mas também como instrumento de ensino/aprendizagem de Arte” (PIMENTEL in MENDONÇA, 2008, p. 11)

Emfim, nas aulas de artes os quadrinhos são conteúdo, instrumento, os dois? Quando perguntamos isso, levantamos a hipótese de que o lugar dado aos quadrinhos nas aulas de artes ainda têm sido de um uso simplista como ferramenta ou instrumento para se trabalhar outros conteúdos. Portanto, pensar o lugar dos quadrinhos como um conteúdo ainda carece de mais estudos e pesquisas.

Na busca por responder esta questão acredita-se ter sido possível identificar e experimentar possibilidades metodológicas para se trabalhar com o ensino de quadrinhos nas aulas de artes nesse nível de ensino de modo a atender as exigências do que deve ser o ensino da arte no tempo em que vivemos.

Pretendia-se com a realização desta pesquisa e a partir das experiências vividas e sistematizadas, realizarmos uma análise à luz de uma teoria que fosse capaz de explicá-la ou apresentar reflexões sobre as referidas questões.

1.3. OBJETIVOS

A pesquisa teve como objetivo geral: Compreender o lugar que as Histórias em Quadrinhos ocupam no Ensino de Arte, bem como possibilitar aos estudantes da Escola de Ensino Médio Adauto Bezerra a construção de conhecimentos no componente curricular Arte por meio da leitura, contextualização e experimentação de diferentes formas de produção de quadrinhos nas aulas de Arte.

Este objetivo se desdobrou em outros objetivos específicos a saber:

- Identificar na literatura sobre quadrinhos e ensino de artes as justificativas dos autores para o uso dos quadrinhos nas aulas de artes;
- Realizar um levantamento das possibilidades metodológicas para o ensino de artes através dos quadrinhos;
- Defender o ensino de quadrinhos nas aulas de artes para além de apenas um recurso metodológico, mas como uma importante forma de expressão artística humana.
- Estimular a produção e edição de quadrinhos e fanzines na escola de ensino médio como uma possibilidade de estimular a autonomia e o protagonismo juvenil na escola.

1.4. JUSTIFICATIVA

O amadurecimento e a consolidação da linguagem das histórias em quadrinhos no Brasil e em todo o mundo provocaram a realização de estudos e pesquisas destinados à análise dos múltiplos aspectos que a compõem. No Brasil, as pesquisas sobre quadrinhos começaram a acontecer a partir da década de 1970, destacando-se estudiosos pioneiros como Álvaro de Moya, Moacyr Cirne e Antônio Luiz Cagnin. Segundo Franco (2009), essas pesquisas, inicialmente estavam ligadas à área da comunicação, depois foram gradativamente migrando para outros campos como o das artes, linguística, psicologia, história, design, arquitetura entre outros.

No entanto, para João Marcos Mendonça (2006), a maioria das pesquisas acadêmicas sobre quadrinhos estão relacionadas à área de comunicação, linguística e semiologia. Estudos sobre suas possibilidades artísticas e estéticas ainda são pouco explorados. Portanto, propor aqui a realização de uma pesquisa e estudo sobre quadrinhos no ensino de artes se justifica pela necessidade de cada vez mais serem realizadas pesquisas sobre histórias em quadrinhos como recurso de ensino-aprendizagem que faz parte da cultura visual e necessita de mais estudos sobre suas possibilidades como objeto de ensino e aprendizagem na escola.

Por diversos fatores as HQs estiveram afastadas da educação e, em especial, da educação escolar. Esta linguagem foi até perseguida durante boa parte do século XX, porém a realização de estudos sobre a linguagem dos quadrinhos serviu para

mostrar que as críticas e perseguições realizadas anteriormente não tinham fundamento científico e ficaram no campo do preconceito. Atualmente se entende que os quadrinhos podem ser um importante recurso de ensino e aprendizagem na escola e até são recomendados para uso no ensino por órgãos oficiais de educação. Neste sentido, as Orientações Curriculares para o Ensino Médio, documento lançado pelo Ministério da Educação – MEC em 2006, reafirma a compreensão da importância das HQs no ensino e, especificamente, no ensino de artes ao argumentar que,

quando o aluno identifica os “truques” que os desenhistas utilizam para criar efeitos de movimento e profundidade espacial nas histórias em quadrinhos e que aqueles e outros efeitos são também utilizados na arte, distinguindo os estilos das diversas tradições, épocas e artistas, o entendimento desses aspectos torna-se mais efetivo e interessante. (BRASIL, 2006. p. 185)

As HQs nas aulas de artes podem ser úteis em exercícios de leitura e análises de imagens, pois para Mendonça (2006, p. 44), “as HQ apresentam elementos de composição comuns a várias obras de artes visuais, podendo proporcionar através de sua análise a identificação de como os elementos visuais atuam em sua estrutura espacial e a maneira como se organizam no espaço”. Diante disto, para professores de Artes,

as HQs podem ser uma poderosa ferramenta pedagógica, capaz de explicar e mostrar aos alunos de forma divertida e prazerosa, a aplicação prática de recursos artísticos sofisticados, tais como perspectiva, anatomia, luz e sombra, geometria, cores e composição (BARBOSA, A. 2009, p. 131).

Portanto, hoje graças ao resultado de estudos e pesquisas científicas, as histórias em quadrinhos são sugeridas como uma importante ferramenta pedagógica para os diversos componentes curriculares da escola. No entanto, recomenda-se o uso de quadrinhos, mas acreditamos que se faz necessário responder o questionamento sobre “qual o lugar das histórias em quadrinhos nas aulas de artes no ensino médio?”.

Tomando como referência alguns estudos realizados (SILVA, 2014), entendemos que os quadrinhos no ensino de artes podem ser mais do que uma ferramenta, deveriam ser consideradas como uma linguagem que pode e deve ser

ensinada e aprendida nas aulas de artes da educação básica como uma legítima manifestação artística e expressiva do ser humano.

Por isso, com a realização desta pesquisa, pretendíamos realizar uma ação prática de ensino e aprendizagem em artes que tivessem os quadrinhos como objeto de ensino aprendizagem de modo que além da leitura e análise de quadrinhos fosse trabalhado diferentes formas de produção de quadrinhos, pois ao aprender a fazer uma HQ o aluno usará diversos conteúdos das Artes Visuais, desde os fundamentos básicos do desenho até elementos de outras formas de linguagem como a pintura, a fotografia, o cinema entre outras (SILVA, 2014).

A realização de um estudo teórico e de uma ação prática pode nos permitir responder a partir da análise da experiência, qual o lugar que os quadrinhos deveriam ocupar nas aulas de artes do ensino médio, bem como apresentar possíveis metodologias para o ensino de quadrinhos no ensino de artes a partir da nossa experiência.

Para responder as questões desta pesquisa, além de fazermos uma revisão bibliográfica, entendemos ter sido necessário experimentar situações de ensino aprendizagens com histórias em quadrinhos e durante a realização e análise dos resultados estabelecermos um diálogo da experiência com o referencial teórico da área. Por isso, nossa proposta foi de vivenciar situações de ensino aprendizagem de quadrinhos como uma linguagem artística das artes visuais acreditando que esta proposta poderia ser importante para gerar mais conhecimentos e reflexões sobre o lugar que os quadrinhos devem ocupar na escola e em particular no componente curricular Arte.

1.5. METODOLOGIA

Para a realização deste estudo tomamos como referência a trajetória do pesquisador, as experiências adquiridas com o ensino de artes e com o ensino de quadrinhos realizados em Organizações Não Governamentais – ONGs, escolas e até no âmbito da universidade. Realizamos estudos de análise bibliográfica, buscando saber o que dizem os principais autores da área sobre as possibilidades de uso dos quadrinhos nas práticas de ensino e aprendizagem em artes.

Para isso, trabalhamos com a vertente da metodologia de pesquisa qualitativa. A metodologia se constituiu como uma investigação sobre a prática com a finalidade de melhorá-la (DAVID TRIPP, 2005). Realizamos, portanto, uma investigação usando como metodologia a Pesquisa-ação participante. Para o autor citado, a pesquisa-ação educacional é principalmente uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e conseqüentemente o aprendizado dos alunos. Portanto, essa vertente de pesquisa é a que melhor se adequa a natureza do estudo que realizamos com essa investigação.

Ainda sobre a pesquisa-ação, Thiollent e Colette afirmam que “a ação educacional a ser estudada e estimulada pela pesquisa-ação deve contribuir para transformar processos, mentalidades, habilidades e promover situações de interação entre professores, alunos e membros do meio social circundante.” (THIOLLENT; COLETTE, 2014, p. 212).

Portanto, além do estudo bibliográfico, realizamos duas experiências práticas de ensinar quadrinhos na escola. Uma oficina com uma carga horária de 30 horas que foi realizada em dez encontros de três horas-aula cada. Também realizamos um conjunto de aulas que contemplaram as atividades de um bimestre letivo na escola, realizando um total oito horas-aula de cinquenta minutos cada em uma turma de primeiro ano do Ensino Médio.

Aplicamos, também, um questionário tanto na sala de aula regular, quanto na turma da oficina que buscou dentre outras questões responder se os estudantes do Ensino Médio são leitores de quadrinhos, quantos já leram, leem ou gostariam de ler. Como é feita a leitura de quadrinhos pelos estudantes do ensino médio, se compram, pegam na Biblioteca da escola ou leem pela internet? Também buscou saber se fazem quadrinhos ou já tentaram fazer quadrinhos?

Para as aulas de quadrinhos tomamos como referência a Abordagem Triangular, uma proposta pedagógica para o ensino de artes visuais sistematizada pela professora e pesquisadora Ana Mae Barbosa e amplamente divulgada nos anos de 1990 a partir da publicação do livro *A imagem no ensino da arte*. Essa proposta tem sua fundamentação por meio de suas três dimensões cognitivas: leitura/interpretação, contextualização e fazer artístico (BARBOSA, 2009)

Sobre o ensino de quadrinhos a partir da Abordagem Triangular, Ana Mae Barbosa (2009) faz referência ao estudo O Humor dos Quadrinhos como Instrumento Educacional, realizado por Eduardo Carvalho (2007), no qual ele entrevista a professora Betânia Libanio Dantas de Araújo que ao se referir à importância de se trabalhar a partir da proposta sistematizada por Ana Mae diz que,

se atuamos apenas no fazer sem reflexão ou só na leitura alheia ao fazer, quebra-se aí o princípio da aprendizagem significativa. Esse é um problema em muitas escolas que ensinam quadrinhos apenas como repetição de uma técnica determinada impedindo os seus estudantes de criar os seus próprios personagens com traços próprios e perdem quando não lêem sobre a história em quadrinho, não debatem. (BARBOSA, A. M. 2009, p. XVII)

Portanto na experiência relatada nesse trabalho, nossos alunos foram apresentados a diferentes exemplares de HQs, conheceram e leram diferentes estilos, gêneros e formatos. Realizaram leituras e contextualizaram estas leituras conhecendo mais sobre a época que a HQ foi feita, quem a fez e como a fez, foram realizados debates sobre as histórias em sala de aula.

No decorrer das aulas foram apresentados a diferentes processos de produção de quadrinhos desde os mais artesanais até os mais profissionais, culminando com a experimentação e produção por eles de suas próprias histórias que foram produzidas individualmente ou em coletivo.

Nessa proposta, tivemos um ensino de quadrinhos que considerou os quadrinhos como uma linguagem artística autônoma, com características próprias, vocabulário próprio que dentre várias outras linguagens artísticas é mais uma importante forma de expressão visual. Nessa experiência tivemos os próprios quadrinhos como objeto central do ensino e não apenas um meio para discutir outros conteúdos. Realizamos leituras, contextualizações e produções culminando com a edição e publicação das produções realizadas pelos alunos no decorrer das aulas.

Acreditamos que a análise dessas experiências com o ensino de quadrinhos fundamentadas por um referencial teórico da área, nos apresentou algumas possíveis respostas para as indagações que provocaram a pesquisa.

1.6. ESTRUTURA DO TRABALHO

O trabalho que aqui apresentamos, está estruturado em três capítulos antecédidos de uma introdução e seguidos de uma conclusão. Na introdução apresentamos a origem do estudo, identificando e apresentando o problema, objetivos, justificativa e metodologia da pesquisa realizada.

O primeiro capítulo, trata-se de uma revisão na literatura sobre histórias em quadrinhos, quadrinhos e educação e quadrinhos no ensino de artes. Essa revisão buscou responder aos objetivos da pesquisa no que diz respeito as possibilidades de aplicação dos quadrinhos em aulas de artes, apresentando as justificativas de pesquisadores para que os quadrinhos possam superar os preconceitos e finalmente poder ocupar algum espaço no ensino de artes. Para isso, são apresentadas algumas definições para o que são quadrinhos e qual a compreensão de quadrinhos que usamos nesse estudo. Também aborda quais os principais elementos que constituem a linguagem dos quadrinhos. Estabelece uma relação entre quadrinhos e educação com foco nas possibilidades de usos de HQs no ensino de artes do ensino médio.

O segundo capítulo apresenta e contextualiza uma experiência com o ensino de quadrinhos durante um Bimestre letivo na Escola de Ensino Médio Adauto Bezerra, problematizando as dificuldades e possibilidades para se trabalhar com o ensino de quadrinhos em uma turma numerosa e com um tempo reduzido. O capítulo busca através de um relato e análise de experiência apresentar algumas possibilidades metodológicas para o ensino de arte através dos quadrinhos e do ensino da linguagem dos quadrinhos como arte na sala de aula.

O terceiro e último capítulo apresenta um relato e análise de uma experiência com a produção de quadrinhos na escola, realizada no contexto da pesquisa por meio de uma oficina de quadrinhos na Escola de Ensino Médio Adauto Bezerra, o relato explicita como se deu o planejamento e efetivação da oficina, seus desafios, dificuldades e como conseguimos superar as dificuldades de modo a atingirmos alguns dos resultados desejados com a participação e produções dos alunos. O capítulo, se pauta na possibilidade do ensino de quadrinhos na escola para além de apenas um recurso metodológico, mas como uma importante forma de expressão artística humana que ao ser apreendida pelos jovens podem possibilitar a

eles o desenvolvimento de sua autonomia e protagonismo ao criar, editar e publicar quadrinhos na escola.

Por fim, apresentamos as nossas considerações finais e os resultados obtidos com esse estudo, destacando o que aprendemos e como acreditamos que esse estudo pode colaborar com novos estudos e experiências com o ensino de quadrinhos na escola e nas aulas de artes reconhecendo um lugar legítimo para as histórias em quadrinhos como conteúdo de ensino aprendizagem no ensino de artes no Ensino Médio.

2. QUADRINHOS E ENSINO DE ARTE NA EDUCAÇÃO ESCOLAR

Quando identificamos a questão de estudo, “*Qual é o lugar das Histórias em Quadrinhos no ensino de Artes do ensino médio?*” buscamos identificar possíveis repostas através de uma revisão bibliográfica e da análise de experiências práticas com o ensino e aprendizagem de quadrinhos no contexto escolar. Primeiramente, realizando levantamento bibliográfico sobre o assunto, observamos que diferentes autores apresentam definições distintas para o que vem a ser quadrinhos, e que estas existem em diversos lugares do mundo, possuindo denominações distintas, mas mantendo conceitualmente as mesmas características.

Para respondermos a questão geral e norteadora desse estudo, optamos didaticamente por desdobrar a indagação em outras perguntas. Primeiro, buscamos responder o que são quadrinhos? Para podermos, na sequência, identificar porque os quadrinhos podem ou devem ocupar algum espaço na educação e de modo especial no cotidiano escolar? Enfim, estando os quadrinhos ocupando espaços no contexto escolar, como esses podem e devem ser utilizados em ações de ensino e aprendizagem do componente curricular Arte?

Este primeiro capítulo dedica-se a apresentar possíveis respostas a essas questões, pois entendemos que essa compreensão será necessária para fundamentar e explicar as experiências práticas com o ensino de quadrinhos que nos propusemos a planejar e executar em uma escola pública de ensino médio por ocasião desta pesquisa.

2.1. DEFINIÇÕES PARA HISTÓRIA EM QUADRINHOS

Diferentes fontes de pesquisa informam que as Histórias em Quadrinhos, aqui também chamadas de Quadrinhos ou simplesmente sua abreviação (HQs), existem há mais de um século e desse modo fazem parte das experiências culturais de crianças, jovens e adultos. Constituem-se assim como parte da cultura humana em diferentes povos. Mas, para a literatura científica, o que são Histórias em Quadrinhos? O que as identifica e o que é necessário para denominarmos e afirmarmos algo como sendo quadrinhos?

Essa pode parecer uma pergunta simples, mas na busca por estudar e pesquisar sobre quadrinhos, observamos que responder a esse questionamento não é tão simples quanto parece. Isso porque para apresentarmos tal perspectiva de resposta devemos considerar algumas particularidades que tornam os quadrinhos um tipo de linguagem único. Acreditamos, portanto que se faz necessário responder a essa questão para podermos, de acordo com Scott McCloud (2005), superar os estereótipos e demonstrar todo o potencial dos quadrinhos.

A partir de uma revisão na literatura específica sobre quadrinhos, identificamos algumas definições frequentemente usadas para quadrinhos e aqui apresentamos algumas das principais dessas definições. Uma das primeiras e mais importantes publicações teóricas sobre quadrinhos no Brasil data de 1975, um livro intitulado *Os Quadrinhos* de autoria do pesquisador Antônio Luiz Cagnin (1930-2013). Essa publicação foi revisitada e reeditada em 2014, nela o autor considera que “a denominação de *história em quadrinhos*, empregada no Brasil, e a de *história aos quadrinhos* (*sic!*), em Portugal, já contêm o gérmen de uma pequena definição do que é este sistema de história narrada com imagens em sequência” (CAGNIN, 2014, p. 31).

Uma importante definição que encontramos foi elaborada pelo quadrinista Will Eisner, autor que criou o termo “Arte Sequencial” para denominar os quadrinhos. Essa definição foi amplamente difundida através da publicação do seu livro intitulado *Quadrinhos e Arte Sequencial* de 1985. O livro de Eisner, bem como a definição elaborada por ele é muito relevante para quem deseja estudar sobre quadrinhos, por vários motivos, entre eles, é uma das primeiras a considerar as HQs como uma forma de expressão artística ao descrever os quadrinhos como “arte sequencial”. Em uma nova edição revista e atualizada que foi publicada no Brasil em 2010, Will Eisner (2010, p. IX) define os quadrinhos ou arte sequencial como: “uma forma artística e literária que lida com a disposição de figuras ou imagens e palavras para narrar uma história ou dramatizar uma ideia”. Muitos artistas e pesquisadores tomam como referência a definição de Eisner ao refletirem e abordarem os quadrinhos em seus estudos e trabalhos.

No entanto, observamos que para outros teóricos e estudiosos sobre o assunto, a definição elaborada por Eisner é de certo modo abrangente. Esses outros autores, consideram que o Cinema e as Animações, ou desenhos animados,

também podem ser definidos como formas de arte sequencial. Na busca por uma definição mais precisa, Scott McCloud (2005) apresenta uma definição para os quadrinhos como: “Imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou (sic!) a produzir uma resposta no espectador” (McCLOUD, 2005, p. 9). Segundo o autor, essa definição é mais objetiva do que a apresentada por Eisner por especificar que as HQs são formadas pela justaposição de imagens pictóricas, diferenciando-a do cinema e dos desenhos animados que são sequenciais em tempo, enquanto os quadrinhos são sequenciais espacialmente.

Observamos e destacamos aqui, que as definições de Eisner (1985, 2010) e McCloud (2005) tomam como referência uma das características das HQs ao se constituírem pela justaposição de imagens, que pode ser identificada nas tiras, páginas ou painéis, revistas de histórias em quadrinhos e álbuns. As tiras são as mais simples e comumente publicadas em jornais ou na internet, são formadas por uma sequência de poucos quadros ou vinhetas e geralmente são humorísticas. Como podemos observar na tira da personagem *Marieta* (Figura 1).



Figura 1: Tira número 0009 da personagem Marieta dos quadrinistas Potiguares José Veríssimo e Ju Veríssimo. Fonte: Arquivo do autor.

O pesquisador Paulo Ramos (2017), considera que a tira é um formato utilizado para a veiculação de histórias em quadrinhos em suportes e mídia impressos e digitais. Os formatos das tiras podem variar dependendo do suporte. Para Paulo Ramos,

Esse molde pode ser apresentado de várias maneiras: no tradicional, o mais comum, composto de uma faixa retangular horizontal ou

vertical; o equivalente a duas, três ou mais tiras; quadrado; adaptado. O número de quadrinhos também é variável: a história pode ser condensada em um quadro só ou então ser narrada em várias cenas, de forma mais longa. Pode vir acompanhada ou não de elementos paratextuais como título, nome do autor etc. (RAMOS, 2017, p. 31)

As páginas ou painéis são HQs que se resolvem em uma ou até meia página, é um formato intermediário entre as tiras mais longas e as revistas de histórias em quadrinhos que por sua vez necessitam de várias páginas para poder contar uma história ou dramatizar uma ideia. Neste caso é necessário ler toda a revista para se compreender completamente a narrativa apresentada.

No entanto, observa-se que as definições para quadrinhos de Cagnin (1975, 2014), Eisner (1985, 2010) e McCloud (2005), excluem os Cartuns, as Charges e até mesmo as tiras com um só quadrinho como sendo histórias em quadrinhos, porém esses são muito próximas e até considerados por alguns pesquisadores como gêneros dos quadrinhos, mesmo não se constituindo pela justaposição e sequencialidade de imagens.

As leituras nos mostram ser necessário diferenciar *Cartum* de *Charge* que embora se pareçam, não são iguais e possuem conceituações distintas. *Cartum* vem da palavra inglesa “cartoon” que significa literalmente cartão, suporte onde eram feitos desenhos de humor para serem inseridos em jornais. Nobu Chinen (2011) considera que o cartum é de caráter atemporal, em geral é carregado de humor, mas seu humor não tem prazo de validade. A graça é produzida por elementos universalmente compreensíveis, independente de país e época de sua produção como este cartum do cartunista argentino Quino (Figura 2).



Figura 2. Cartum ill doctor spider-M do cartunista argentino Quino.

Fonte: <http://www.bestcartoons.net/keyword/quino/i-4ThmSqC> Acesso em: 13/03/2018

Quanto à *charge*, segundo Chinen (2011), a própria denominação ajuda a definir, pois *charge* é de origem francesa (*charger*) e significa “ataque” ou “carregar” que é uma das características da *charge* ao ter uma função de geralmente exercer alguma crítica a uma determinada personalidade, acontecimento ou situação política, econômica e/ou social. Na maioria das vezes ela só pode ser compreendida dentro de um determinado contexto e por isso tende a se tornar datada. Como podemos observar na charge do Sinovaldo que trata de uma situação social, a grave crise das doenças transmitidas por mosquitos no Brasil (Figura 3).



Figura 3: Charge de Sinovaldo sobre a guerra contra o mosquito transmissor da Dengue, publicada no Jornal NH em 12/02/2016.

Fonte: http://www.jornalnh.com.br/_conteudo/2016/02/noticias/regiao/276467-lampada-magica-e-guerra-contra-o-aedes-nas-charges-dos-jornais-deste-sabado.html Acesso em: 13/03/2018

Para o pesquisador Edgard Guimarães (2010) a sequência de imagens é uma das principais características das HQs, mas não é essencial para definir um trabalho como história em quadrinhos. Segundo o autor, “uma HQ pode ser realizada com uma única imagem desde que esta consiga representar um movimento, narrar um fato, contar uma história” (GUIMARÃES, 2010, p. 31).

O pensamento de Guimarães pode nos levar a concluir que tanto o *cartum* quanto a *charge* e as tiras de um só quadro podem ser definidas como um tipo de quadrinhos. Para Paulo Ramos (2009), as HQs se constituem em um grande rótulo, podendo ser entendidas como um *hipergênero*, que abriga vários outros gêneros com suas peculiaridades. Sendo assim, “podem ser abrigados dentro deste grande guarda-chuva chamado quadrinhos os cartuns, as charges, as tiras cômicas, as tiras seriadas e os vários modos de produção das histórias em quadrinhos.” (RAMOS, 2009, p. 21).

Para Chinen (2011), estas diferentes definições para quadrinhos são possíveis devido ao fato de que os elementos que constituem as HQs não serem necessariamente obrigatórios, ou seja, podem existir HQs sem balões, sem textos e até mesmo sem os próprios quadrinhos. Para o autor, as HQs podem ter muitos quadrinhos ou apenas um, o que não pode faltar é uma narrativa.

O artista e pesquisador Edgar Franco (2008) depois de fazer uma análise de várias definições para quadrinhos de teóricos como Will Eisner (1989), Scott McCloud (1995), Edgard Guimarães (1999), Roman Gubern (1979) e Antônio Cagnin (1975), conclui que HQs são “a união entre texto, imagem e narrativa visual, formando um conjunto único e uma linguagem sofisticada com possibilidades expressivas ilimitadas” (FRANCO, 2008, p. 25).

Portanto, consideramos em nosso estudo as diferentes definições de todos eles, pois todas são importantes e estão situadas historicamente. Não é nossa intenção com esse estudo elaborar e apresentar uma nova definição ou sugerir qual seria de fato a melhor definição para HQ, no entanto a partir dessas diferentes definições e conceituações, para este estudo, partimos da compreensão que as histórias em quadrinhos são uma linguagem artística formada pela junção entre imagem, texto e narrativa visual, e modo que todos os gêneros de quadrinhos em seus diferentes estilos e formatos estejam contemplados. É o entendimento de quadrinhos como linguagem artística visual e consequentemente da liberdade para se experimentar diferentes processos de criação em situações de ensino e aprendizagem de arte que norteiam esta pesquisa ação.

2.2. A LINGUAGEM DOS QUADRINHOS

Observamos que muitos autores tratam os quadrinhos como sendo uma forma de *linguagem*. Chinen (2011, p. 5) as apresenta como “uma linguagem gráfico-visual constituída de vários elementos”. Aqui buscaremos apresentar alguns dos principais elementos que constituem os quadrinhos como uma linguagem. Entendemos linguagem como uma forma de compreender e usar um conjunto dinâmico de símbolos em modalidades diversas para pensar e comunicar, ou seja, é uma forma de comunicação humana. Sobre linguagem, Urbano na apresentação do livro *A leitura dos quadrinhos* (Ramos, 2009) afirma que,

língua é, originária e primordialmente a “fala” que se manifesta ou pode se manifestar pelos canais sonoro da fala, e gráfico da escrita e visual dos gestos, imagem, cor etc. Têm-se, então, as linguagens verbal e não verbal, que se complementam – e se explicam – via linguagem dos quadrinhos, entre outros meios e modos. (URBANO In RAMOS, 2009, p. 8)

A partir da afirmação de Urbano, pode-se entender que a linguagem dos quadrinhos é formada pela junção entre as linguagens verbal e não verbal. A linguagem verbal é quando se utiliza de palavras para se expressar seja pela fala ou escrita, enquanto a linguagem não verbal utiliza outros meios para se expressar e comunicar como: imagens, gestos, sons e uma variedade de signos visuais. Sobre os quadrinhos como linguagem, Will Eisner (2010) considera que:

Em sua expressão mais simples, os quadrinhos empregam uma série de imagens repetitivas e símbolos reconhecíveis. Quando são usados vezes e mais vezes para expressar ideias semelhantes, tornam-se uma linguagem – uma forma literária, se se preferir. E é essa aplicação disciplinada que cria a “gramática” da arte sequencial. (EISNER, 2010, p 2)

Para Paulo Ramos (2009, p. 30), “ler quadrinhos é ler sua linguagem. Dominá-la. Mesmo que em seus conceitos mais básicos, é condição para a plena compreensão da história e para a aplicação dos quadrinhos em sala de aula e em pesquisas científicas sobre o assunto”. Sobre isso, a professora Natania Nogueira (2017), chama a atenção considerando que “a leitura dos quadrinhos não é tão simples quanto parece e é preciso que o leitor aprenda a dominar códigos que lhe permitam fazer uma leitura simultânea da imagem e texto. Assim, ao contrário do que se afirmou durante muito tempo, ler quadrinhos não é fácil.” (NOGUEIRA, 2017, p. 70). Portanto, consideramos necessário para nosso estudo, apresentar alguns dos principais elementos que compõem a chamada linguagem dos quadrinhos.

2.2.1 Quadrinho, vinheta ou painel

O primeiro elemento básico é o *quadrinho* também chamado de *vinheta* ou *painel*. É a área limitada onde é situado cada momento da história. Este elemento é tão importante que no Brasil a linguagem é chamada de “história em quadrinhos” ou simplesmente “quadrinhos”. Esse elemento pode assumir muitas formas, depende do interesse e criatividade do autor, mas, em geral, há preferência pelas formas

retangulares ou quadradas. O formato e o tamanho do quadrinho podem influenciar na leitura e conseqüentemente na interpretação do leitor como podemos observar na Figura 4.

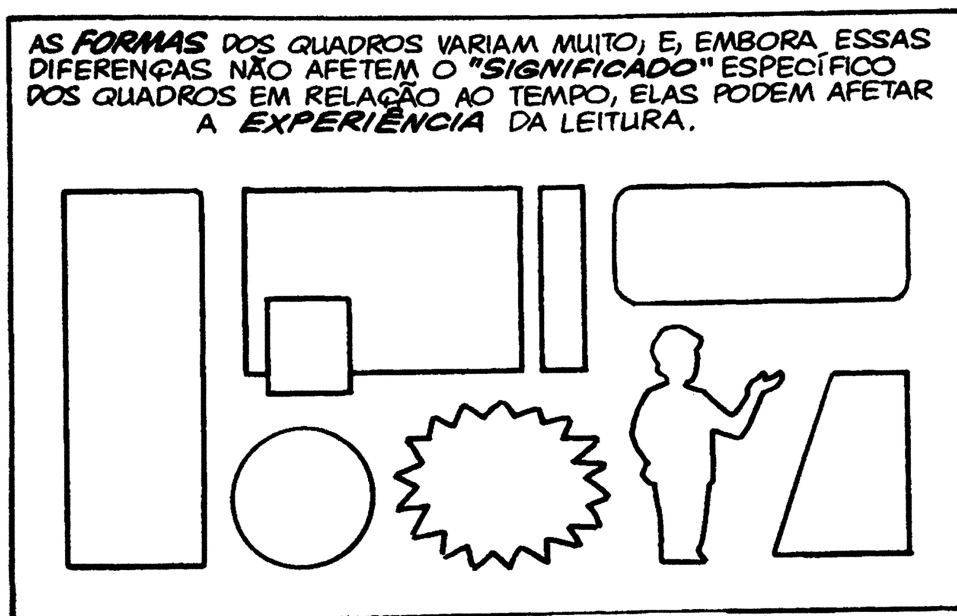


Figura 4: As diferentes formas dos quadros (McCLOUD, 2005, p. 99)

2.2.2 Linha demarcatória ou requadro

O elemento quadrinho possui uma borda também chamada de *linha demarcatória* ou *requadro*, essa linha consiste no contorno ou moldura do quadrinho. O requadro também exerce uma função na narrativa, quando feito com linhas retas ou similares indicam o presente vivido pelos personagens. Para representar tempos passados ou o que se passa na mente dos personagens como sonhos ou algo imaginado, usa-se o requadro com linhas onduladas ou tracejadas. Para Will Eisner, "o formato (ou ausência) do requadro dá a ele a possibilidade de se tornar mais do que apenas um elemento do cenário em que a ação se passa: ele pode passar a ser parte da história em si." (EISNER, 2010, p.29)

2.2.3 Balão, recordatório e legenda

Um dos elementos mais característico da linguagem dos quadrinhos é o *balão*. Este é um recurso usado para dar voz a um meio que não é sonoro, permitindo a inserção de falas e pensamentos dos personagens na história. Para

Ramos (2009, p. 34), “os balões talvez sejam o recurso que mais identifica os quadrinhos como linguagem”.

O balão pode assumir vários formatos (Figura 5), cada um com uma carga de sentido diferente, que é definido pela sua linha de contorno. A linha contínua, seja reta ou curvilínea, é tida como o modelo mais neutro, que serve para situar as falas ditas em tom de voz normal. Em geral, todos os balões que fogem do modelo neutro adquirem um sentido diferente e particular. Segundo Ramos (2009), este efeito obtido por meio das variações do contorno formam um código de sentido próprio da linguagem dos quadrinhos.

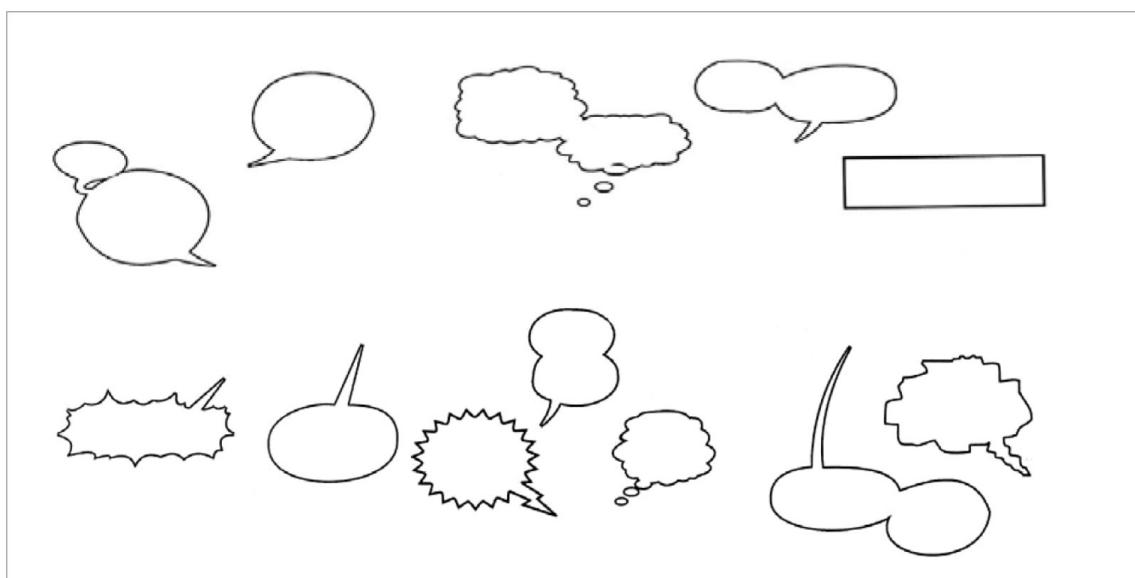


Figura 5. Diferentes formatos de balões (PESSOA, 2006, p. 101)

Além dos balões, a linguagem verbal também é inserida nas HQs por meio de outro elemento chamado de *recordatório* ou *legenda*. Os recordatórios são caixas de texto geralmente em formato retangulares encontradas na vinheta ou quadrinho, utilizadas pelo narrador autor ou narrador personagem para determinar o tempo da situação ou para informar de algum fato importante não mostrado na cena.

2.2.4 Onomatopeias

Outro elemento característico das HQs são as *onomatopeias*. Sobre esse elemento nos quadrinhos, Waldomiro Vergueiro explica que:

“as onomatopeias são signos convencionais que representam ou imitam um som por meio de caracteres alfabéticos. Elas variam de país a país, na medida em que diferentes culturas representam os sons de acordo com o idioma utilizado para sua comunicação”. (VERGUEIRO in RAMA e VERGUEIRO, 2009, p. 62)

As onomatopeias podem ser utilizadas tanto dentro quanto fora dos balões, fora dos balões servem para representar sons ambientais que não são produzidos por cordas vocais, ou seja, toda espécie de ruído natural. Além do efeito sonoro, este recurso cria um efeito estético equivalente. São, por exemplo, uma das características mais marcantes dos mangás (quadrinhos japoneses) como pode-se observar em um quadro de uma das páginas do capítulo 881 do Mangá *One Piece* de autoria do artista Eiichiro Oda (Figura 6).



Figura 6: Quadro com uso de onomatopeias da página 13 do capítulo 881 do mangá *One Piece*.
Fonte: <http://cdmnet.com.br/titulos/one-piece/manga/ler-online/881#13> Acesso em 13/03/2018

2.2.5 Metáforas Visuais

Nos quadrinhos também encontramos as *metáforas visuais*, elas funcionam como as figuras de linguagem, são símbolos gráficos que substituem palavras para tornar um conceito mais claro ou exagerá-lo. São possíveis, pois utilizam ícones ou imagens estereotipadas para o leitor decifrar com facilidade. Como exemplos, podemos citar os corações em volta do personagem (Figura 7), ou uma lâmpada

dentro do balão ou acima da cabeça do personagem que significam que o personagem está apaixonado ou amando ou que teve uma ideia, respectivamente.



Figura 7. Exemplo de Metáforas Visuais nas HQs da Turma da Mônica de Maurício de Sousa.

2.2.6 Linhas cinéticas ou linhas de movimento

Uma das características mais marcantes dos quadrinhos é que são formados por imagens estáticas, nas quais os autores tentam representar o movimento em uma única imagem. Para isto exploram a representação de gestos e posições corporais dos personagens. Porém, para reforçar as ações, se utilizam de um recurso chamado de *linhas cinéticas* ou *linhas de movimento*, desenhando linhas que indicam a trajetória desenvolvida pelo personagem. Sobre as linhas cinéticas, Franco (2008, p. 50) considera que elas “são na verdade uma convenção gráfica usada nas histórias em quadrinhos para representar a ilusão de movimento e/ou a trajetória dos objetos”. Na Figura 8, pode-se observar em um quadro de uma das histórias de *Asterix*, o uso tanto de onomatopeia, metáforas visuais como das linhas cinéticas.



Figura 8: Exemplos de Linhas Cinéticas na HQ Asterix e Obelix de René Goscinny e Albert Uderzo

2.2.7 Enquadramentos

Na sequência desta identificação dos elementos que compõem a linguagem dos quadrinhos, chegamos ao *enquadramento*. Os enquadramentos referem-se à visão que o observador tem da cena. Para isto elas são representadas igualmente aos planos usados no cinema, os chamados *planos cinematográficos* (Figura 9).

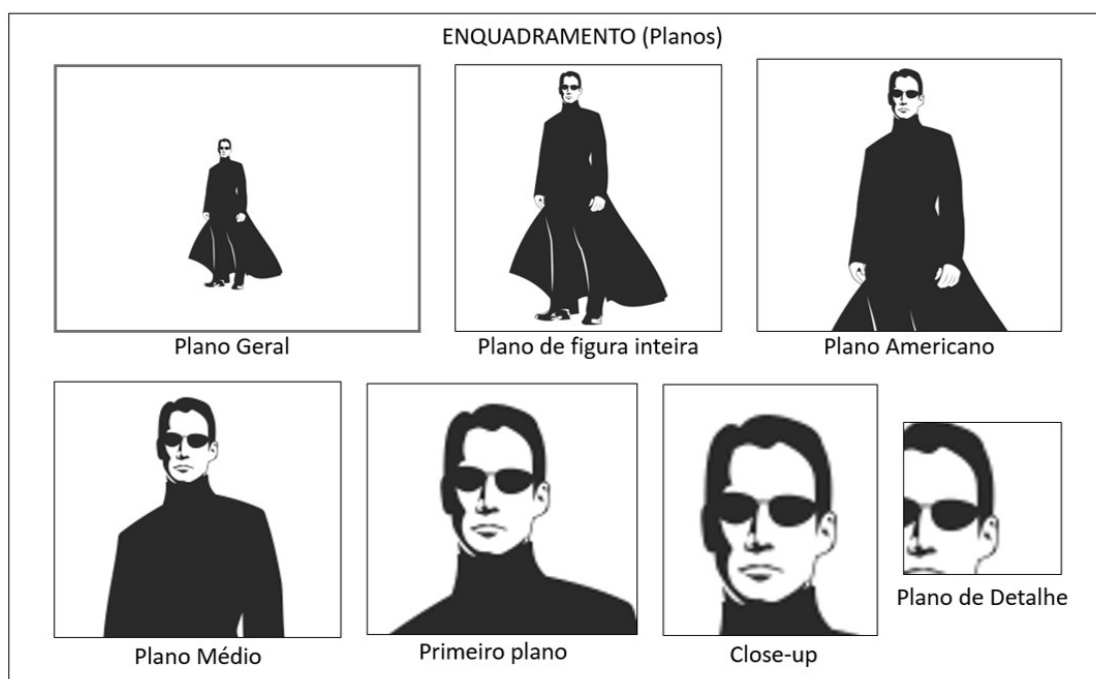


Figura 9: Exemplos básicos de enquadramentos.

Portanto, como se observa na Figura 9, o quadrinho pode ser representado por um *plano geral*, onde o enquadramento é amplo o bastante para incluir os personagens e o cenário. Pelo *plano de figura inteira*, mostra todo o corpo do personagem, mas desconsidera o cenário que aparece minimamente. *Plano americano*, que consiste na representação do personagem mostrando dos joelhos para cima. *Plano médio*, enfocando da cintura para cima reforçando os traços do rosto. *Primeiro plano*, que representa os personagens dos ombros para cima enfocando o rosto e as expressões faciais. *Plano de detalhe* ou *close-up*, onde a atenção é voltada para detalhes do rosto ou de objetos entre outros.

Sobre os enquadramentos, vale a pena lembrar que esses são compartilhados por todas as artes que se utilizam de imagens, visto que as imagens são sempre um recorte de algo maior.

2.2.8 Sequência narrativa

Depois de identificar todos os elementos acima, destacamos uma das principais características das HQs responsável por algumas das principais definições para a linguagem. Esta que é a justaposição de imagens, a *sequência* que faz com que o leitor deseje seguir adiante, ficar apreensivo e curioso pelo que acontecerá. As histórias são organizadas com a sequência de cenas em vinhetas ou quadros que se complementam para dar sentido à história (Figura 10).

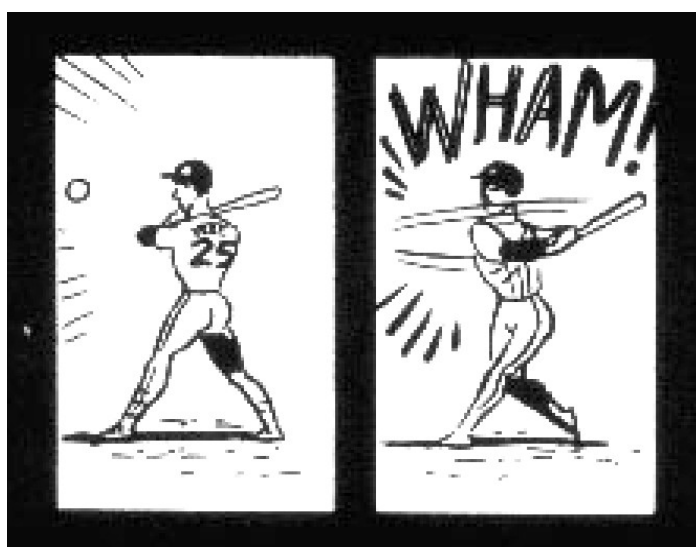


Figura 10: Exemplo de sequência narrativa, (McCLOUD, 2005, p. 70)

2.2.9 Eclipse, sarjeta, hiato ou calha

Nessa justaposição de imagens/cenas surge outro elemento típico dos quadrinhos que é chamado de *elipse*, *sarjeta*, *hiato* ou *calha* (Figura 11), trata-se do espaço gerado entre duas vinhetas. É este elemento que exige do leitor uma capacidade de imaginação e conclusão para entender o que aconteceu de um quadrinho para outro. Scott McCloud (2005, p. 66) diz que “a sarjeta é responsável por grande parte da magia e mistério que existem na essência dos quadrinhos”.



Figura 11: A sarjeta por McCloud (2005, p. 66)

Ainda sobre esse elemento, que pode ser chamado de calha, a pesquisadora Cristina Oliveira, considera que:

o espaço entre cada quadro (vinheta) que compõe as histórias torna-se elemento vital para a sequencialidade das HQs e revela-se como o local do impulso narrativo, que tanto pode ser espacial quanto temporal. No intervalo entre uma cena e outra é que a história se completa, devido à ação realizada pelo próprio leitor, que transforma os quadrinhos separados num todo indissociável, por meio da conclusão. (OLIVEIRA, 2008, p. 48)

Constatamos que são muitos os elementos que constituem a linguagem dos quadrinhos, o que apresentamos aqui são os mais básicos que podem ser facilmente identificados em qualquer história em quadrinhos. Observamos que para um trabalho ser definido como HQ ele não precisa necessariamente ter todos estes

elementos. Mas de um modo geral, o leitor de quadrinhos precisa conhecer e dominar esses elementos para poder aproveitar a leitura o melhor possível.

2.3. QUADRINHOS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR

Para estabelecer relações entre Histórias em Quadrinhos e Educação, realizamos uma revisão em algumas publicações sobre o assunto. As fontes consultadas e citadas a seguir nos fizeram perceber que os quadrinhos têm muito a oferecer as práticas educativas no contexto da educação escolar, pela própria natureza das HQs ao serem constituídas pela junção das linguagens verbal e não verbal (CAGNIN, 2014).

Se considerarmos que para ler textos é necessário ser alfabetizado, o grande sucesso das HQs com o surgimento de um público numeroso de leitores se tornou possível, em parte, graças à implantação da educação pública, como destaca o pesquisador Mário Feijó ao afirmar que “antes do surgimento da educação pública para atender às grandes populações urbanas, em fins do século XIX na Europa e nos Estados Unidos, ler era privilégio de poucos” (FEIJÓ, 1997, p. 14).

Deve-se ressaltar aqui, no entanto, que a linguagem dos quadrinhos transcende os limites da palavra escrita, pois ela pode ser explorada mesmo que o emissor e receptor não seja capaz de ler e escrever verbalmente no sentido tradicional. Para ler textos, é preciso decodificar e interpretar palavras e frases, mas para ler uma HQ é preciso interpretar, além dos textos verbais os não verbais como é o caso das imagens e dos elementos gráficos visuais. Em todos os casos é preciso ser alfabetizado para exercitar plenamente sua leitura. Aqui, entendemos leitura como o ato de perceber e decodificar símbolos, integrando diversas informações para apreender uma mensagem. Diante deste entendimento, a prática de leitura pode ser aplicável tanto a textos e imagens como diversas outras formas de linguagem.

No entanto, por diversos fatores as HQs estiveram afastadas da educação e, de um modo especial, da educação escolar. Sobre isso, Vergueiro (2009, p. 08), afirma que “de uma maneira geral, os adultos tinham dificuldade para acreditar que, por possuírem objetivos essencialmente comerciais, os quadrinhos pudessem também contribuir para o aprimoramento cultural e moral de seus jovens leitores”.

No âmbito acadêmico, faltavam estudos sérios sobre o potencial pedagógico da linguagem dos quadrinhos e até mesmo estudos sobre a própria linguagem dos quadrinhos. Em geral, muitos pesquisadores e intelectuais do século XX “viam os quadrinhos como ‘coisa de criança’, totalmente supérfluos, produtos feitos para uma leitura rápida e destinados ao esquecimento” (VERGUEIRO, 2005, p. 16). Para Vergueiro,

foi necessário que as artes plásticas comesçassem a utilizar recursos das histórias em quadrinhos em suas obras – como nos trabalhos de Roy Lichtenstein e Andy Warhol – e que nomes respeitados no mundo artístico se confessassem influenciados pelas histórias em quadrinhos – como Orson Welles, Luiz Buñuel e Federico Fellini – para que o mundo intelectual passasse a dar um pouco mais de atenção a elas. (VERGUEIRO, 2005, P.17)

Nesse sentido, “foi fundamental a ousadia de alguns intelectuais europeus, que decidiram utilizar os quadrinhos como objeto de pesquisa, principalmente no âmbito da linguística e da semiologia (VERGUEIRO, 2005, p. 17). Esses primeiros estudos abriram espaços para outros, de modo que a forma como a academia e a sociedade, de um modo geral, vem compreendendo os quadrinhos está mudando gradualmente, sobre tudo a partir das duas últimas décadas do século XX, como diz Vergueiro (2009),

O desenvolvimento das ciências da comunicação e dos estudos culturais, principalmente nas últimas décadas do século xx, fez com que os meios de comunicação passassem a ser encarados de maneira menos apocalíptica, procurando-se analisá-los em sua especificidade e compreender melhor o seu impacto na sociedade. Isto ocorreu com todos os meios de comunicação, como o cinema, o rádio, a televisão, os jornais etc. Inevitavelmente, também as histórias em quadrinhos passaram a ter um novo *status*, recebendo um pouco mais de atenção das elites intelectuais e passando a ser aceitas como um elemento de destaque do sistema global de comunicação e como uma forma de manifestação artística com características próprias. (VERGUEIRO, 2009, p. 16-17)

Para Feijó (1997) e Vergueiro (2009), são tantos os motivos que fizeram com que as HQs fossem excluídas do ambiente escolar que durante parte do século XX, chegou até mesmo a haver uma campanha negativa contra os quadrinhos. As críticas ao consumo massivo de quadrinhos por crianças e adolescentes e afastou esse tipo de leitura da escola por muito tempo. No entanto, o porquê de tantas

críticas para com esta linguagem estava no preconceito, pois, como na literatura ou no cinema, nos quadrinhos também há trabalhos bons e ruins, autores criativos e medíocres (FEIJÓ, 1997), cabe aos professores realizarem uma leitura crítica e escolherem bons materiais para aplicação em suas práticas educativas.

Os estudos efetuados sobre a linguagem dos quadrinhos serviram para demonstrar que as críticas e perseguições realizadas anteriormente não tinham fundamento científico e estavam amparadas no campo do preconceito e na falta de conhecimento aprofundado sobre o objeto em questão. Os estudos sobre HQs nos possibilitaram a entender de fato o porquê de tanto fascínio pelas HQs tornando-as uma linguagem altamente consumida pelas massas. Para Vergueiro (2009a, p.8), “pode-se dizer que as histórias em quadrinhos vão ao encontro das necessidades do ser humano, na medida em que utilizam fartamente um elemento de comunicação que esteve presente na história da humanidade desde os primórdios: a imagem gráfica”.

Os pesquisadores Santos Neto e Silva (2011, p. 29) consideram que as HQs “são narrativas imagético-textuais que podem contribuir, na educação básica e superior, para a constituição de outro paradigma educacional no qual tanto a nossa razão simbólica como a nossa razão sensível sejam valorizadas.”

Atualmente, compreende-se que os quadrinhos podem ser importantes na escola por inúmeras razões; dentre elas, incentivar práticas de leitura. Para Santos Neto e Silva (2011, p. 58), “a leitura como fruição e, principalmente, como forma de leitura de mundo, como propõe Freire (1994), ainda se constitui em um dos desafios das escolas brasileiras, sejam elas públicas ou privadas.”

Ao analisar as relações entre quadrinhos e educação no contexto internacional, Nogueira (2017) cita o caso do Japão, um dos maiores produtores e consumidores de quadrinhos do mundo. Segundo a autora, nas escolas do Japão “os alunos são estimulados a ler e mesmo a produzir seus próprios quadrinhos. Por meio deles desenvolvem-se habilidades de leitura e interpretação, além de aumentar a capacidade de concentração dos estudantes” (NOGUEIRA, 2017, p. 30).

No contexto da educação no Brasil, a entrada dos quadrinhos no ambiente escolar teve seu marco a partir da década de 1990, através da então nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB – 9394/96. Conforme o artigo 206

da Constituição Federal de 1988, afirma-se que, dentre os princípios e fins da educação nacional, o ensino deveria respeitar a “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber” (BRASIL, 1988). No entanto, os quadrinhos só foram oficializados como possibilidade prática a ser incluída na realidade da escola com a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, lançados um ano depois da promulgação da LDB, em que faziam referências claras às histórias em quadrinhos como uma das formas visuais que os alunos deveriam ter conhecimento e competência de leitura (BRASIL, 1998).

Sobre a presença das HQs em documentos oficiais, Paulo Ramos destaca que “de uma posição historicamente marginal, essas produções passaram a ser oficialmente incluídas nas propostas de ensino” (RAMOS, 2017, p.183). Mas segundo o autor citado, essa inclusão aconteceu, de certo modo, tardiamente, pois “os quadrinhos sempre foram lidos no país, mesmo tendo estado por tanto tempo fora do circuito escolar brasileiro. Demorou décadas para que isso fosse percebido ‘oficialmente’ no Brasil.” (idem, 2017, p. 184)

Outra iniciativa no contexto brasileiro para reconhecer essa linguagem como um importante recurso pedagógico diz respeito à constituição de acervo de histórias em quadrinhos nas bibliotecas escolares. O Ministério da Educação – MEC, desde o ano de 2006, inclui HQs na lista do Programa Nacional Biblioteca na Escola – PNBE, pelo qual adquire através de edital e envia exemplares de quadrinhos para as bibliotecas das escolas públicas.

Superando as desconfianças e observando estudos sérios e experiências exitosas com uso de quadrinhos na educação, é possível afirmar que os quadrinhos, em seus diferentes gêneros e formatos, oferecem diversas possibilidades de aplicação no contexto escolar, para os diversos níveis e disciplinas. O limite está na formação e na criatividade de cada professor para poder selecionar bons materiais e pensar metodologias adequadas para se atingir os objetivos predefinidos. Natania Nogueira (2017), chama a atenção para o fato de que tivemos na última década uma considerável quantidade de publicações acadêmicas, assinadas por especialistas das mais diversas áreas em defesa das HQs como instrumento de aprendizagem. A autora chega a enumerar e relacionar as publicações informando que: “foram identificadas ao todo 21 livros dedicados diretamente ao tema HQs e

ensino/educação, entre os anos de 2004 e início do 2º semestre de 2015” (NOGUEIRA, 2017, p. 53).

2.4. QUADRINHOS NO ENSINO DE ARTES

Observamos na literatura sobre o ensino de Arte na Educação Básica que durante as últimas décadas do século XX houve um grande esforço de teóricos e arte/educadores para que o campo epistemológico da arte fosse reconhecido e estabelecida no currículo escolar como uma área do conhecimento. Entendendo que o aprendizado em arte pode responder as exigências da sociedade contemporânea que cada vez mais valoriza na formação pessoal e profissional dos estudantes características como flexibilidade, imaginação, inventividade e criatividade. Portanto, o ensino da arte na escola pode efetivamente colaborar para a formação integral dos estudantes.

Ainda sobre a importância da arte na educação. Mendonça (2006) considera que dentre vários aspectos,

a arte na educação contribui de forma substancial e significativa para incitar o pensamento, sendo agente transformador e formador do cidadão que reconheça a si mesmo, reforce a relação com a cultura em que está inserido, sendo esse um dos principais apontamentos do ensino de Arte na contemporaneidade. (MENDONÇA, 2006, p.37)

Esse esforço dos profissionais da área organizados em associações assegurou que na LDB 9394/96 houvesse a obrigatoriedade do ensino de artes em todos os níveis da educação básica.

Atualmente estamos vivendo mais um momento de mudanças na organização curricular da educação básica brasileira, e especificamente no que se refere ao terceiro ciclo da educação básica, também chamado de ensino médio. Os arte/educadores aguardam com preocupação, sobretudo pela maneira como esse processo e as discussões entorno da reforma do ensino médio estão sendo conduzidas pelo governo brasileiro. Por enquanto, sabe-se que o “novo ensino médio” deverá tomar como referência o documento final da Base Nacional Comum Curricular – BNCC, documento que teve sua terceira versão apresentada pelo MEC

em abril de 2018 e tem previsão para a aprovação pelo Conselho Nacional de Educação até o final de 2018.

Novamente mediante a reivindicação de arte/educadores e profissionais da área de artes organizados em associações nacionais e fóruns de discussão, o ensino da arte na educação básica ainda está assegurado na LDB 9394/96, porém com uma nova redação dada pela Lei nº 13.415, de 2017, na qual consta em seu artigo 26, parágrafo segundo, que: “o ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação básica”.

Não tendo ainda sido apresentada a BNCC para o ensino médio pelo Ministério da Educação – MEC, nem tão pouco aprovada pelo Conselho Nacional de Educação – CNE, ao discutirmos aqui sobre o ensino de artes no ensino médio tomamos como referência os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (1999, 2002), e um referencial teórico da área para propormos, vivenciarmos e refletirmos sobre situações de ensino aprendizagem em artes no contexto desta etapa da escolarização básica.

Sobre a necessidade do ensino da arte no contexto do ensino médio, destacamos o que dizem Heloisa Ferraz e Rosa Iavelberg na introdução do PCN+ (2002). Para elas: “os conhecimentos artísticos e estéticos são necessários para que a leitura e a interpretação do mundo sejam consistentes, críticos e acessíveis a compreensão do aluno” (BRASIL, 2002, p. 179).

As referidas autoras, afirmam que:

é papel do ensino médio levar os alunos a aperfeiçoarem seus conhecimentos, inclusive os estéticos, desenvolvidos nas etapas anteriores. Por isso, é importante frisar o valor da continuidade da aprendizagem em arte nessa etapa final da escolaridade básica, para que adolescentes, jovens e adultos possam apropriar-se, cada vez mais, de saberes relativos à produção artística e à apreciação estética. (BRASIL, 2002, p. 179)

Diante disso, nossas reflexões nesse estudo partem da compreensão de que por meio das vivências em arte e da extensão dos conhecimentos na disciplina Arte, os estudantes dessa etapa de ensino poderão ter condições e oportunidades de

serem leitores de mundo críticos que possam prosseguir interessados em arte após a conclusão de sua formação escolar básica.

Ao discutirmos o uso de História em Quadrinhos no ensino de Artes, observamos que o próprio Ministério da Educação - MEC já recomendava o uso de HQs, através das Orientações Curriculares para o Ensino Médio, ao sugerir o uso de quadrinhos como ferramenta didática para tornar entendimento de aspectos da arte mais efetivo e interessantes para os alunos. (BRASIL, 2006,).

As HQs nas aulas de artes podem ser úteis em exercícios de leitura e análises de imagens, pois para Mendonça (2006, p. 44), “as HQ apresentam elementos de composição comuns a várias obras de artes visuais, podendo proporcionar através de sua análise a identificação de como os elementos visuais atuam em sua estrutura espacial e a maneira como se organizam no espaço”.

Esse entendimento é corroborado por Babosa (2009) ao considerar os quadrinhos como uma “poderosa ferramenta pedagógica, capaz de explicar e mostrar aos alunos de forma divertida e prazerosa, a aplicação prática de recursos artísticos sofisticados, tais como perspectiva, anatomia, luz e sombra, geometria, cores e composição” (BARBOSA, 2009, p. 131).

Portanto, essas referências nos mostram que as HQs podem ser utilizadas como material de apoio no ensino de Artes, como recomenda o MEC. Mas especificamente no componente curricular arte, elas podem ser mais que uma ferramenta, podem ser a finalidade em si partindo do entendimento de que praticar e produzir quadrinhos pode constituir-se num fazer artístico. Barbosa, A. (2009), ao escrever sobre o tema, afirma que:

Todos os principais conceitos das artes plásticas estão embutidos nas páginas de uma história em quadrinhos. Assim, para o educador, as HQs podem vir a ser uma poderosa ferramenta pedagógica, capaz de explicar e mostrar aos alunos, de forma divertida e prazerosa, a aplicação prática de recursos artísticos sofisticados, tais como perspectiva, anatomia, luz e sombra, geometria, cores e composição (BARBOSA, A., 2009, p. 131).

O documento final da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) apresenta os quadrinhos como um objetivo de conhecimento e habilidade a ser trabalhada no ensino de arte tanto no ensino fundamental I (1º ao 5º Ano) como no

ensino fundamental II (6º ao 9º Ano). Na BNCC (2017, p. 165) consta que os estudantes devem “experimentar e analisar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia, *performance* etc.).”

Portando os quadrinhos podem ser utilizados em sala de aula como um auxílio para explicar elementos das artes visuais, mas também como um exercício prático para exercitar o processo criativo dos alunos. Porém, para isso, como alerta Barbosa, A. (2009, p. 143): “é preciso que eles dominem os elementos que compõem uma História em Quadrinhos. São eles: argumento, roteiro, esboços de personagens, esboços de páginas, lápis final, arte-final, letreiramento (sic!) e colorização.”

No entanto, antes de se trabalhar a produção de HQs nas aulas de artes é preciso primeiro aproximar os alunos desta linguagem que, para ser lida e compreendida em sua totalidade, não basta apenas que se saiba ler texto, mas saber ler imagens, visto que são a base desta linguagem.

A leitura de imagens se faz importante nas aulas de artes, especificamente artes visuais, pois vivemos em um mundo cada vez mais dominado pela imagem.

Temos que alfabetizar para a leitura da imagem. Através da leitura de obras de artes plásticas estaremos preparando o público para a decodificação da gramática visual, da imagem fixa e, através da leitura do cinema, da televisão e dos CD-ROM o prepararemos para aprender a gramática da imagem em movimento (BARBOSA, A. M., 2009, p. 36).

Entendemos que os quadrinhos podem ser uma introdução à prática de leitura de imagens, sejam elas artísticas ou não. No entanto, para ler HQs também é necessária uma alfabetização, como afirma Vergueiro (2009, p. 31):

A “alfabetização” na linguagem específica dos quadrinhos é indispensável para que o aluno decodifique as múltiplas mensagens neles presentes e, também, para que o professor obtenha melhores resultados em sua utilização.

Uma alfabetização para a leitura de imagens é necessária para que os alunos possam compreender a linguagem visual formada por elementos visuais

básicos como ponto, linha, forma e cor dentre outros elementos que influenciam as impressões que temos ao olhar para uma imagem, se relacionando e se organizando no espaço bidimensional ou tridimensional assim como a linguagem icônica das HQs, uma vez que:

À linguagem icônica estão ligadas questões de enquadramento, planos, ângulos de visão, formato dos quadrinhos, montagem de tiras e páginas, gesticulação dos personagens, bem como a utilização de figuras cinéticas, ideogramas e metáforas visuais (VERGUEIRO, 2009, p. 34).

Em estudo que realizamos e publicamos em 2014, apresentamos uma compreensão de que os quadrinhos no ensino de artes podem e devem ser mais do que uma simples ferramenta, mas também tomar o lugar de uma linguagem artística visual que deve ser ensinada e aprendida como mais uma possibilidade de comunicação e expressão do ser humano.

Deste modo, para a concretização deste estudo, foi proposta uma ação prática no ensino de artes que tivesse os quadrinhos como objeto de ensino e aprendizagem de modo que, além da leitura, análise e contextualização de quadrinhos, fossem trabalhadas, também, diferentes formas de produção de quadrinhos ao aprender a fazer uma HQ o aluno usará diversos conteúdos das Artes Visuais, desde os fundamentos básicos do desenho até elementos de outras formas de linguagem como a pintura, a fotografia, o cinema entre outras (SILVA, 2014). Também poderá dominar a linguagem ao se apropriar e experimentar, pela produção, dos principais elementos constitutivos das HQs.

As referências que apresentamos irão fundamenta e auxiliar na análise de duas experiências distintas com o ensino de quadrinhos realizadas por ocasião desta pesquisa em uma escola de ensino médio.

3. HISTÓRIA EM QUADRINHOS NAS AULAS DE ARTE DO ENSINO MÉDIO

Neste capítulo, apresenta-se e contextualiza uma experiência com o ensino e aprendizagem de História em Quadrinhos durante um Bimestre letivo na Escola de Ensino Médio Adauto Bezerra, Barbalha, Ceará. A experiência aconteceu em uma turma de primeiro ano onde buscou-se aproximar os estudantes das HQs, estimulando-os a desenvolverem sua capacidade de leitura de imagens. Consequentemente, proporcionando a leitura e compreensão dos principais elementos que compõem a linguagem visual e da linguagem dos quadrinhos, seguindo-se posteriormente da experimentação de processos criativos resultando na produção de suas próprias narrativas.

Problematiza-se as dificuldades enfrentadas ao mesmo tempo em que identifica e aponta possibilidades para se trabalhar com o ensino de quadrinhos em uma turma numerosa e com as limitações de tempo e material comuns a escolas públicas. O capítulo busca, ainda, através do relato e análise da referida experiência, apresentar reflexões e algumas possibilidades metodológicas para o ensino de arte através dos quadrinhos e especificamente do ensino da linguagem dos quadrinhos como arte na sala de aula regular. Propõe-se, também, a efetuar reflexões sobre processos de criação no ensino de artes a partir da criação de quadrinhos no contexto da sala de aula.

3.1. O CONTEXTO DA EXPERIÊNCIA: TURMA, CONTEÚDOS E ATIVIDADES

Depois de apresentado a proposta de se trabalhar com a linguagem dos quadrinhos nas aulas de arte, realizamos o levantamento e revisão da literatura sobre quadrinhos no ensino de artes. Tomando como referências as discussões e conclusões já apresentadas no capítulo anterior, elaboramos uma proposta na qual os quadrinhos não fossem apenas um meio para outros fins, um recurso ou ferramenta metodológica para se trabalhar outros conteúdos da área de artes, mas ocupasse o lugar de um legítimo conteúdo da área do componente curricular Arte.

O objetivo em questão foi dar aos quadrinhos o lugar de um conteúdo a ser ensinado e aprendido. Para tanto, buscamos realizar o planejamento das aulas tomando como referência a Abordagem Triangular para o ensino das artes visuais

(BARBOSA, 2009). Portanto, o planejamento das aulas considerou a vivência de momentos dedicados para a leitura de quadrinhos, a contextualização e um destaque especial para a produção de quadrinhos nas aulas de Arte.

Diante disso, foi elaborado uma sequência didática com os conteúdos e atividades a serem realizadas respeitando o calendário letivo da escola, bem como o horário pré estabelecido no plano anual. O planejamento inicial foi para um total de oito encontros que contemplassem um bimestre letivo (quadro 1).

Quadro 1. Planejamento de encontros e atividades

Encontros	Conteúdos/Atividades
Aula 1	<ul style="list-style-type: none"> • Aplicar um questionário sobre o que os alunos já sabem sobre quadrinhos, se leem, como leem, se fazem. • Apresentar um pouco da História das Histórias em Quadrinhos. Definições e origens da linguagem dos quadrinhos.
Aula 2	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar os diferentes gêneros e estilos dos quadrinhos. • Realizar momento de leitura de quadrinhos em sala de aula.
Aula 3	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura de Quadrinhos, discussão sobre as histórias em quadrinhos lidas e contextualizar as histórias lidas, quem são os autores? Quando foram produzidas e publicadas? Em que contexto se passa a história? Que interpretações é possível fazer da história narrada e em que ela se relaciona com a realidade vivida pelos alunos? • Cada aluno deve produzir um pequeno texto com uma sinopse da história que leu. • Explicação do que é sinopse, argumento e roteiro.
Aula 4	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação das etapas de produção de uma história em quadrinhos, • Experimentar a criação de uma sequência narrativa pela justaposição de imagens
Aula 5	<ul style="list-style-type: none"> • Experimentar a produção de argumentos e roteiros para quadrinhos. Produção em individual, duplas ou grupos. • Construção das cenas e enquadramentos para compor as histórias criadas.
Aula 6	<ul style="list-style-type: none"> • Continuidade da produção de quadrinhos em sala de aula.
Aula 7	<ul style="list-style-type: none"> • Conclusão das histórias em quadrinhos produzidas pela turma. • Discussão sobre os modos de compartilhamentos das produções, construção de fanzines impressos, disponibilização online por sites, blogs ou redes sociais.
Aula 8	<ul style="list-style-type: none"> • Discussão sobre as aulas realizadas. • Avaliação com a turma sobre o que apreenderam sobre quadrinhos com essa experiência. • Aplicação de um segundo questionário sobre a leitura e produção de quadrinhos na sala de aula.

Após a definição do cronograma de aulas e dos respectivos conteúdos e atividades a serem vivenciadas em cada encontro, partimos para a escolha e definição de uma turma para a aplicação da proposta.

Respeitando o calendário escolar, as aulas poderiam ser realizadas durante o terceiro Bimestre letivo de 2016, correspondendo aos meses de outubro, novembro e dezembro. Naquele momento nos deparamos com uma problemática, o pouco tempo destinado para aulas de Arte no ensino médio. Se faz necessário destacar e problematizar que no contexto das escolas estaduais do Ceará é destinado tempo na grade curricular para o componente Curricular Arte apenas na primeira série do ensino médio. Isso já se constitui em uma problemática, pois o ensino de arte deveria acontecer em todas as séries do ensino médio. Esse problema limitou a escolha da turma a apenas turmas de primeiros anos.

Ainda sobre esse problema da pouca quantidade de horas para aulas de Arte nas escolas estaduais, isso se agrava ao constatarmos que é destinado apenas um tempo de uma hora-aula semanal para a disciplina Arte, o que diverge consideravelmente dos princípios e fundamentos para o ensino de Arte recomendado a mais de uma década pelas Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006), documento que já sugeria a “destinação de tempo na matriz curricular que permita o pleno desenvolvimento do ensino de Arte, com *duração mínima* de duas horas semanais, em cada uma das três séries do ensino médio” (BRASIL, 2006, p. 202).

Diante desse fato problemático, em um bimestre letivo temos no máximo dez aulas de 50 minutos cada, isso caso não ocorra imprevistos, feriados ou reduções do tempo das aulas por motivos diversos. Nossa experiência enquanto professor nessa etapa da escolarização básica nos últimos anos, nos aponta para a quantidade de sete a oito aulas durante um bimestre, portanto nosso programa de aulas respeitou essa especificidade.

Definiu-se que a turma escolhida seria o primeiro ano “E” (1º Ano E), uma turma que apresentava matrículas de 43 estudantes, mas que no terceiro bimestre apresentava um total de 38 estudantes frequentando regularmente, com média de 15 e 16 anos de idade, com aulas nas sextas-feiras no turno da tarde. O dia e

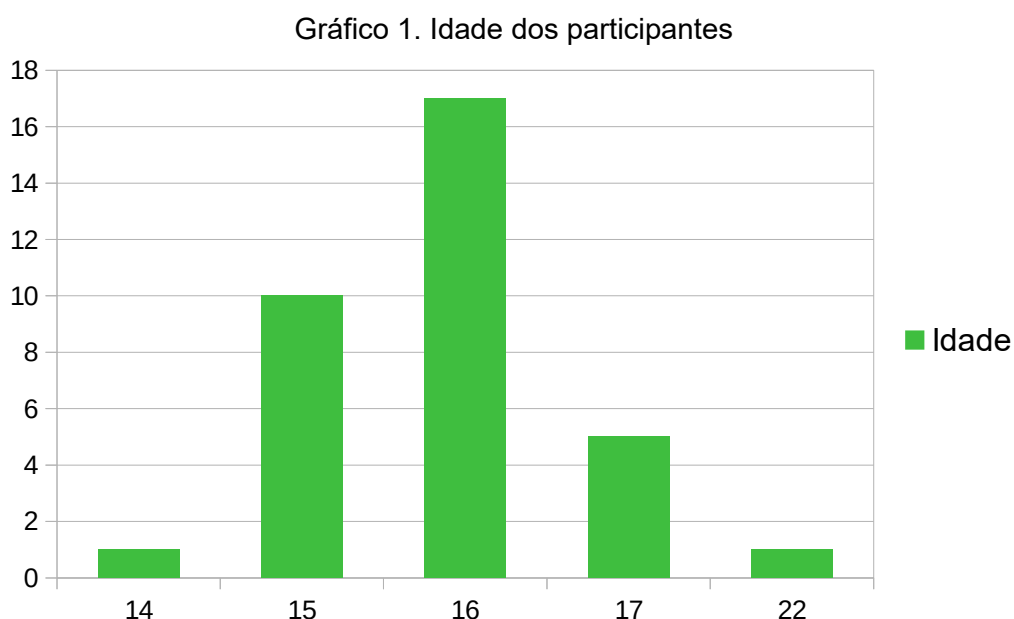
horário foi relacionado a lotação e horários de aulas do professor pesquisador na escola.

3.1.1 Perfil dos participantes – *Questionário 1*

A primeira atividade previamente planejada e executada foi a aplicação de um questionário que chamamos de *Questionário1*. Este, se constituiu como um instrumento metodológico da pesquisa para coleta de dados. Definimos dez (10) questões básicas para sabermos qual a relação e experiências que os participantes já possuíam com a linguagem dos quadrinhos.

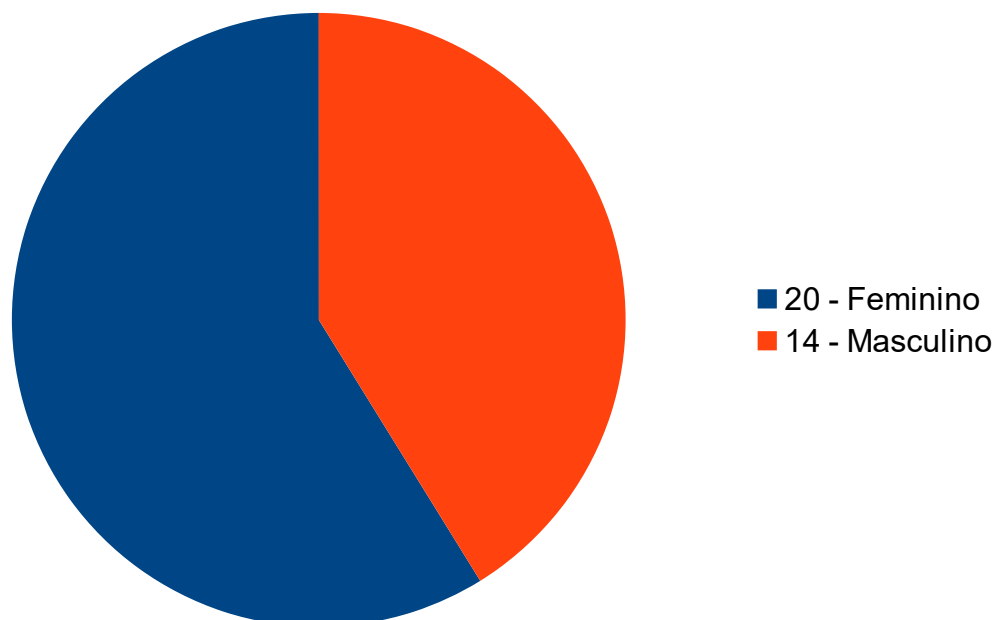
As respostas do *Questionário1* nos possibilita, além de sabermos as experiências dos participantes, a condição de traçarmos um perfil da turma que participaria da experiência. Cada participante na sua primeira aula do bimestre teria que começar respondendo ao questionário. Com isso, nos dois primeiros encontros registramos a participação de trinta e quatro (34) estudantes.

Com os 34 questionários respondidos realizamos uma tabulação, cujos dados e algumas interpretações possíveis apresentamos aqui. A primeira observação diz respeito a idade dos participantes que variava de quatorze (14) aos dezessete (17) anos conforme o **Gráfico 1**, registrando ainda, um estudante com 22 anos fora da média da faixa etária regular.



Sobre o gênero dos participantes, os dados revelaram que dos trinta e quatro (34), um total de vinte (20) se identificaram como sendo do gênero feminino e quatorze (14) do gênero masculino, **Gráfico 2**.

Gráfico 2. Gênero dos participantes



Dentre as questões colocadas no questionário, a primeira delas foi sobre o nível de leitura praticado pelos participantes. Perguntamos se eles faziam leituras de quadrinhos com frequência, se liam, mas não regularmente ou ainda se nunca leram quadrinhos. Com essa questão obtivemos o dado que quatro estudantes nunca leram quadrinhos, um dado que merece reflexão, pois existem quadrinhos nos livros didáticos, talvez os alunos não tivessem uma definição para o que vem a ser uma história em quadrinhos.

Ou será possível que adolescentes com média de 16 anos nunca tenham lido pelo menos uma charge durante a vida ou escolarização? Outro dado a ser considerado com essa questão é de que apenas um dos trinta e quatro respondeu ler com frequência, ou seja o perfil da turma não é o de uma turma de leitores de quadrinhos, apontando para desafios ao se propor ler e fazer quadrinhos na sala de aula. A grande maioria respondeu já ter lido quadrinhos, mas não leem com frequência conforme **tabela 1**.

Tabela 1. Sobre a leitura de História em Quadrinhos – HQs

A	Ler com frequência	1
B	Ler, mas não regularmente	29
C	Nunca leu	4

A segunda questão, buscou saber quais os gêneros e formatos de quadrinhos já foram ou eram mais lidos pelos participantes. Nessa questão, elencamos as seguintes opções de respostas: A - *tiras/charges*, B - *revistas/mangás* e C - *livros/graphic novels*. A resposta a essa questão nos indicaria se eles gostavam mais de ler histórias curtas como as tiras, histórias seriadas como as revistas em quadrinhos e os mangás, ou ainda histórias longas e fechadas como o caso dos livros de quadrinhos e adaptações literárias.

Obtivemos que a maioria ler tiras e charges, isso pode ser contextualizado pelo fato de que nos livros didáticos se fazem muito uso desses gêneros de quadrinhos, sendo muito comum a presença de Tiras, cartuns e charges em avaliações diagnósticas de como ferramenta pedagógica em algumas disciplinas como a Língua Portuguesa. Dos trinta e quatro apenas seis já leram livros de quadrinhos como observa-se na **tabela 2**. Esse dado sugere que a turma não tem o hábito de leituras mais longas como livros de romance ou mesmo adaptações de romances para a linguagem dos quadrinhos.

Tabela 2. Sobre os Gêneros e Formatos de Quadrinhos que costumam ler

A	Tiras/Charges	24
B	Revistas/Mangás	16
C	Livros/Graphic Novel	6

A terceira questão buscou saber como eles faziam para ler quadrinhos, e para isso elencamos algumas possibilidades como: compra de exemplares; conseguir emprestado; ler na biblioteca da escola; ler online pela internet; fazer *download* e ler no computador/tablete/celular ou de alguma outra forma que eles poderiam nos dizer escrevendo. Obtivemos, conforme a **tabela 3**, que as formas para lerem quadrinhos são muito variadas, mas a maioria consegue emprestado ou leem pela internet. Um dado nos chama a atenção, apenas três alunos dos trinta e quatro costumam ler na biblioteca da escola, enquanto cinco leem o que está disponível nos livros didáticos.

Tabela 3. Como fazem para ler Histórias em Quadrinhos

A	Compra exemplares	5
B	Consegue emprestado	15
C	Ler na biblioteca da escola	3
D	Ler online pela internet	19
E	Faz download e ler no PC, tablete, celular, etc.	1
F	Outras formas. Quais?	5 Pelos livros da escola/ livro didático

A quarta questão foi muito objetiva e perguntou se eles colecionavam ou possuíam quadrinhos em casa. A resposta dessa questão nos indicaria se esses participantes eram leitores e colecionadores de quadrinhos, algo muito comum entre os adolescentes que leem regularmente é manter coleções de exemplares de quadrinhos. Saber disso, também nos ajudaria no momento de realizar a leitura de quadrinhos na sala de aula, sendo possível solicitar que eles trouxessem para os encontros alguns exemplares de suas coleções para juntar com as que disponibilizaríamos de modo a termos uma quantidade e diversidade maior. No entanto, obtivemos com esta questão que a maioria não coleciona ou possui exemplares de quadrinhos conforme **tabela 4**. Dos trinta e quatro, apenas sete tem algum exemplar de quadrinhos em casa. Dado que confirma as respostas da **tabela 3** da questão anterior, onde se observa que apenas cinco responderam comprar exemplares de quadrinhos.

Tabela 4. Se colecionam ou possuem quadrinhos em casa

A	Sim	7
B	Não	27

A partir da quinta questão, fizemos perguntas mais direcionadas ao lugar que os quadrinhos ocupam na escola a partir das experiências desses participantes. A questão cinco, perguntou se eles já haviam estudado com histórias em quadrinhos em alguma disciplina durante sua escolarização básica. Essa resposta nos indicaria se durante a trajetória desses estudantes eles já foram submetidos a experiências que tivessem os quadrinhos como um instrumento metodológico ou ferramenta pedagógica em alguma disciplina.

Obtivemos que quatorze, mais de um terço dos participantes nunca estudaram com quadrinhos em nenhuma disciplina da escola, **tabela 5**. Dos trinta e quatro, vinte responderam já terem estudado com quadrinhos nas disciplinas de Arte, Português, História e Inglês. Portanto, embora a maioria já tenha estudado com o uso de quadrinhos, observa-se um número elevado de estudantes que não estudaram com ou a partir de HQs.

Tabela 5. Se já estudaram com Histórias em Quadrinhos em alguma disciplina da escola

A	Sim	20
B	Não	14
C	Se “Sim”, quais?	Artes, Português, Inglês, História.

Na sexta questão, perguntamos se eles já haviam feito história em quadrinhos alguma vez, essa resposta é importante em nossa pesquisa, pois estamos nos propondo a realizar experiências de produção de quadrinhos, partindo do entendimento e defesa de que como uma linguagem artística, os quadrinhos não devem estar limitados a serem ferramentas pedagógicas, mas que possam ser para os estudantes mais uma importante forma de comunicação e expressão entre eles e com o mundo.

A questão seis, portanto nos revelou que independente dos quadrinhos estarem presentes em atividades pedagógicas na escola, um total de vinte e um, dois terços dos participantes responderam não terem experimentado a produção de quadrinhos conforme **tabela 6**. Esse dado, nos faz perceber que os quadrinhos são usados em algumas aulas de diferentes disciplinas, mas estudos sobre a linguagem dos quadrinhos ou propostas que estimulem processos criativos tendo os quadrinhos como uma forma de expressão ainda é pouco explorada. Podemos concluir que criar quadrinhos na escola como uma prática pedagógica não tem sido frequentemente explorado por parte dos professores.

Tabela 6. Se já fez Quadrinhos alguma vez.

A	Sim	13
B	Não	21

Na sétima questão, buscamos saber se eles já haviam feito alguma história em quadrinhos como trabalho de alguma disciplina na escola. Gostaríamos de saber com essa indagação, se a produção de quadrinhos era solicitada por professores ou cogitada por eles como meio para tratar dos diferentes conteúdos, dos diversos componentes curriculares da escola.

Obtivemos o dado surpreendente de que mais da metade dos participantes já haviam feito quadrinhos como trabalho de alguma disciplina conforme **tabela 7**. Este dado, nos leva a confrontar o dado da **tabela 5**, ou seja, mesmo que os professores não se usem da produção de quadrinhos como uma possibilidade metodológica os alunos usam os quadrinhos, reconhecem nos quadrinhos uma possibilidade de tratar os diversos conteúdos das diversas disciplinas. Outra observação sobre esse dado é que ele é contraditório aos dados da **tabela 6**, pois vinte e um haviam dito que não faziam quadrinhos, enquanto na **tabela 7** apenas 13 dizem não ter feito quadrinhos como trabalho de disciplina. Ou os dados simplesmente não batem, ou podemos interpretar que quando se pensa em produção de quadrinhos na sala de aula, se faz em trabalhos coletivos, de modo a poucos participarem efetivamente da produção de tal maneira que nem lembram se já fizeram ou não quadrinhos alguma vez, portanto não tendo se constituído como uma prática significativa em suas formações.

Tabela 7. Se já fez alguma História em Quadrinhos como trabalho de alguma disciplina

A	Sim	21
B	Não	13

Para a oitava pergunta buscamos saber se as HQs possuem um lugar como conteúdo nas aulas do componente curricular Arte. Para isso, perguntamos se eles já estudaram sobre História em Quadrinhos nas aulas de Artes. Nos interessa saber nesse estudo qual o lugar que as HQs ocupam no ensino de Artes, portanto a resposta desta questão nos é pertinente.

Obtivemos como resposta que apenas um terço dos participantes já estudaram sobre quadrinhos nas aulas de Artes, **tabela 8**. Isso poderia explicar o fato deles já terem feito trabalhos com quadrinhos na escola. No entanto, confrontando com os dados da **tabela 5**, observamos uma divergência, a quantidade

é exatamente oposta. Poderíamos concluir que os alunos entendem que estudar sobre quadrinhos não é a mesma coisa que estudar com quadrinhos.

Existe de fato uma grande diferença entre falar sobre o objeto e usar o objeto. Problematizando, podemos interpretar que é comum na escola se falar sobre quadrinhos, mas não é comum estudar com quadrinhos, ler quadrinhos e usar o conteúdo das próprias histórias e narrativas como objeto do estudo explorando a leitura de quadrinhos em sala de aula como uma possibilidade metodológica.

Também podemos aferir, que não é comum, ou pelo menos, na experiência desses participantes não foi presente o estudo sobre a história dos quadrinhos, sobre os elementos de sua linguagem e seus diferentes formatos e suportes.

Tabela 8. Se já estudou sobre Histórias em Quadrinhos nas aulas de Artes

A	Sim	14
B	Não	20

A nona questão perguntou se na biblioteca da escola tem história em quadrinhos. Ao fazermos esta pergunta buscávamos saber se os alunos sabem que na biblioteca tem exemplares de quadrinhos, pois desde 2006 que o MEC envia anualmente exemplares de HQs para as bibliotecas escolares através do Programa Nacional Biblioteca na Escola – PNBE.

Obtivemos como resposta que, a grande maioria dos participantes não sabiam que na biblioteca da escola tem quadrinhos (**tabela 9**). Percebe-se que os alunos não têm o hábito de frequentar a biblioteca da escola e também de ler quadrinhos na biblioteca. Confrontando também com os dados da **tabela 3**, na qual observamos que apenas cinco participantes leem livros de quadrinhos, podemos interpretar que os quadrinhos enviados pelo MEC não estão sendo leituras regulares desse público. Isso pode ser explicado pelo fato dos estudantes desconhecerem a presença do material como revela os dados da questão.

Observa-se também que os alunos frequentemente leem mais tiras e revistas seriadas de quadrinhos do que livros, romances gráficos ou adaptações de obras literárias em quadrinhos, e são justamente adaptações literárias para quadrinhos que compõem a maior parte do acervo da biblioteca. Coleções de tiras, charges ou mesmo revistas em quadrinhos não são constantes na biblioteca.

Tabela 9. Se sabe da existência de quadrinhos na Biblioteca da escola

A	Sim	12
B	Não	22

A décima e última pergunta do questionário pediu que eles respondessem quais histórias em quadrinhos mais gostavam de ler, a resposta dessa questão nos ajuda a traçar um perfil de qual tipo de histórias eles mais gostam de ler. Obtivemos muitos títulos e gêneros de histórias variados e podemos com isso perceber que o universo de leitura desses participantes é bem diversificado.

Embora observe-se via **tabela 10**, que os mangás e revistas de super-heróis se constituem na leitura preferencial desse público. Com um destaque especial também para o título *Turma da Mônica* que apareceu 16 vezes, ou seja, quase cinquenta por cento (50%) dos participantes já leu ou ler esse título.

Tabela 10. Sobre quais as Histórias em Quadrinhos mais gostam de ler

Títulos/histórias lidas
<ol style="list-style-type: none"> 1. Turma da Mônica (16x), 2. Liga da Justiça, 3. Os Vingadores, 4. revistas de ação e caricaturas, 5. mangás, 6. Marvel, 7. Super Man (3x), 8. Dragon Ball, 9. Homem Aranha, 10. super heróis, 11. charlie brown, 12. heróis, 13. terror, 14. ficção, 15. eróticas (2x), 16. Mafalda (3x), 17. Power Ranger, 18. Batman, 19. Calvin e Haroldo (4x), 20. Snoup, 21. Garfield, 22. You Gi Oh.

As respostas do questionário nos ajudaram a traçar um perfil da turma, bem como fazer ajustes no planejamento inicial para poder atingir os resultados iniciais

do projeto bem como nos prepararmos para enfrentar os desafios que surgiriam quando nos propomos a trabalhar com quadrinhos no ensino de Arte.

3.2. A LEITURA DE QUADRINHOS NAS AULAS DE ARTE DO PRIMEIRO ANO “E “ (1º ANO E)

Depois de uma revisão bibliográfica sobre o ensino de artes especificamente sobre o uso de quadrinhos no ensino de artes para fundamentar nossa proposta. Realizamos um planejamento de aulas para uma turma de primeiro ano do ensino médio. A proposta teve como objetivo geral: possibilitar aos estudantes da Escola de Ensino Médio Adauto Bezerra a construção de conhecimentos do componente curricular arte por meio da leitura, interpretação e experimentação de processos de criação de quadrinhos.

Esse objetivo se desdobrou em objetivos específicos como: apresentar uma reflexão sobre o lugar que as histórias em quadrinhos ocupam na escola e em práticas educativas; identificar metodologias para o ensino de quadrinhos na escola e especificamente nas aulas de artes; e incentivar a leitura e produção de quadrinhos no ambiente escolar.

Para a realização da proposta escolhemos a turma do Primeiro Ano “E” de 2016. Os encontros aconteceram nas terceiras aulas das sextas-feiras. No espaço e tempo de convivência com a turma, tomamos como referência metodológica a Abordagem Triangular para ensino das artes visuais, uma proposta pedagógica para o ensino de artes visuais sistematizada pela professora Ana Mae Barbosa e amplamente divulgada nos anos 1990 a partir da publicação do livro *A imagem no ensino da arte* (1991).

Sobre o ensino de quadrinhos a partir da Abordagem Triangular, Barbosa (2009) faz referência ao estudo “O Humor dos Quadrinhos como Instrumento Educacional”, realizado por Eduardo Carvalho (2007), no qual ele entrevista a professora Betânia Araujo, que ao se referir à importância de se trabalhar a partir da proposta sistematizada por Ana Mae diz que,

se atuamos apenas no fazer sem reflexão ou só na leitura alheia ao fazer, quebra-se aí o princípio da aprendizagem significativa. Esse é um problema em muitas escolas que ensinam quadrinhos apenas como repetição de uma técnica determinada impedindo os seus

estudantes de criar os seus próprios personagens com traços próprios e perdem quando não lêem sobre a história em quadrinho, não debatem. (BARBOSA, 2009, p. XVII)

Portanto, a partir desse referencial, buscamos começar nossa experiência pela apresentação da proposta aos estudantes, discutimos com a turma o que iríamos estudar e porque estudar quadrinhos como conteúdo das aulas de arte. Logo no primeiro encontro, aplicamos um questionário para sabermos quais as experiências prévias dos estudantes com quadrinhos, seu nível de leitura e conhecimento da linguagem.

Na sequência, realizamos uma aula expositiva usando um projetor de imagens, onde apresentamos algumas definições para história em quadrinhos e as origens e história das HQs, desde seu surgimento até os diferentes gêneros, estilos e formatos encontrados atualmente (Figura 12).



Figura 12. Aula expositiva sobre as definições e história das HQs. Fotografia do autor.

Para o terceiro encontro, juntamos todas os exemplares de quadrinhos disponíveis na biblioteca da escola e levamos para a sala de aula onde cada estudante poderia escolher uma HQ para ler na sala, depois da leitura cada um deveria escrever uma sinopse da história lida, aproveitamos e explicamos o que é uma *sinopse*, um *argumento* e um *roteiro* e como esses são importantes no processo de criação de uma HQ.

Além das HQs disponíveis na Biblioteca da escola, ainda levamos vários exemplares de quadrinhos do gênero Super Heróis, da *Turma da Mônica Jovem* e de *Tiras Cômicas*. Dedicamos a aula para a leitura de quadrinhos, foi um momento muito prazeroso, ver toda a turma concentrada e lendo na sala de aula como podemos observar na Figura 13.



Figura 13: Estudantes lendo quadrinhos na sala de aula. Fotografia do autor.

Muitos dos estudantes não sabiam que na Biblioteca da escola tinha tantos livros de quadrinhos, e adoraram ler quadrinhos na sala, foi algo diferente para eles. Essa observação vai de encontro com o problema da pesquisa sobre o lugar das histórias em quadrinhos no contexto da escola. Podemos constatar que existem exemplares de quadrinhos na biblioteca da escola, mas observamos que não basta a constituição de acervo de quadrinhos para as bibliotecas escolares, o fato de haver quadrinhos na biblioteca não garante que os alunos terão acesso.

Se faz necessário que os quadrinhos entrem na sala de aula, para isso é preciso que os professores reconheçam as possibilidades de uso dos quadrinhos no ensino, que elaborem metodologias para estimular a prática de leitura dos alunos (SILVA, 2014). Os quadrinhos não devem ocupar apenas o espaço da biblioteca,

mas devem ser usados pelos alunos, deve adentrar a sala de aula, ter uma importância maior do que apenas uma prática de leitura nas horas vagas, uma forma de entretenimento.

Foi exatamente isso que tentamos fazer, levar os quadrinhos para a sala de aula, para ler durante a aula, como uma atividade pedagógica com objetivos predefinidos, como na Figura 14, onde o aluno ler quadrinhos e exercita a escrita, a interpretação e capacidade de elaborar resumos e sínteses de histórias e narrativas visuais.



Figura 14. Estudante lendo quadrinhos na sala de aula e escrevendo uma sinopse da história lida. Fotografia do autor.

No encontro seguinte, demos continuidade debatendo sobre as histórias lidas por cada um, eles apresentaram seus resumos e *sinopses* e discutimos sobre os principais elementos que constituem uma história em quadrinhos a partir da análise dos exemplares lidos e presentes na sala.

As histórias em quadrinhos são uma linguagem e como tal possui um conjunto dinâmico de símbolos usados para comunicar como apresentados no capítulo anterior. Diante disso, apresentamos e destacamos os seguintes:

Quadrinho, Vinheta ou Painel; Requadros; Balões; Recordatórios; Onomatopeias; Metáforas visuais; Linhas cinéticas; Enquadramentos; Sequência narrativa; Elipse, sarjeta ou hiato. Apresentamos os principais elementos que constituem os quadrinhos, exemplificando com imagens projetadas e identificando nas HQs que foram lidas pelos alunos.

São muitos os elementos que constituem a linguagem dos quadrinhos, apresentamos os mais básicos que podem ser identificados em qualquer HQ. No entanto, a atividade não consistiu apenas em identificar os elementos dos quadrinhos, mas na análise das composições visuais possíveis ao se elaborar um quadro ou página de quadrinho. Ainda destacamos que para um trabalho ser definido como Quadrinhos ele não precisa necessariamente ter todos esses elementos, a liberdade para experimentar artisticamente a linguagem existe e cada indivíduo pode desenvolver um estilo próprio.

Ainda sobre a leitura de quadrinhos na sala de aula, conseguir exemplares de quadrinhos suficientes para uma turma numerosa pode não ser tão fácil. Na experiência aqui relatada isso não foi um problema, pois dispomos de uma coleção particular e levamos vários exemplares que somados com os exemplares da biblioteca da escola foi possível oferecer quantidade e diversidade para a prática de leitura.

Ainda conseguimos para essa experiência uma colaboração especial. O professor e quadrinista José Veríssimo tinha publicado um exemplar de quadrinhos com uma série de tiras da personagem *Marieta* (Figura 15) produzidas com a parceria de sua filha, Ju Veríssimo. Os autores residem em Natal – Rio Grande do Norte. Veríssimo, nos fez a doação de alguns exemplares do álbum em quadrinhos e ainda nos repassou todas as tiras do álbum em arquivo de imagem, de modo que pudemos realizar um momento de leitura de tiras na sala de aula, projetando as tiras no quadro branco para que todos pudessem ler juntos.

Contextualizamos a produção conversando sobre os autores e como foi o processo para a produção e publicação das histórias, passamos vídeo com a fala dos autores. O fato da filha do José Veríssimo ser uma adolescente também estudante de ensino médio, gerou uma empatia entre os alunos, viram que os

quadrinistas não são pessoas tão distantes, eles demonstraram gostar muito da leitura e se divertiram muito.



Figura 15: Arte da capa do álbum de tiras da Marieta do José Veríssimo e Ju Veríssimo. Pinguins Calientes 2016.

As primeiras aulas foram dedicadas a leitura e contextualização da linguagem dos quadrinhos. A análise de quadros, páginas e como se usa os elementos da linguagem visual e os elementos da linguagem dos quadrinhos para comunicar ideias, transmitir mensagens, gerar um entendimento no leitor. Também abordamos as origens e evolução das HQs enquanto linguagem expressiva e meio de comunicação de massa com seus diferentes gêneros e formatos.

3.3. PROCESSOS DE CRIAÇÃO DE QUADRINHOS NAS AULAS DE ARTE

Quando falamos em processos de criação de História em Quadrinhos, devemos levar em consideração que existem diferenças entre as HQs produzidas em escalas comerciais no sistema industrial e as produções autorais independentes. Isso pois, para Edgar Franco (2015), três formas de quadrinhos estão mais afinadas com a ideia de quadrinhos como forma de arte, “os chamados álbuns ou graphic

novels, publicações em sua maioria voltadas a quadrinhos autorais e distribuídas em livrarias, e as revistas alternativas e fanzines” (FRANCO, 2015, p. 31).

O professor e pesquisador Nobu Chinen (2017), ao discutir sobre a produção de quadrinhos na atualidade, em entrevista cedida ao Jornal da USP em maio de 2017, diz que: “tem muito material interessante, que muitas vezes aborda vozes de minorias, coisa que no sistema industrial é quase impossível de entrar”.

Portanto, se desejamos ensinar quadrinhos na escola através da experimentação e produção precisamos explicitar essas diferenças e valorizar a produção autoral. Para Franco (2015), as histórias em quadrinhos autorais, também são chamadas de HQs de autor e se diferenciam da “produção comercial descartável”, pois essas:

“se caracterizam por refletirem o ideário do autor, além disso exploram o potencial da linguagem dos quadrinhos, apresentam traço pessoal, narrativas mais complexas e geralmente são desenvolvidas por um único autor que escreve o roteiro e se encarrega dos desenhos esporadicamente também ocorre casos de HQs autorais em parceria por roteiristas e desenhistas.” (FRANCO, 2015, p. 31).

Os quadrinhos autorais se diferenciam em muito do chamado quadrinho comercial que é uma produção destinada a suprir a demanda de mercado e comprometida com o lucro e o consumo que se sucedem intermitentemente. Os quadrinhos comerciais muitas vezes são produzidos por verdadeiras equipes, numa linha de produção que envolve diversas etapas como: argumento, roteiro, diálogos, rascunho a lápis, arte final, cor e letreiramento. Cada etapa feita por uma pessoa diferente seguindo regras ditadas pela editora e tendo prazos rígidos para entregar seus trabalhos (FRANCO, 2015).

Para Franco, “são nas obras dos quadrinistas autorais que os quadrinhos alcançam a sua maior expressividade e é nelas que vemos confirmada a importância das HQs como forma artística” (FRANCO, 2015, p. 32).

Sobre o processo de criação de quadrinhos autorais, Edgar destaca que:

“Não existe um modelo de processo criativo para produzir uma história em quadrinhos autoral, portanto cada um pode desenvolver o trabalho de forma livre, ou seja, pode ir desenhando e inventando a

história ao mesmo tempo, se preferir pode escrever o roteiro antes e depois desenhar o trabalho, ou ainda escrever o roteiro e criar um 'rafe' da história – um rascunho detalhado com croquis dos quadrinhos, desenhos e balões.” (FRANCO, 2015, p. 35-36)

No que diz respeito ao ensino de quadrinhos como arte, e a produção de quadrinhos em processos de ensino e aprendizagem, “o mais importante é que o discente não se atenha a modelos pré-estabelecidos” (FRANCO, 2015, p. 36). O estudante deve utilizar na criação seu traço de expressão pessoal, mesmo com suas limitações, que ele tente se expressar.

Portanto, entendemos que para o ensino de quadrinhos poder mostrar aos estudantes o grande potencial das HQs como uma forma de expressão artística genuína e singular, é preciso se destacar e possibilitar a criação de quadrinhos autorais, ou quadrinhos de autor e não apenas reproduzir modelos de produção de quadrinhos comerciais.

A partir destas referências planejamos a realização de experiências com a criação de quadrinhos no contexto da sala de aula.

3.3.1 Produção de quadrinhos na turma do Primeiro Ano E (1º Ano E)

Na sequência dos encontros, realizamos uma aula sobre os diferentes modos de produção de uma história em quadrinhos diferenciando inicialmente os processos de criação de quadrinhos comerciais dos processos de criação dos quadrinhos autorais como explicitados anteriormente.

Por uma opção didática elencamos algumas etapas de produção de uma HQ e fomos explicando as características e especificidades de cada etapa. Foram apresentadas as dez etapas a seguir: 1. A Ideia, (concepção da história); 2. O argumento, (texto narrativo); 3. Criação de personagens; 4. Roteiro; 5. Layout (Leiaute), (rascunho e esboço); 6. Desenhos, imagens; 7. Arte-final; 8. Colorização; 9. Balonamento e letreiramento; 10. Edição.

Ressaltamos que pode haver quadrinhos sem balões, arte-final ou cores, dependendo da decisão e intenção do autor, afinal não existem regras sobre a ordem de execução dessas etapas. Cada autor experimenta variações até encontrar um método eficiente para ele.

Após as discussões sobre o que são quadrinhos, suas definições e história, principais elementos constitutivos e quais etapas de produção, combinamos com a turma que eles deveriam experimentar a produção de quadrinhos.

Muitos disseram que não sabiam desenhar, que não conseguiriam fazer, mas informamos que eles poderiam fazer individualmente, em duplas ou em grupos, desde que cada um participasse de alguma etapa do trabalho, e que não se preocupassem de início se esteticamente o desenho estava bem elaborado ou não, mas se permitissem experimentar. A proposta foi aceita e durante mais três encontros dedicamos a produção dos quadrinhos da turma.

Sobre o material, apresentamos alguns materiais básicos como tipos de lápis, borrachas, canetas e papéis. Distribuímos folhas de papel sulfite A4, e sugerimos que experimentassem algumas etapas usando o lápis que já possuíam como material escolar. Portanto, o material básico para se fazer experimentos com a linguagem dos quadrinhos não é muito difícil, a dificuldade que surgiu foi mais na questão do tempo e na motivação dos participantes, que por acharem que não sabiam desenhar se desmotivavam.

Diante do pouco tempo, haja a vista que cada encontro tinha em média 45 minutos de hora-aula, foi sugerido que criassem narrativas curtas de poucos quadros ou mesmo páginas. A cada experimento realizado nós analisávamos, orientávamos correções e ajustes sempre que percebíamos que era preciso. Algumas vezes, chamávamos a atenção da turma toda e explicávamos desenhando no quadro da sala para que todos observassem e pudessem apreender.

Sugerimos que experimentassem todas as etapas de produção de uma HQ, mas caso preferissem poderiam experimentassem livremente sem ter que seguir etapas definidas podendo fazer da maneira que achassem melhor. Vários decidiram fazer em duplas e grupos para se ajudarem no processo.

Depois que realizaram os desenhos a lápis, orientamos que fizessem um trabalho de arte-final, cobrindo os desenhos com canetas pretas esferográficas ou porosas. Alguns decidiram colorir os desenhos com lápis de cor (Figura 16), outros preferiram deixar em preto e branco e alguns entregaram o trabalho apenas a lápis mesmo.



Figura 16. Estudantes arte-finalizando e aplicando cor em sua HQ

Tivemos alguns trabalhos organizados como tiras, com poucos quadros, mas que atenderam perfeitamente a proposta na medida que conseguiram construir narrativas através da justaposição de quadros, acrescentando os balões de fala com texto verbal, como podemos observar na HQ produzida por três participantes (C, V e J) Figura 17.

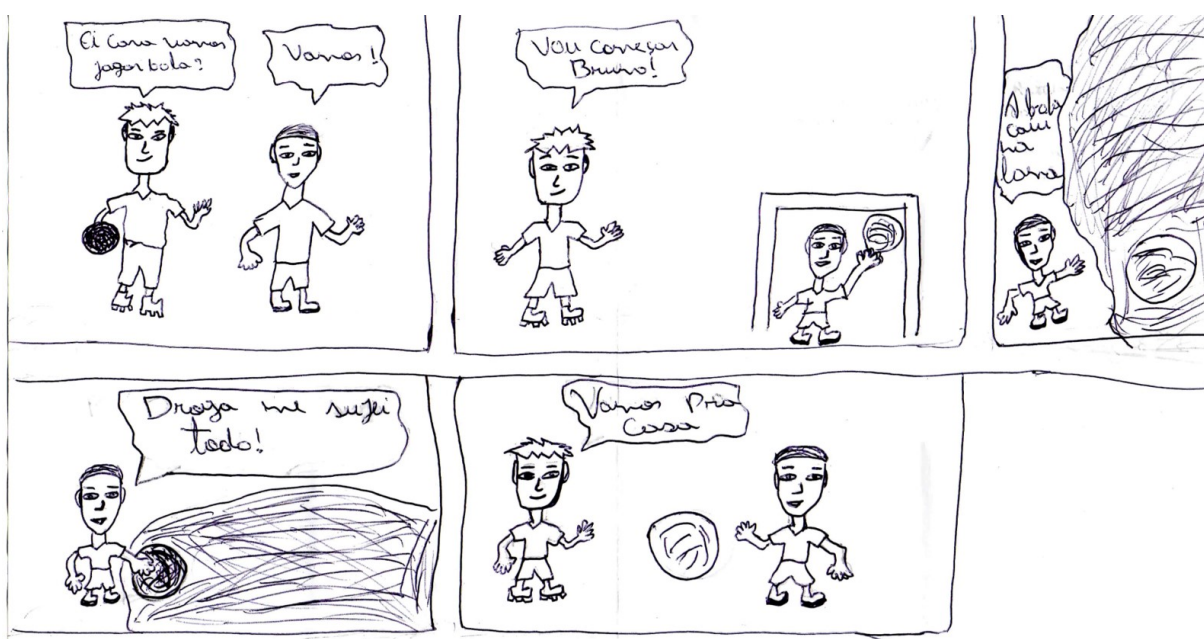


Figura 17. HQ produzida por um grupo de três aluno formados por C., V. e J.

As estudantes CL e K, criaram uma HQ sobre a educação no trânsito. Elas mostraram em uma narrativa em quadrinhos o que pode acontecer com quem decide dirigir após ingerir bebida alcoólica, (Figura 18). Devido ao pouco tempo para a produção elas entregaram a HQ finalizada apenas a lápis, mas esse trabalho é uma demonstração de que se alguns alunos dominarem a linguagem dos quadrinhos, eles podem contar qualquer tipo de história demonstrando todo o potencial pedagógico dos quadrinhos na sala de aula.

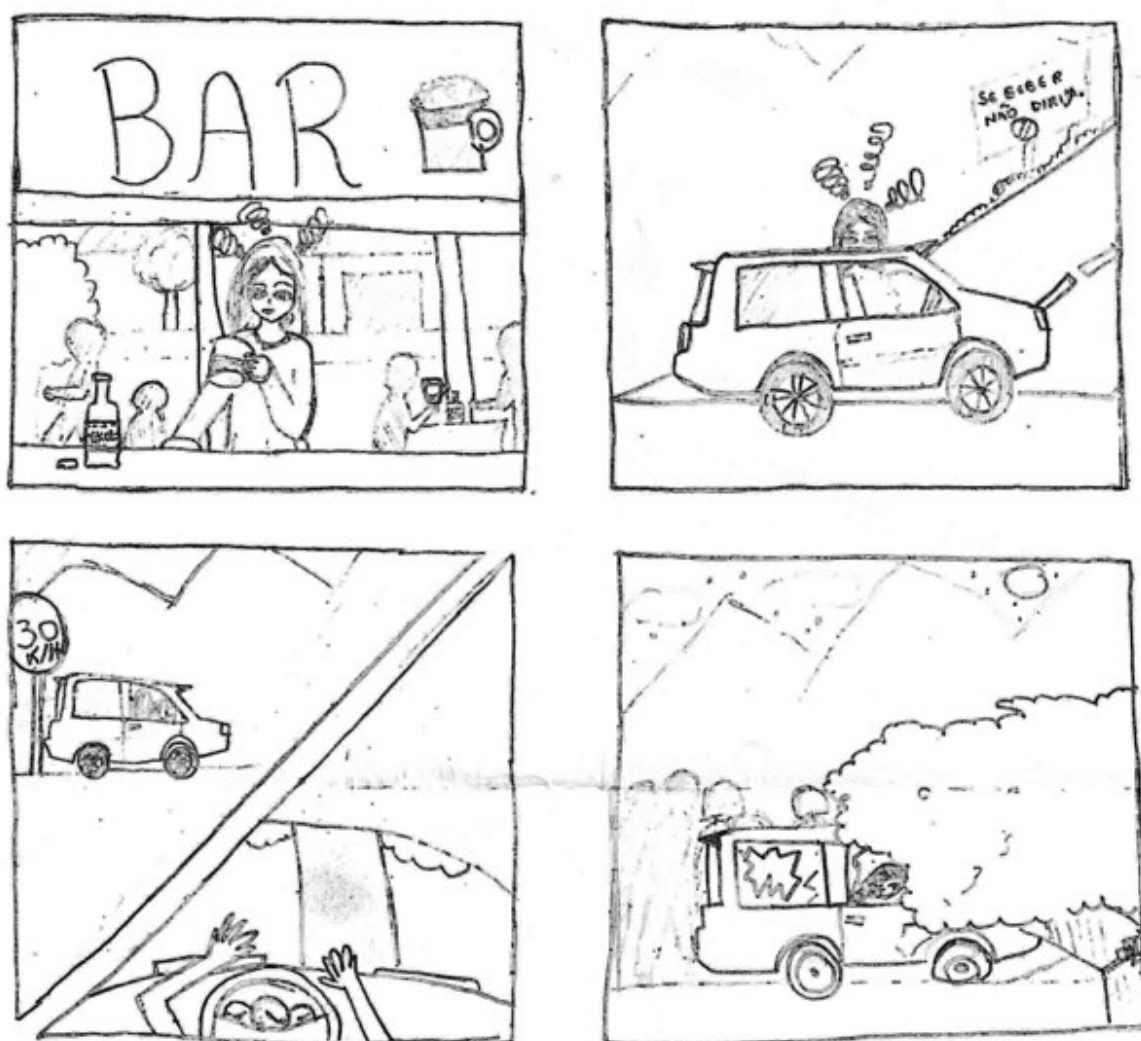


Figura 18. HQ sobre educação no trânsito produzida por duas alunas CL e K.

As estudantes P. e G. conseguiram experimentar todas as etapas de criação de uma HQ. Elas primeiro definiram a temática, depois fizeram um roteiro,

desenharam a lápis, arte finalizaram com canetas porosas, e aplicaram uma cor básica, (Figura 19).



Figura 19. HQ produzida por duas alunas sobre o daltonismo.

Alguns alunos tiveram mais dificuldade para produzir, não conseguiam definir uma ideia do que fazer, ou quando tinham uma ideia percebiam que não conseguiam desenhar como gostariam e desistiam, e isso foi tomando tempo.

Percebemos que cada estudante tem seu tempo de produção, e o simples fato dele se sentir desafiado e diante de uma problemática para criar, tendo que pensar e construir algo, já foi por si só uma ótima possibilidade de estimular o desenvolvimento da criatividade e do protagonismo na construção de seu conhecimento.

Ao final da experiência tivemos um total de 14 trabalhos produzidos com a participação de 34 estudantes. Tivemos algumas histórias de uma página, outras de três páginas e até uma de cinco páginas que contava uma história do dia adia dos estudantes em uma das praças públicas da cidade.

O tempo para a realização de todas as aulas não nos permitiu refazer alguns trabalhos, que observamos serem necessários, com mais tempo os estudantes poderiam ir melhorando suas produções, pois como na construção de um texto, o primeiro texto nem sempre é o melhor texto, tudo é um processo, é possível ir melhorando, corrigindo, refazendo até se ter um trabalho que satisfaça os objetivos do autor.

Usamos a última aula para apresentar para toda a turma cada uma das produções, esse momento foi muito interessante. Todos ficaram muito atentos para a apresentação da HQ dos colegas. Para esse momento, nós digitalizamos cada uma das HQs e projetamos na sala, foi um momento muito prazeroso, com a participação efetiva de toda a turma, onde pudemos ler, analisar e avaliar cada um dos trabalhos. Foi uma aula sobre quadrinhos a partir das HQs produzidas por eles. Constatamos que ensinar sobre quadrinhos a partir da própria produção dos alunos é uma ótima atividade que apreende a atenção e gera mais participação. Os alunos adoraram e se divertiram muito.

3.4. DESAFIOS PARA O ENSINO DE QUADRINHOS NO CONTEXTO ESCOLAR

A realização dessa experiência na escola onde trabalhamos nos colocou diante de algumas problemáticas, das quais destacamos duas aqui. A primeira diz respeito ao tempo. As aulas de artes possuem um tempo máximo de 50 minutos de duração, e um bimestre letivo tem no máximo dez horas-aula. Portanto, nesse pouco tempo tivemos que apresentar a proposta a turma, realizar aulas expositivas, momentos de leitura e discussão sobre quadrinhos, experimentar a produção e avaliar os trabalhos. O tempo foi um fator que dificultou bastante a realização de uma experiência que pudesse ser mais significativa para os estudantes e o professor.

A segunda problemática, diz respeito a despertar o interesse da turma, pois achar inicialmente que todos os alunos gostariam da proposta, partindo da ideia de que adolescentes gostam de ler quadrinhos, não se confirmou como um fato, muitos dos nossos alunos não gostam de ler, não possuem hábitos de leitura nem mesmo de quadrinhos. Quanto a prática, a maioria chega no ensino médio acreditando que

não sabe desenhar, e são resistentes a fazer quadrinhos por achar que não conseguem.

Portanto, levando em consideração esses dois fatores, tivemos de reorganizar o plano de aulas na busca por realizar no pouco tempo uma ação que pudesse despertar o interesse dos alunos mesmo dos que não gostam de ler e fazê-los experimentar independente de terem as habilidades para o desenho desenvolvidas.

Tomando o referencial teórico como suporte, elencamos conteúdos e atividades a serem realizados que teve um conjunto de oito horas-aula com uma metodologia que possibilitou, nesses encontros, o trabalho com práticas de leitura e interpretação, com contextualização das histórias e autores, apresentação de algumas definições e origens das HQs. Tudo culminando com a experimentação da linguagem das HQs resultando na realização de narrativas visuais pelos estudantes.

Dentre as conclusões possíveis, ressaltamos que ainda existem muitas possibilidades de explorar a criação de quadrinhos na sala de aula, também são muitos os desafios, mas ainda é necessário estimular processos de criação artísticas nos estudantes desta etapa de ensino como sugere os parâmetros curriculares e pesquisadores da área.

4. OFICINA DE QUADRINHOS NA ESCOLA

Neste capítulo, apresenta-se um relato de mais uma ação da pesquisa, essa que constituiu-se no planejamento e realização de uma oficina com foco na produção de quadrinhos em uma escola de ensino médio. Destaca-se as ações planejadas, o desenvolvimento e alguns resultados obtidos buscando realizar concomitantemente uma análise da experiência e de seus resultados de modo que se possa mediante reflexões e interpretações apresentar possíveis respostas ao problema geral da pesquisa.

Ao questionar sobre qual o lugar das histórias em quadrinhos no ensino de Artes do Ensino Médio, observamos que uma pergunta anterior e mais geral também deveria ser respondida: qual o lugar dos quadrinhos na escola? No primeiro capítulo, apresentou-se o que diz a literatura a respeito dessa questão, no segundo capítulo relatou-se uma experiência prática com ensino de quadrinhos buscando aplicar uma metodologia que atendesse os objetivos desejados para o ensino de artes na atualidade.

Como já ressaltando nos capítulos anteriores, nessa pesquisa, busca-se responder as questões norteadoras não apenas através de revisões bibliográficas, mas também a partir da proposição e vivência de situações de ensino aprendizagens de quadrinhos como arte no contexto escolar. Portanto além da experiência com o ensino de quadrinhos em uma turma regular planejou-se ofertar uma oficina com número de participantes limitados e com uma carga horária suficiente para a realização de uma experiência significativa.

Diante disso, realizou-se uma ação de ensino e aprendizagem com a linguagem dos quadrinhos como forma de oficina na Escola de Ensino Médio Adauto Bezerra, em Barbalha, interior do Ceará. A escolha dessa escola novamente se deu por ser nela onde o autor da pesquisa trabalha ministrando aulas do componente curricular Artes.

4.1. A OFICINA DE LEITURA E PRODUÇÃO DE HISTÓRIA EM QUADRINHOS NA ESCOLA

A proposta consistiu na realização, durante os meses de setembro a novembro de 2016, de uma oficina de leitura e produção de quadrinhos. Essa oficina foi inicialmente planejada para ter doze encontros de três horas aulas cada e deveria acontecer em encontros semanais aos sábados, das 7h30min (sete horas e trinta minutos) até às 10h (dez horas) da manhã.

Ainda na fase de projeto da oficina, definimos que seu principal objetivo seria possibilitar aos estudantes da Escola de Ensino Médio Adauto Bezerra uma oportunidade de construir conhecimentos do componente curricular Artes, por meio da leitura, contextualização e experimentação de diferentes formas de produção de quadrinhos no ambiente da escola. Apresentamos a proposta na escola, que foi aceita com muito entusiasmo, disponibilizando seu espaço aos sábados para a realização da oficina.

Com a proposta devidamente aprovada pelo orientador e pela escola, fizemos a divulgação da oficina intitulada “Leitura e Produção de História em Quadrinhos na Escola”, através de comunicados nas turmas e salas de aulas e implantação de cartazes (Figura 20) nas dependências da escola.



Figura 20: Cartaz 1 e 2 utilizados para divulgação da Oficina de Quadrinhos na escola.

Fonte: Elaborada pelos autores (2018)

Feito a divulgação, efetuamos inscrições prévias com os estudantes interessados em participar do projeto. Decidimos previamente que o número de participantes deveria ser de dez a vinte – essa limitação era necessária, considerando as limitações de espaço, tempo e materiais para poder ofertá-los uma melhor assistência e, assim, ter-se efetivamente uma experiência que fosse a mais prazerosa possível.

Nas aulas da oficina, assim como foi na turma regular, teve-se como referência a Abordagem Triangular, uma proposta pedagógica para o ensino de artes visuais sistematizada pela professora e pesquisadora Ana Mae Barbosa (BARBOSA, A. M. 2009).

Respeitando as especificidades da linguagem dos quadrinhos, a metodologia vivenciada por nós, no espaço e tempo de convivência com os participantes, buscou uma aproximação com as orientações didáticas propostas pela Abordagem Triangular que entende que: “sem a experiência do prazer da Arte, por parte de professores (ou mediadores), alunos, pesquisadores, nenhuma teoria de arte/educação será reconstrutora” (BARBOSA, A. M., 2008, p. 08). Por isso, desejou-se vivenciar uma experiência pautada pela busca de momentos prazerosos, para se terem reais situações de prazer em ensinar e aprender quadrinhos.

O ensino de quadrinhos a partir da Abordagem Triangular (BARBOSA, A. M. 2009) nos possibilitou uma busca por atuarmos não apenas no fazer sem reflexão ou só na leitura alheia ao fazer, que quebrar-se-ia o princípio da aprendizagem significativa. Mas uma busca em estimular os estudantes a criarem os seus próprios personagens com traços próprios ao mesmo tempo que discutem sobre definições e história das histórias em quadrinhos, conhecendo e debatendo sobre as diferentes possibilidades empregadas em sua produção. (BARBOSA, A. M., 2009).

Portanto, na nossa experiência buscamos apresentar aos alunos diferentes títulos de HQs, conhecendo e lendo diferentes estilos, gêneros e formatos. Também foi realizada leitura e sua contextualização, conhecendo mais sobre a época que foi feita, quem a fez e como a fez.

Os alunos foram estimulados a terem momentos de leitura de quadrinhos na própria sala de aula e a discutirem as histórias narradas e entenderem os processos artísticos empregados na produção da história que leram. No decorrer das aulas

apresentamos os diferentes processos de produção de quadrinhos, desde os mais artesanais até os mais profissionais, culminando com a experimentação e produção de suas próprias histórias, que poderiam ser feitas individualmente ou em coletivo.

A Abordagem Triangular defende que, em ambientes didáticos, a Arte seja o conteúdo do processo de ensino e, conseqüentemente, de aprendizagem. Nesse sentido, na oficina de quadrinhos, tivemos os próprios quadrinhos como ponto de partida, sendo não apenas meio, mas objeto de ensino-aprendizagem, pois se partiu da compreensão dos quadrinhos como arte, trabalhando e valorizando sua experimentação, tendo como um dos resultados as interpretações e narrativas visuais elaboradas pelos participantes.

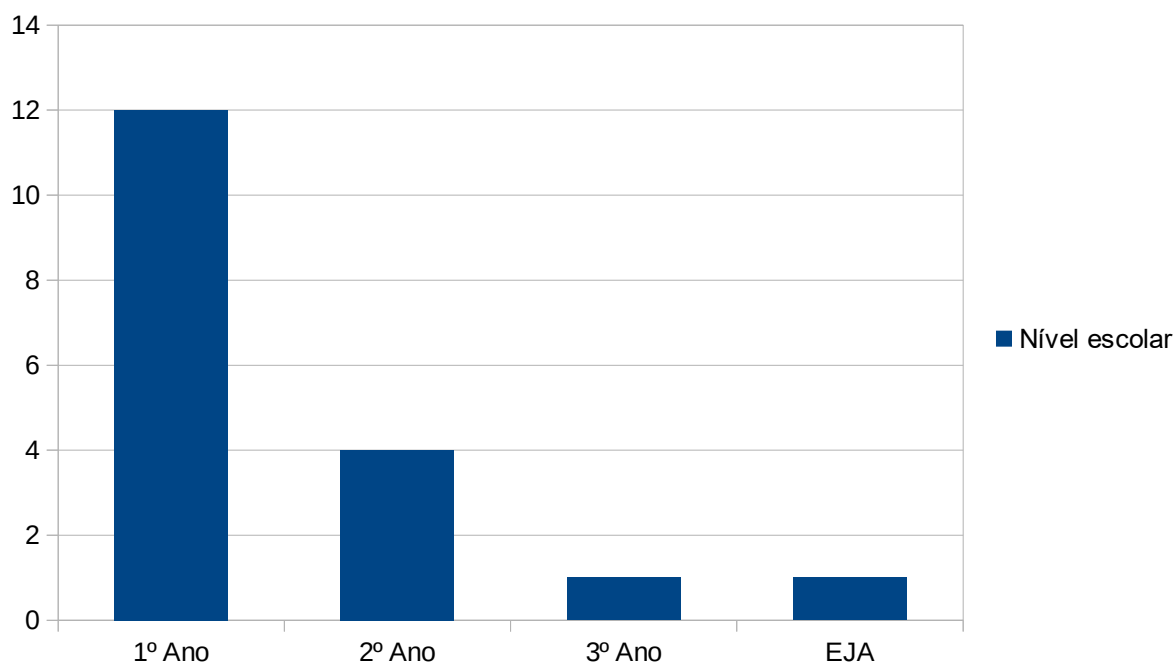
4.2. PERFIL DOS PARTICIPANTES – *QUESTIONÁRIO 1*

Assim como na experiência com a turma regular, a primeira atividade previamente planejada e realizada na oficina foi a aplicação do questionário, intitulado de *Questionário1*. Este que se constituiu como um instrumento metodológico da pesquisa para coleta de dados. Instrumento contendo dez (10) perguntas básicas para sabermos qual a relação e experiências que os participantes já possuíam com a linguagem dos quadrinhos.

As respostas do *Questionário1* nos permitiriam, além de sabermos as experiências dos participantes, a possibilidade de traçarmos um perfil da turma que iria participar dos encontros da oficina. Cada participante no seu primeiro encontro na oficina teria que começar respondendo ao questionário. Com isso, até o quinto encontro tivemos a participação de dezoito (18) estudantes.

Com a tabulação dos dados identificados nos 18 questionários respondidos, percebemos primeiramente que a idade dos participantes variava de quinze (15) aos dezenove (19) anos. Dos dezoito (18), doze (12) eram estudantes do primeiro ano do Ensino Médio, quatro (4) cursavam o segundo ano, um (1) estava no terceiro ano e mais um (1) estava cursando o EJA (Educação de Jovens e Adultos), conforme o **Gráfico 3**.

Gráfico 3. Nível escolar dos participantes



Dentre as questões colocadas no questionário, a primeira delas foi sobre o nível de leitura praticado pelos participantes. Perguntamos se eles faziam leituras de quadrinhos com frequência, se liam, mas não regularmente ou ainda se nunca leram quadrinhos. Com essa questão obtivemos o dado que todos em algum momento já leram quadrinhos, mas somente cinco leem com frequência conforme **tabela 11**.

Tabela 11: Sobre a leitura de História em Quadrinhos – HQs

A	Ler com frequência	05
B	Ler, mas não regularmente	13
C	Nunca leu	00

A segunda questão, buscou saber quais os gêneros e formatos de quadrinhos eram mais lidos pelos participantes. Nessa questão, elencamos as seguintes opções de respostas: tiras/charges, revistas/mangás, livros/graphic novels. A resposta a essa questão nos indicaria se eles gostavam mais de ler histórias curtas como as tiras, histórias seriadas como as revistas em quadrinhos e os mangás, ou ainda histórias longas e fechadas como o caso dos livros de quadrinhos.

Obtivemos que a maioria ler revista e mangás e que dos dezoito apenas dois leem livros de quadrinhos como observamos na **tabela 12**.

Tabela 12: Sobre os Gêneros e Formatos de Quadrinhos que costumam ler

A	Tiras/Charges	9
B	Revistas/Mangás	12
C	Livros/Graphic Novel	2

A terceira questão buscou saber como eles fazem para ter acesso a quadrinhos, pois sabe-se que a cidade de Barbalha não tem bancas de revistas ou livrarias que possibilitem uma distribuição e oferta maior de variedades de títulos de quadrinhos em diferentes gêneros e formatos, portanto nos interessou saber também como os estudantes fazem para adquirir quadrinhos.

Para isso elencamos algumas possibilidades como: compra de exemplares; conseguir emprestado; ler na biblioteca da escola; ler online pela internet; fazer download e ler em algum dispositivo digital ou de alguma outra forma que eles poderiam nos dizer escrevendo. Obtivemos conforme a **tabela 13**, que as formas para lerem quadrinhos são muito variadas, mas a maioria consegue emprestado, depois compram ou leem pela internet. Um dado nos chama a atenção, apenas dois alunos dos dezoito costumam ler na biblioteca da escola.

Tabela 13: Como fazem para ler Histórias em Quadrinhos

A	Compra exemplares	5
B	Consegue emprestado	7
C	Ler na biblioteca da escola	2
D	Ler online pela internet	5
E	Faz download e ler no PC, tablete, celular, etc.	2
F	Outras formas. Quais?	

Se faz necessário tecer algumas considerações sobre esse dado do baixo acesso à biblioteca da escola pelos alunos. No capítulo anterior, destacamos que muitos dos alunos da turma regular desconheciam a presença de exemplares de quadrinhos na biblioteca da escola. Pode-se considerar que ainda são poucas as ações de incentivo a leitura na escola, faltam ações suficientes que levem os alunos

para a biblioteca ou mesmo que divulgue quais os livros presentes incentivando tanto práticas de leitura no ambiente da biblioteca como o empréstimo de livros.

Sobre essa falta de ações de incentivo a leitura nas bibliotecas escolares, Vera Sena e Juliana Santos em artigo publicado nos Anais do II Encontro de Pesquisa em Informação e Mediação (II EPIM)(2015), consideram que:

o desconhecimento dos profissionais sobre as ações que podem incentivar a leitura bem como a inexistência do profissional bibliotecário neste ambiente, aumentam as barreiras no uso e adesão pelos profissionais de ações de incentivo à leitura. (SENA; SANTOS, 2015, p. 03).

A quarta questão foi muito objetiva e perguntou se eles colecionavam ou possuíam quadrinhos em casa. A resposta dessa questão nos indicaria se esses participantes eram leitores e colecionadores de quadrinhos. Algo muito comum entre os adolescentes que leem regularmente é manter coleções de exemplares de quadrinhos. Sobre o colecionismo de quadrinhos, Tiago Krening (2017), ao refletir sobre a prática de colecionismo de quadrinhos diante do crescente consumo dos quadrinhos digitais, em artigo publicada no site *redaçãomultiverso* em 2017 considera que:

Ainda que muitos leitores consumam quadrinhos digitais (em scans ou em sites como o Social Comics), a característica de colecionador que é tão forte nesse meio faz com que seja comum que, mesmo após ler na tela, se comprem versões impressas dessas mesmas obras (mesmo que em muitos casos seja apenas para guardar e não necessariamente ler) (KRENING, 2017).

Considerar isso, também nos ajudaria a realizar momentos de leitura na oficina solicitando que eles trouxessem para os encontros alguns exemplares de suas coleções para juntar com as que disponibilizaríamos obtendo assim uma quantidade e diversidade maior. No entanto, obtivemos com esta questão que a maioria não coleciona ou possui exemplares de quadrinhos (**tabela 14**). Dos dezoito, apenas sete tem algum exemplar de quadrinhos em casa.

Tabela 14: Se colecionam ou possuem quadrinhos em casa

A	Sim	7
B	Não	11

A partir da quinta questão, fizemos perguntas mais direcionadas ao lugar que os quadrinhos ocupam na escola a partir das experiências desses participantes. A questão cinco, perguntou se eles já haviam estudado com história em quadrinhos em alguma disciplina da escola. Essa resposta nos indicaria se durante a trajetória desses estudantes eles já foram submetidos a experiências que tivessem os quadrinhos como um instrumento metodológico ou mesmo ferramenta pedagógica em alguma disciplina.

Obtivemos que a grande maioria, mais de dois terços dos participantes nunca estudaram com quadrinhos em nenhuma disciplina da escola, conforme a **tabela 15**. Apenas cinco dos dezoito já haviam estudado com quadrinhos nas disciplinas de Arte e Português. Vale ressaltar aqui, que dos dezoito (18), cinco deles haviam sido meus alunos em anos anteriores.

Tabela 15: Se já estudaram com Histórias em Quadrinhos em alguma disciplina da escola

A	Sim	5
B	Não	13
C	Se “sim”, quais?	Artes, Português

Na sexta questão, perguntamos se eles já haviam feito história em quadrinhos alguma vez, essa resposta é muito importante em nossa pesquisa, pois estamos nos propondo a realizar experiências de produção de quadrinhos, pois defendemos que como Arte os quadrinhos não devem estar limitados a serem ferramentas pedagógicas, mas serem para os estudantes mais uma importante forma de comunicação e expressão entre eles e com o mundo.

A questão seis, nos revelou que independente dos quadrinhos estarem presentes em atividades pedagógicas na escola, a metade dos participantes já haviam experimentado em algum momento a produção de quadrinhos conforme **tabela 16**.

Tabela 16: Se já fez Quadrinhos alguma vez?

A	Sim	9
B	Não	9

Destacamos que mesmo alguns desses participantes já terem sido nossos alunos em anos anteriores ainda não havíamos realizado com eles trabalhos tendo os quadrinhos como conteúdo ou mesmo como recurso metodológico, portanto as experiências que tiveram não foram necessariamente por influência nossa. Considerar isso é importante, pois percebemos o quanto a linguagem dos quadrinhos pode ser para os adolescentes uma importante forma de expressão e comunicação entre si, mesmo que na escola não tenham sido relevantes por parte dos professores.

Na sétima questão, buscamos saber se eles já haviam feito alguma história em quadrinhos como trabalho de alguma disciplina na escola. Gostaríamos de saber com essa questão, se a produção de quadrinhos era solicitada ou cogitada por eles como meio para tratar dos diferentes conteúdos, dos diversos componentes curriculares da escola.

Obtivemos o dado surpreendente de que mais da metade dos participantes já haviam feito quadrinhos como trabalho de alguma disciplina conforme **tabela 17**. Este dado, nos leva a confrontar o dado da **tabela 15**, ou seja, mesmo que os professores não usem os quadrinhos como uma possibilidade metodológica os alunos usam os quadrinhos, os quadrinhos para eles são / seriam uma possibilidade de tratar os diversos conteúdos das diversas disciplinas.

Tabela 17: Se já fez alguma História em Quadrinhos como trabalho de alguma disciplina

A	Sim	10
B	Não	8

Para a oitava pergunta buscamos saber se as HQs possuem um lugar como conteúdo nas aulas do componente curricular Arte. Para isso, perguntamos se eles já estudaram sobre História em Quadrinhos nas aulas de Artes. Nos interessa saber nesse estudo qual o lugar que as HQs ocupam no ensino de Artes, portanto a resposta desta questão nos é pertinente.

Obtivemos como resposta que dois terços dos participantes já estudaram sobre quadrinhos nas aulas de Artes, (**tabela 18**). Isso poderia explicar o fato deles já terem feito trabalhos com quadrinhos na escola. No entanto, confrontando com a **tabela 15**, os dados não batem, ou os alunos entendem que estudar sobre quadrinhos não é a mesma coisa que estudar com quadrinhos.

Existe de fato uma diferença entre falar sobre o objeto e usar o objeto. Problematisando, podemos interpretar que é comum na escola se falar sobre quadrinhos, mas não é comum estudar com quadrinhos, tendo as próprias histórias e usando a leitura de quadrinhos em sala de aula como uma possibilidade metodológica.

Tabela 18: Se já estudou sobre Histórias em Quadrinhos nas aulas de Artes

A	Sim	6
B	Não	12

A nona questão perguntou se na biblioteca da escola tem história em quadrinhos. Ao fazermos esta pergunta queremos saber se os alunos sabem que na biblioteca tem exemplares de quadrinhos, pois desde 2006 que o MEC envia anualmente exemplares de HQs para as bibliotecas escolares através do Programa Nacional Biblioteca na Escola – PNBE.

Obtivemos como resposta que, a grande maioria dos participantes sabem que na biblioteca da escola tem quadrinhos. Porém, confrontando com os dados da **tabela 13**, percebemos que os alunos não têm o hábito de ler quadrinhos na biblioteca. Confrontando também com os dados da **tabela 19**, na qual observamos que apenas dois participantes leem livros de quadrinhos, podemos interpretar que os quadrinhos enviados pelo MEC não são realmente leituras atrativas para este público. Os alunos preferem ler mais tiras e revistas seriadas de quadrinhos do que livros, romances gráficos ou adaptações de obras literárias em quadrinhos.

Tabela 19. Conhece a existência de quadrinhos na biblioteca da escola

A	Sim	14
B	Não	4

A décima e última pergunta do questionário pediu que eles respondessem quais histórias em quadrinhos mais gostavam de ler, a resposta dessa questão nos ajuda a traçar um perfil de qual tipo de histórias eles mais gostam de ler. Obtivemos muitos títulos e gêneros de histórias e podemos com isso perceber que o universo de leitura desses participantes é bem diversificado.

Embora podemos observar via **tabela 20**, que os mangás se constituem na leitura preferencial desse público. Isso pode ocorrer por diversos fatores, um deles é o fato de muitos mangás estarem associados a animações e a curiosidade por ver a sequência da história leva os fãs a lerem os mangás, outra possibilidade está relacionada a grande variedade de títulos disponíveis e a facilidade de se ter acesso via internet.

Tabela 20. Sobre quais as Histórias em Quadrinhos mais gostam de ler

Snoopy, Mafalda, Naruto, Os Cavaleiros do Zodíaco, DragonBall Z, Yu-gi-oh, Marvel, DC, Mangás, Batman, Flash, Mangás variados, Gibi, Turma da Mônica, Chaves, One Piece, Tiras, Zagor, Tex, Ziraldo, Garfield, samurais.
--

As respostas a esse questionário nos ajudaram a traçar um perfil da turma, bem como fazer ajustes no planejamento inicial para poder atingir os resultados iniciais do projeto bem como nos prepararmos para melhor enfrentar os desafios de ao se propor o trabalho com a produção de quadrinhos no contexto escolar.

4.3. ENCONTROS E ATIVIDADES DA OFICINA DE QUADRINHOS

Os encontros da oficina de “Leitura e Produção de História em Quadrinhos na Escola” tiveram início efetivamente no dia 10 de setembro de 2016 e se encerraram no dia 17 de dezembro. Será apresentado aqui um relato de algumas atividades desenvolvidas e situações vividas ao longo dos doze encontros.

Ao final do relato apresenta-se um plano de aula construído e reconstruído através da experiência. Acredita-se que esse plano pode servir como um exemplo para outros professores que desejam trabalhar com quadrinhos em oficinas focadas na produção de quadrinhos no espaço escolar. E também, nos servirá como ponto de partida para pensar novas experiências em outras oportunidades e contextos.

O **primeiro** encontro iniciou-se com as apresentações do professor e proposta da oficina para os presentes. Neste encontro, tivemos o comparecimento de seis estudantes que estavam regularmente matriculados e cursando o Ensino Médio. Esperávamos um número bem maior de participantes levando em consideração as inscrições prévias que contavam com vinte estudantes interessados na oficina. Atribui-se isso ao fato de, especificamente, esse dia ter sido um sábado

letivo na escola e alguns alunos estarem realizando simulados, justificativa utilizada por dois estudantes que não puderam comparecer.

Mesmo com o pequeno número de participantes, realizamos o encontro que teve início às 7h30min no espaço do laboratório de informática (Figura 21). O uso do laboratório de informática se deu devido às salas de aula estarem ocupadas com a aplicação dos simulados. Depois das apresentações iniciais, foi aplicado um questionário para se ter um perfil da turma e saber sobre suas experiências com os quadrinhos.



Figura 21: Fotografia do primeiro encontro da Oficina de Quadrinhos no dia 10 de setembro de 2016.

Fonte: Elaborada pelos autores (2018)

Em seguida, deu-se continuidade ao encontro construindo, com a turma, uma definição para história em quadrinhos. Falamos das diferentes denominações, formatos, gêneros e estilos de quadrinhos e apresentamos diferentes exemplares para analisarmos as diferenças em cada formato. Abordamos quais os materiais básicos para a produção de quadrinhos desde tradicionais, digitais, até os alternativos.

Para o **segundo** encontro fizemos uma nova divulgação na escola, lembrando o dia e horário da oficina. Ao chegarmos no dia 17 de setembro, pudemos contar com a participação de treze estudantes, pedindo que cada novo participante respondesse ao questionário. Usamos uma sala de aula e não mais o laboratório de informática. Começamos a aula revisando o que foi discutido no

primeiro encontro, principalmente porque estávamos com vários participantes novos. Depois da revisão, dedicamos o encontro para apresentarmos as principais etapas de produção de quadrinhos. Falamos sobre a ideia, o argumento e o roteiro, três passos para quem deseja fazer quadrinhos. Depois falamos sobre a construção do visual dos personagens, layouts e esboço de páginas, balões, desenho e arte final e, por fim, letras e edição.

Dando sequência ao encontro, dedicamos um tempo para a leitura de quadrinhos na oficina, disponibilizamos vários exemplares de revistas em quadrinhos e pedimos que escolhessem e fizessem a leitura de alguma história (Figura 22). Depois da leitura cada participante deveria escrever um pequeno resumo da história e apresentar aos colegas. Aproveitou-se a atividade para explicar o que é uma sinopse e como a produção de sinopse de quadrinhos pode ajudar a desenvolver ideias e argumentos.



Figura 22: Momento de leitura de quadrinhos na oficina no dia 17 de setembro de 2016.

Fonte: Elaborada pelos autores (2018)

A partir desse segundo momento, o número de participantes por encontro iria girar em torno de 10 a 12 participantes. Aqui vale explicar que muitos dos alunos que frequentam a escola residem na zona rural do município e não dispõem de transporte escolar aos sábados. Talvez, por isso, somente aqueles que moram na zona urbana da cidade, ou que possuem condições de transporte, puderam

participar da oficina. Essa hipótese é apresentada diante do fato de que, sempre que são realizados sábados letivos, a frequência dos alunos da zona rural é baixíssima.

O **terceiro** encontro aconteceu no dia 24 de setembro, contando com a participação de 12 estudantes. Novamente começamos o encontro revisando o que fora apresentado e discutido nos dois primeiros encontros. Depois dedicamos a aula para explicar como criar e desenvolver um argumento para quadrinhos. Foi solicitado na aula anterior que os alunos pensassem, durante a semana, em uma ideia para uma HQ que eles gostariam de produzir na oficina. A partir delas, foram sugeridas mudanças e explicações de como poderiam dar visualidade a estas histórias.

Uma parte da aula foi dedicada a explicar como podemos construir personagens para quadrinhos. Falamos sobre os diversos tipos de personagens como protagonistas, antagonistas, coadjuvantes e figurantes e como as características visuais dos personagens devem combinar com sua personalidade.

Para trabalharmos estas características de personagens, usamos os personagens da Turma da Mônica Jovem como exemplo, pois possuem idades semelhantes a dos participantes da oficina, podendo gerar uma identificação e maior envolvimento na atividade. Dedicamos um momento para leitura de revistas da Turma da Mônica Jovem, depois, cada participante deveria falar sobre a história lida e como as personalidades e características dos personagens influenciavam no desenvolvimento e conclusão das histórias.

Na sequência contextualizamos a criação dos personagens da Turma da Mônica pelo artista Maurício de Sousa. Explicamos como tem sido a produção das histórias pela Maurício de Sousa Produções – MSP apresentando alguns vídeos sobre suas etapas de produção e como podem ser divididas por diferentes profissionais.

O **quarto** encontro aconteceu apenas quinze dias depois do terceiro, pois, no dia 2 de outubro foram realizadas as eleições municipais no Brasil, inviabilizando encontro neste dia. Por isso o encontro aconteceu apenas no dia 8 de outubro. Neste encontro, contamos com a presença de 10 participantes. Nesse dia, os alunos deveriam apresentar seus argumentos, textos escritos das histórias que gostariam

de produzir na oficina. Demos liberdade para os estudantes pensarem em histórias que pudessem ser colocadas em tiras ou páginas.

Ocorreu a explicação de como produzir um roteiro para quadrinhos, dos diferentes tipos de roteiros e pedimos que eles transformassem suas ideias e argumentos em roteiros. Uma participante já havia produzido o roteiro nos dois formatos básicos que apresentamos, o *full script* e o *layoutado*, um com a descrição de quadros e falas e o outro com os *layouts* dos quadros. Apresentamos seu roteiro (Figura 23) para a turma e, a partir dele, foi possível orientar os demais.

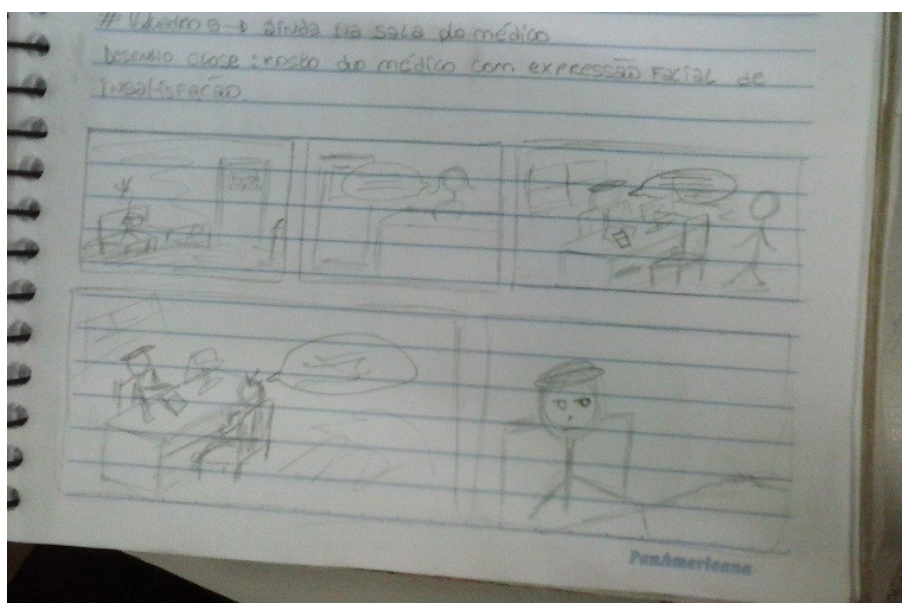


Figura 23: Roteiro produzido pela participante Laysla em dois formatos o Full Script e o Layoutado.

Fonte: Elaborada pelos autores (2018)

O quinto encontro da oficina foi realizado no dia 15 de outubro e contou com a participação de 11 estudantes. Demos continuidade às aulas de produção de quadrinhos, trabalhando as etapas de roteiros e *layouts*. Vários alunos foram trazendo e apresentando seus experimentos e, a partir deles, orientamos melhorar as produções, apresentamos os equívocos e formas de como elaborar corretamente em sequência narrativa usando imagens e textos verbais.

Ao final, percebemos que, quando terminamos a aula por volta das 10 horas, vários alunos continuaram na sala para tirar dúvidas. Queriam saber como desenhar algo especificamente, conversar sobre alguma história que leram. O reconhecimento

e a atenção mostram que um dos objetivos da oficina foi atingido: o prazer da arte, o prazer em aprender.

Os alunos que vão para a oficina querem de fato aprender sobre e como fazer quadrinhos, pois a participação não era obrigatória. Percebemos o interesse durante a aula, mas continuar fazendo perguntas e tirando dúvidas depois do encerramento (Figura 24) foi algo especial, diferentemente do que ocorre em uma aula convencional para uma turma de 40 alunos.



Figura 24: Participantes e o professor depois do encerramento do encontro no dia 15 de outubro de 2016.

Fonte: Elaborada pelos autores (2018)

O **sexto** encontro da oficina realizou-se no dia 22 de outubro, com a presença de nove participantes. Continuamos com o foco dos encontros na produção dos alunos. Fizemos uma explicação sobre a diagramação de uma página de quadrinhos observando como construir os quadros e requadros corretamente em uma página a partir dos *layouts* e do roteiro.

Os participantes que já haviam finalizado seus roteiros e começado a fazer os *layouts* passaram a desenhar as páginas de suas narrativas. Enquanto alguns começavam a etapa de desenhos, o professor orientava os que estavam com mais dificuldade, explicando individualmente cada etapa da produção de acordo com a proposta de quadrinho do estudante (Figura 25).



Figura 25: O professor orientando individualmente os alunos no sexto encontro da oficina.

Fonte: Elaborada pelos autores (2018)

O sétimo encontro aconteceu no dia 29 de outubro. Esse foi dedicado à etapa de produção dos desenhos das páginas e colocação dos balões. Alguns participantes que já haviam começado os desenhos conseguiram concluir as páginas de suas histórias, como foi o caso de Tiago Nascimento (Figura 26), que fez uma HQ de duas páginas, e Edson Salviano (Figura 27), que produziu uma HQ de quatro páginas.



Figura 26: Fotografia do estudante Tiago e das duas páginas a lápis de sua HQ.

Fonte: Elaborada pelos autores (2018)



Figura 27: Edson Salviano finalizando os desenhos de sua HQ.

Fonte: Elaborada pelos autores (2018)

Enquanto os participantes supracitados concluíram a etapa dos desenhos de suas páginas, outros começaram e deram continuidade aos desenhos de suas histórias a partir do roteiro e *layouts* elaborados anteriormente, a exemplo de Cícero Gabriel e André Aparecido (Figuras 28 e 29).

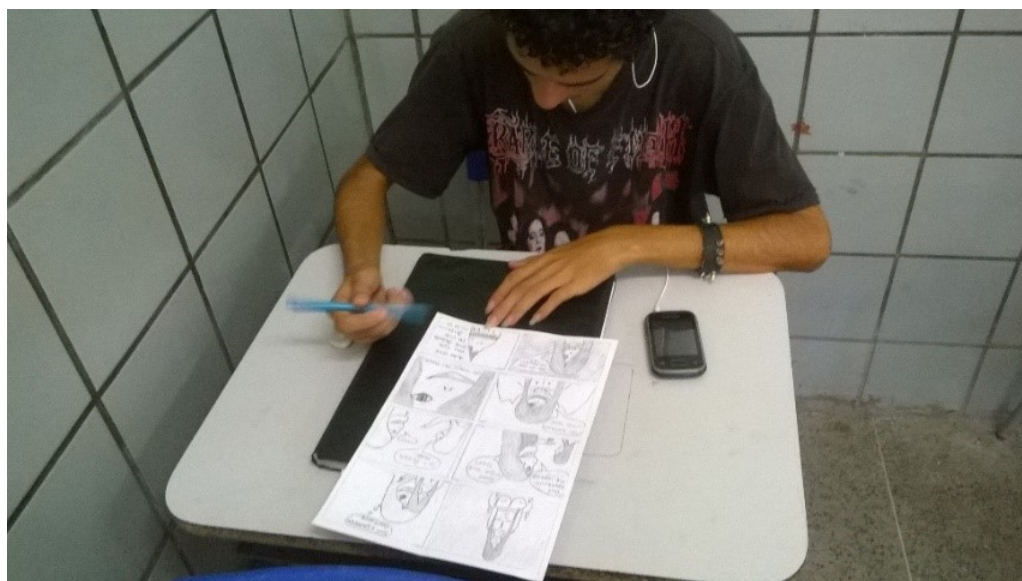


Figura 28: O estudante Cícero Gabriel desenhando as páginas de sua HQ.
Fonte: Elaborada pelos autores (2018)



Figura 29: André Aparecido com as páginas desenhadas de sua HQ.
Fonte: Elaborada pelos autores (2018)

O **sétimo** encontro constatou algo que já era previsto: cada participante tem seu próprio tempo de produção - enquanto alguns já haviam terminado de desenhar as páginas de suas histórias, outros ainda estavam desenhando e alguns ainda estavam com dificuldade de finalizar o roteiro e começar os desenhos. Parte deles

também tinha dúvidas de como dividir os quadros e os balões e organizar a sequência narrativa. Diante disso, eram orientados individualmente de acordo com a sua dificuldade.

O **oitavo** encontro foi realizado no dia 8 de novembro, uma sexta-feira. Esse encontro foi antecipado do sábado para a sexta, pois, no sábado, dia 12 de novembro, a escola estaria fechada devido à paralisação nacional da educação no dia 11 de novembro. Tivemos a participação de nove estudantes e uma participação especial, o universitário Paulo Bruno, que é quadrinista e cursa a Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Regional do Cariri – URCA. Ele falou sobre os materiais que usa e como faz suas histórias. Trabalhamos no encontro questões sobre a diagramação e arte final tradicional de HQs. Foram apresentados os principais materiais usados para arte finalizar quadrinhos, desde canetas porosas, canetas técnicas descartáveis até pinceis, réguas e tintas usadas para se finalizar uma tira ou página de quadrinhos.

Respeitando as diferentes etapas que cada participante estava, tivemos orientações individuais e acompanhamento das produções. A maioria continuou na etapa de desenhos das páginas enquanto alguns começaram a etapa de arte final, finalizando à caneta os desenhos das páginas prontas (Figura 30).



Figura 30. Tiago arte finalizando suas páginas a caneta e página 1 pronta.
Fonte: Elaborada pelos autores (2018)

O nono encontro realizou-se no sábado dia 19 de novembro, com nove estudantes. Continuamos a etapa de arte final das HQs produzidas e realizamos orientações sobre a arte final digital para quadrinhos. Foi apresentado um vídeo explicando os diferentes materiais e processos da arte final tradicional e da arte final digital.

Nesse encontro tivemos a presença de um professor de português, Edson Nascimento, que explicou a importância do texto redigido corretamente e as diferenças entre a linguagem formal e a linguagem coloquial. Discutiu-se o uso das onomatopeias e foram dadas dicas de como os alunos poderiam melhorar sua escrita através da leitura não só de quadrinhos, mas de jornais, livros e outros gêneros textuais. O professor corrigiu os textos das HQs que já estavam prontas (Figura 31).

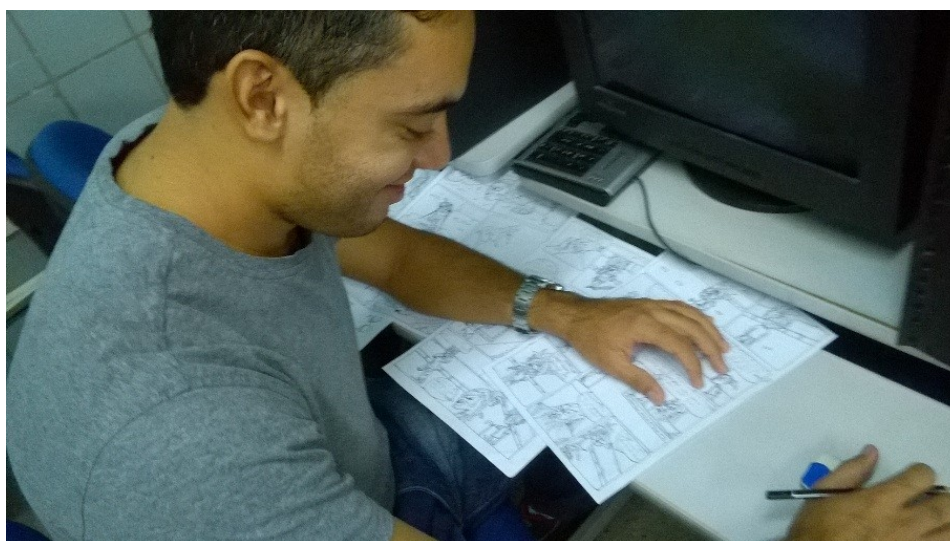


Figura 31: Professor Edson Nascimento corrigindo os textos na HQ de Edson Salviano.

Fonte: Elaborada pelos autores (2018)

No **décimo** encontro, realizado em 26 de novembro, tivemos dez participantes. Foi mais um encontro dedicado às produções de quadrinhos. A esta altura, alguns já haviam terminado as etapas de desenhos e arte final de seus trabalhos; outros deram continuidade.

Como conteúdo, trabalhamos questões sobre os tipos, formatos e uso dos balões e textos nos quadrinhos. Os alunos que já tinham terminado as páginas

deveriam definir os diálogos, fazer correções e definir a fonte e disposição do texto nos balões.

Nesse encontro, também compartilhamos um acontecimento importante para todos os participantes da oficina e do projeto de quadrinhos na escola: dois participantes do projeto participaram da X Feira Regional de Ciências e Cultura realizada pela Coordenadoria Regional de Educação – CREDE 19. No evento, os participantes apresentaram um *banner* com a contextualização, objetivos e metodologias da oficina e os resultados parciais e esperados do projeto. Apresentaram também um diário de bordo com as experiências vividas na oficina e um fanzine para demonstrar como seriam editadas e publicadas as produções dos participantes ao final da experiência.

A apresentação dos alunos e, conseqüentemente, do projeto e todos que dele participaram foram premiados com o terceiro lugar da área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Apresentamos o troféu aos participantes como mais um elemento de motivação para a continuidade da produção e também de reconhecimento de seu interesse e dedicação (Figura 32).



Figura 32: O estudante Tiago Nascimento com o troféu conquistado na X Feira Regional de Ciências e Cultura da CREDE 19.
Fonte: Elaborada pelos autores (2018)

O **décimo primeiro** encontro foi realizado apenas no dia 10 de dezembro, com a presença de onze estudantes. Nele tivemos mais alguns participantes que

terminaram suas HQs; outros continuaram finalizando e outros decidiram produzir mais de uma HQ. Decidimos que os textos a serem inseridos nos balões não seriam feitos manualmente, mas as páginas seriam digitalizadas e os textos inseridos usando um software (programa de computador), o *Adobe Photoshop*. Existem outros softwares como o *Illustrator*, *Codrel Draw*, *Affinity Designer*, ou os livres *Inkscape* e *Gimp*, mas a escolha está relacionada com a experiência e domínio do professor.) A escolha por realizar os textos de forma digital se deu, pois o grupo entendia que ficava mais fácil de ler e como os trabalhos seriam publicados isso daria a possibilidade de fazer correções de texto antes digitação final.

Foi explicado como é feito o processo de digitalização usando um *scanner* e o tratamento digital básico no *Photoshop*. Terminamos o encontro com cerca de 50% das produções finalizadas. Essa etapa do trabalho foi realizada no laboratório de informática.

O **décimo segundo** encontro foi realizado no dia 17 de dezembro e teve a participação de sete estudantes e, novamente, do graduando em Artes Visuais, Paulo Bruno. Esse foi o encontro final dedicado à finalização das últimas HQs em produção. Discutimos questões sobre a cor nos quadrinhos e os processos de edição, como fazer as histórias chegarem ao leitor, publicação impressa e digital.

Já havíamos editado os textos de algumas das produções realizadas na oficina e, usando o projetor de vídeo, apresentamos as páginas com texto onde pudemos ler todos juntos e discutirmos as últimas questões.

Alguns alunos usaram um tempo do encontro para finalizar os últimos detalhes de suas produções, (Figura 33). Por fim, tivemos produções de dez participantes. Alguns produziram mais de uma HQ, enquanto outros apenas HQs de uma página.



Figura 33: Participantes finalizando suas produções e Janaína com sua HQ já finalizada.

Fonte: Elaborada pelos autores (2018)

Ao final, foi possível observar que os resultados dessa experiência foram bastante positivos para cada um dos participantes. Conclui-se isso mediante o interesse demonstrado com a frequência regular e voluntária aos sábados, bem como dos experimentos realizados pelos participantes assim como da disposição para fazer as correções sugeridas quando necessário, e por fim, pela quantidade e qualidade das produções realizadas por todos. Acreditamos que se constituiu em uma ação motivadora para a leitura e produção de quadrinhos dos participantes e a partir do compartilhamento dos resultados, sobretudo das produções dos participantes, constitui-se em uma ação concreta de incentivo a leitura para os demais estudantes da escola.

Diferente da ação realizada na sala de aula regular, o plano de aulas da oficina se tornou mais flexível por dispor de mais tempo e de um número menor de participantes. Inicialmente definimos os objetivos, conteúdos e quais ações deveriam ser realizadas a cada encontro. No entanto, foi no decorrer das ações a cada encontro e das adaptações necessárias mediante os desafios enfrentados que pode-se organizar o Plano de Aula que se apresenta a seguir (Quadro2).

Quadro 2: Plano de encontros e atividades da oficina

Encontros	Conteúdos/Atividades
1º encontro	<ul style="list-style-type: none"> • Aplicar um questionário sobre o que os alunos já sabem sobre quadrinhos, se leem, como leem, se fazem. • Definição para história em quadrinhos; origens e história dos quadrinhos; • Denominações, formatos, gêneros e estilos de quadrinhos; • Materiais básicos para a produção de quadrinhos desde tradicionais, digitais, até os alternativos.
2º encontro	<ul style="list-style-type: none"> • Momento para a leitura de quadrinhos na oficina; • Ideias, resumos, sinopse e argumento para quadrinhos; • Contextualização das HQs lidas.
3º encontro	<ul style="list-style-type: none"> • Momento para a leitura de quadrinhos; • Contextualização das HQs lidas; • Construção de personagens para quadrinhos; • Tipos de personagens: protagonistas, antagonistas, coadjuvantes e figurantes; • Etapas de produção divididas por diferentes profissionais. • Roteirista, desenhista, arte-finalista, colorista e letrista de quadrinhos.
4º encontro	<ul style="list-style-type: none"> • Roteiro para quadrinhos; • Diferentes tipos de roteiros (<i>full script</i> e o <i>layoutado</i>)
5º encontro	<ul style="list-style-type: none"> • Roteiros e <i>layouts</i>. • Sequência narrativa; • Esboço de páginas.
6º encontro	<ul style="list-style-type: none"> • Diagramação de páginas; • Enquadramentos • Quadros e requadros; • <i>layouts</i>.
7º encontro	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho de páginas • Balões (os diversos tipos e formato de balões)
8º encontro	<ul style="list-style-type: none"> • Artista dos quadrinhos convidado; • Diagramação e arte final tradicional de HQs; • Materiais usados para arte-finalizar quadrinhos;
9º encontro	<ul style="list-style-type: none"> • Arte final digital para quadrinhos • Participação de um professor de português; • O texto nos quadrinhos, letras, onomatopeias; • Linguagem formal e a linguagem coloquial;
10º encontro	<ul style="list-style-type: none"> • Tipos, formatos e uso dos balões e textos nos quadrinhos. • Correções, definição de fonte e disposição do texto nos balões.
11º encontro	<ul style="list-style-type: none"> • Digitalização e tratamento digital de páginas. • Uso do software (programa de computador), Adobe Photoshop para limpeza e inserção de texto nas HQs.
12º encontro	<ul style="list-style-type: none"> • Finalização das últimas HQs em produção. • Montagem de revistas e fanzines; • Formas de publicação de quadrinhos. • Socialização das produções finalizadas.

Pode-se concluir que o plano apresentado se tornou também um dos resultados da experiência, sendo este modelo ou exemplo para o planejamento e realização de outras experiências com ensino de quadrinhos pautado pela leitura e produção de quadrinhos no ambiente escolar.

4.4. PRODUÇÕES DA OFICINA DE QUADRINHOS

A última etapa dessa experiência com a produção de quadrinhos em uma escola de Ensino Médio foi a socialização. Como fazer as produções dos participantes chegarem aos demais colegas da escola e também aos professores, funcionários, gestores, familiares e comunidade?

Inicialmente havíamos planejado que, dependendo da quantidade e qualidade das produções, poderíamos fazer um blog ou editar um fanzine com as produções. Durante os encontros, logo que as primeiras produções foram finalizadas, editamos um pequeno fanzine (Figura 34) com as duas primeiras HQs e apresentamos à turma, aproveitando para explicar como são editadas as páginas de uma HQ que será impressa no formato revista.



Figura 34: Capas dos primeiros fanzines testes com as duas primeiras histórias produzidas na oficina de quadrinhos.

Fonte: Projeto Leitura e Produção de Histórias em Quadrinhos na Escola (2018)

A turma gostou muito do fanzine experimental que montamos, ficaram muito entusiasmados com a possibilidade de seus experimentos tornarem-se uma revista. Assim, decidiu-se que, ao final da oficina, iríamos editar uma revista independente no formato fanzine com todas as produções e publicaríamos na escola para que as produções pudessem chegar aos demais membros da comunidade escolar.

Quanto ao título da revista, foram sugeridos *HQ Zine* ou *ZinEscola*. Por ser uma revista zine (fanzine) produzida no espaço escolar, os participantes aprovaram o segundo nome. Pensar em uma publicação tinha como objetivo possibilitar e estimular a leitura e desejo de produzir quadrinhos a outros estudantes e turmas da escola.

Ao final da oficina tivemos produções de dez participantes diferentes. No entanto, infelizmente alguns alunos desistiram da oficina durante os encontros, como apresentado anteriormente, a hipótese da dificuldade de transporte para os participantes que residem na zona rural foi constatada diante da fala de alguns desses alunos.

Dentre as produções apresentadas, observou-se que algumas tinham apenas uma página ou meia página, enquanto outras possuíam de três páginas e uma delas com um total de treze páginas. Diante disso, discutimos e decidimos que, em vez de editarmos apenas um fanzine, seriam produzidos dois, o primeiro apenas com as histórias curtas de até uma página e o segundo com as histórias mais longas.

4.4.1 Revista *Tiradas em Quadrinhos 1*

Após a definição de que seriam duas revistas discutimos quais os títulos das revistas, mediante a especificidade de uma das revistas ser formada por histórias no formato de tiras, decidimos atribuir a ela o título de *Tiradas*, uma junção entre as palavras tiras e piadas.

Portanto a revista ficou com o título *Tiradas em Quadrinhos*. Para a arte da capa os alunos acharam melhor que o professor desenha-se, diante disso pensamos em um desenho que representasse a experiência do fazer quadrinhos na sala de aula, portanto tomamos como referência fotografias dos encontros e desenhamos a representação de algum aluno desenhando quadrinhos (Figura 35).



Figura 35: Capa da Revista Tiradas em quadrinhos 1 lançada na escola em Janeiro de 2017.

Fonte: Projeto Leitura e Produção de Histórias em Quadrinhos na Escola (2018)

Portanto, a revista *Tiradas em Quadrinhos 1*, apresentou em sua edição final um total de 16 páginas apresentando a compilação de dez histórias curtas realizadas individualmente por seis participantes diferentes com alguns dos participantes tendo produzido mais de uma história. A Figura 36 apresenta o índice da revista onde pode-se observar os títulos das HQs seguido do nome dos estuantes autores e da página das respectivas produções.

Índice	
Educação para o mundo.....	04
Tempos, Layslla.....	05
Click, Layslla.....	06
Jacinto, Layslla.....	07
Lixo, Janaína.....	07
Seu Lunga, Hermano.....	08
Na Ilha, Hermano.....	09
Zé e Chico, Ariel.....	10
Filhote, Ariel.....	11
Hipnose, Fábio.....	12
Cuidado, Caio.....	13
Autores/Participantes.....	14

Figura 36. Índice da revista Tiradas em Quadrinhos 1, produção dos autores em 2017.

4.4.2 Revista *ZinEscola Quadrinhos 1*

A segunda revista formada pela compilação das histórias maiores apresentou um total de 36 páginas e recebeu como título *ZinEscola Quadrinhos 1* (Figura 37), uma palavra formada pela união das palavras *zine* retiradas de *fanzine* ou *magazine* e a palavra *escola*, neologismo que sugere ser uma revista *fanzine* da escola. Assim como para a revista *Tiradas*, a revista *ZinEscola* também teve a arte da capa desenhada pelo professor com cores do ex aluno da escola e atualmente graduando em Artes Visuais e quadrinista Paulo Bruno.



Figura 37: Capa da Revista ZinEscola quadrinhos 1 lançada na escola em Janeiro de 2017.

Fonte: Projeto Leitura e Produção de Histórias em Quadrinhos na Escola (2018)

Esta revista apresentou seis histórias compostas de três até treze páginas elaboradas individualmente por cinco estudantes, sendo que um dos participantes elaborou mais de uma história. Na Figura 38, pode-se observar o índice da revista contendo títulos, autores e as páginas das seis histórias publicadas.

Índice	
HQs e Escola, Roger.....	04
Merda, Tiago.....	05
Mundo de Edson, Edson.....	07
Desafio, André.....	11
Lula Dance, Tiago.....	14
Mago Mystic, Ariel.....	17
Poder, Gabriel.....	30
Autores.....	33
Participantes da oficina.....	34

Figura 38. Índice da revista ZinEscola
Quadrinhos, produção dos autores publicada em
2017.

Para viabilizar a publicação, conseguimos o apoio financeiro do núcleo gestor da escola, de modo que foi possível realizar as impressões de 300 exemplares de cada revista em uma gráfica rápida. Depois organizamos um momento para o lançamento das revistas na escola, onde os exemplares seriam distribuídos gratuitamente para os presentes.

O lançamento ocorreu em um sábado letivo e contou com a participação de alunos, professores, funcionários e gestores. No lançamento, falou-se sobre a importância da realização do projeto e de como a produção de quadrinhos na escola se torna importante para estimular a leitura nos alunos e até descobrir e incentivar talentos para essa e outras linguagens artísticas, além do fato da produção de quadrinhos se constituir em uma possibilidade de serem trabalhados diversos conteúdos do componente curricular Artes.

Na ocasião do lançamento demos protagonismo aos estudantes autores, apresentamos individualmente cada participante no evento e fomos montando uma mesa; depois, realizou-se a distribuição dos exemplares para os presentes seguindo-se com uma sessão de autógrafos e dedicatórias (Figura 39).



Figura 39: Os estudantes autores autografando as revistas de quadrinhos no lançamento. Fonte: Elaborada pelos autores (2018)

Após essa ação, foi possível destinar uma quantidade de revistas para a biblioteca da escola, possibilitando que os demais alunos pudessem ter acesso ao material produzido nessa experiência, além de poderem ser utilizados nas aulas da disciplina de Artes e também de língua portuguesa.

4.5. DA PRÁTICA A TEORIA OU DA TEORIA A PRÁTICA: COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS

Consideramos, a partir das leituras realizadas para a proposição e realização dessa experiência, que se fazem necessárias outras experiências com o ensino de quadrinhos nas escolas e, mais especificamente, nas aulas de Artes, pois embora existam, ainda são poucos os estudos e livros publicados especificamente sobre os quadrinhos e suas possibilidades pedagógicas no componente curricular Arte e como linguagem artística no contexto escolar.

Portanto, além de se realizar experiências práticas e estudos teóricos é necessário, também, que seja feito o compartilhamento dessas experiências. Pensando nisso organizamos um artigo intitulado *História em Quadrinhos na Escola: Uma experiência com a produção de quadrinhos no ensino médio*. (SILVA; TAVARES, 2017), e apresentamos comunicação nas 4ª Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos no mês de agosto de 2017. O evento citado, têm como proposta servir de ponto focal para as pesquisas sobre quadrinhos produzidas no país e no exterior. Além de dar visibilidade a tais estudos, o encontro acadêmico contribui para promover intercâmbio de conhecimento entre os temas abordados e seus autores.

Dentre os objetivos dessa experiência na escola, acreditamos ter sido possível proporcionar efetivamente uma experiência de ensinar e aprender quadrinhos na escola bem como gerar e compartilhar conhecimentos por meio de experiências teórico e práticas de ensinar e aprender quadrinhos no interior de uma escola regular de ensino médio.

Nossa experiência nos confirmou que estimular a leitura de quadrinhos no ambiente da escola e também na sala de aula é uma possibilidade para fazer um trabalho de alfabetização na linguagem dos quadrinhos e também alfabetização para a leitura de imagens (VERGUEIRO; RAMOS, 2009). Sabemos com Barbosa, A. (2009) e Silva (2011) que, no tempo em que vivemos, estamos rodeados de imagens e é necessário que nossos estudantes sejam preparados para decodificar o que elas têm a dizer; que estejam alfabetizados para serem fruidores e leitores críticos das mais diferentes formas de imagens.

Entendemos com este estudo que as histórias em quadrinhos podem ser uma importante forma de comunicação e expressão para o ser humano. Por isso, aprender a fazer quadrinhos pode ser uma possibilidade para aprender sobre quadrinhos, seu contexto e conceitos e ainda adquirir mais uma forma de expressão artística. As demais questões pertinentes ao estudo serão respondidas mediante uma análise e comparativo entre as duas experiências práticas realizadas no contexto da pesquisa e apresentadas na conclusão desse estudo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo de uma motivação inicial identificada na própria trajetória, esta pesquisa buscou responder a uma questão de estudo que se contextualiza nas possibilidades de uso das Histórias em Quadrinhos no ensino de Arte. De um modo particular, definiu-se que as discussões seriam centradas na localização dos quadrinhos enquanto um legítimo objeto de ensino e aprendizagem do componente curricular Arte no contexto do ensino médio na educação básica.

Para a fundamentação do estudo, apresentou-se desde os encontros e interesses do pesquisador para com esse objeto de estudo até as pesquisas realizadas anteriormente e que apontaram para a necessidade de mais estudos e reflexões sobre o assunto em questão. Desse modo, estruturou-se um trabalho começando pela identificação do problema de pesquisa, seguindo-se da apresentação das justificativas, objetivos e metodologias utilizadas no decorrer do trabalho.

A questão geral e norteadora da pesquisa foi apresentar respostas possíveis para a questão: *Qual o lugar das histórias em quadrinhos no ensino de arte do ensino médio?* Isso pois, após muito tempo e superando preconceitos e desconfianças os quadrinhos adentraram o espaço escolar e chegaram ao ponto de serem recomendados para uso como ferramenta pedagógica para o ensino de Artes no Ensino Médio (BRASIL, 2006). No entanto, pesquisadores dedicados ao estudo sobre as possibilidades pedagógicas dos quadrinhos no ensino de Artes consideram os quadrinhos como algo mais significativo do que apenas um produto da indústria cultural usado como ferramenta, um meio para se atingir outros fins. Esses pesquisadores (PIMENTEL, 2008), (MENDONÇA, 2006, 2008), Silva (2014), entendem os quadrinhos como sendo uma legítima forma de expressão humana, uma linguagem artística visual e como tal deve ser considerada como um dos conteúdos a serem ensinados e aprendidos no ensino de Arte

Para se apresentar respostas a essa questão, desdobramos a mesma em outras questões que foram sendo respondidas na sequência dos capítulos, acreditamos que a somatória das respostas nos ajudam a responder a questão principal. Portanto, no primeiro capítulo perguntamos o que são quadrinhos?

Apresentando com isso, algumas definições para quadrinhos e qual a compreensão de quadrinhos que usamos no decorrer de todo o estudo. Ao definirmos os quadrinhos como uma linguagem artística, perguntamos quais os principais elementos que constituem essa linguagem? Nos permitindo elencar os principais elementos constitutivos da linguagem quadrinística que precisam ser considerados quando se propõe o ensino de quadrinhos ou uso dos quadrinhos em situações didáticas e pedagógicas. Outra questão foi, qual a relação entre quadrinhos e educação atualmente e quais as possibilidades de uso dos quadrinhos no ensino de Artes?

As respostas a essas questões somadas, nos ajudam a entender qual o lugar das HQs no ensino de Artes? Consequentemente nos levaram a outra questão: como podemos trabalhar com o ensino de quadrinhos nas aulas de artes do ensino médio de modo a atender as exigências do que deve ser o ensino de artes no tempo em que vivemos?

Esse último questionamento, foi o que buscamos responder no desenvolvimento do segundo e terceiro capítulos desse estudo. Para tal, mais do que uma revisão da literatura sobre o assunto, nos propusemos a realizarmos no decorrer da pesquisa duas experiências distintas com o ensino e aprendizagem de quadrinhos no contexto de uma escola de ensino médio.

No segundo capítulo, apresentamos um relato e análise de uma experiência com o ensino de quadrinhos nas aulas de Arte durante um bimestre letivo em uma turma de primeiro ano do ensino médio da Escola de Ensino Médio Aduino Bezerra, localizada no interior do estado do Ceará.

Na primeira experiência, buscamos ensinar quadrinhos com foco na produção para aquisição de domínio da linguagem dos quadrinhos. Tal ação nos colocou diante das dificuldades reais enfrentadas pelos professores do componente curricular Arte, dificuldades essas que começam pela desvalorização da área de Arte no contexto escolar resultando no pouco espaço e tempo para se trabalhar os conteúdos da área, na completa falta de material para a realização de experiências de criação artística, nas salas superlotadas e mal equipadas e tudo isso afetando diretamente um trabalho que se foca na experimentação artística e de modo particular a produção de quadrinhos na sala de aula.

A experiência nos mostrou que o trabalho com o ensino de quadrinhos em turmas numerosas com mais de 35 estudantes por turma pode ser muito prazeroso quando se trabalha com a leitura e discussão em sala de aula. Que a contextualização das HQs lidas é necessária e deve sempre buscar construir um entendimento que as produções possuem um contexto histórico de produção e objetivos definidos. Que como objetos artísticos os quadrinhos apresentam expressões e visões de mundo dos seus respectivos autores. Essas discussões podem ser muito atrativas e construtivas para os alunos.

A experiência nos demonstrou também que o trabalho coletivo é necessário, mas que é preciso ter atenção pois se observa que alguns estudantes não participam efetivamente das etapas de produção e em algumas situações os trabalhos ficam concentrados em poucos. Portanto cabe ao professor, pensar estratégias que envolvam a maior quantidade de alunos, uma possibilidade é dividir as etapas de um mesmo trabalho entre todos os participantes da equipe.

Observamos que deixar que os alunos produzam em casa pode não funcionar, pois no dia da entrega os trabalhos não estão prontos, alguns alunos faltam ou apresentam muitas justificativas para o fato de não terem produzido. Uma possibilidade e alternativa para superar essa questão é o professor conseguir os materiais e usar o tempo e espaço da aula de Arte como um atelier, orientando as produções que devem ser feitas em sala de aula.

Para superar o pouco tempo da aula de arte, e as poucas aulas de um bimestre letivo, uma possibilidade é experimentar a produção de tiras ou histórias curtas de uma página. É preciso planejar um momento de socialização das produções, isso é muito importante e observamos que muito prazeroso para os participantes. Não foi possível editar fanzine, ou criar site para a publicação dos experimentos. Para a socialização uma possibilidade encontrada por nós foi digitalizar e apresentar em sala de aula com um projetor de imagens cada um dos trabalhos produzidos.

No terceiro capítulo, apresentamos um relato e análise de uma experiência com o ensino de quadrinhos através da realização de uma oficina de produção de quadrinhos realizadas aos sábados pela manhã na mesma escola estadual da primeira experiência. Descrevemos o que foi realizado a cada encontro sendo

possível identificar metodologias usadas para se atingir os objetivos das ações e consequentemente da pesquisa em questão.

O relato descritivo demonstrou como foi possível atingir resultados práticos que culminaram com a edição e publicação de duas revistas em quadrinhos na escola. As revistas *Tiradas em Quadrinhos* e *ZinEscola Quadrinhos*, produções resultantes da oficina como uma das ações efetivas da pesquisa se constituíram em ferramentas concretas de incentivo a leitura no ambiente escolar assim como na possibilidade de se ensinar Arte a partir do incentivo a experimentação de linguagens artísticas, em especial dos quadrinhos, no contexto de uma escola de ensino médio.

Uma experiência que fundamentada pela reflexão teórica da pesquisa, demonstra como os quadrinhos podem ser de fato uma importante forma de expressão artística para os alunos poderem expressar e comunicar suas ideias ao mundo. Possibilitando aos mesmos o desenvolvimento de uma leitura crítica de mundo e da autonomia para expressarem suas ideias e inquietações através da criação e divulgação de suas narrativas.

É importante que os estudantes ao produzirem pensem em quem vai ler o trabalho, que tipo de história contarão, quais objetivos desejam atingir, que mensagens pretendem veicular em suas produções. Portanto pensar o formato da publicação e publicar efetivamente, se permitindo receber o retorno e aprender a lidar com as críticas e elogios ao seu trabalho. Experimentar a relação do tripé artista, obra e público é também uma possibilidade didática para se aprender Arte, aprendendo não apenas pela leitura da obra artística ou da contextualização histórica e conceitual das obras, mas também através do fazer artístico para uma concreta apropriação do vocabulário das diferentes linguagens artísticas.

A apresentação dessas duas experiências com a linguagem dos quadrinhos no contexto escolar demonstram como é possível trabalhar com os quadrinhos de modo a se atender o que se espera do ensino de arte na atualidade. Os relatos nos ajudam a entender também que, embora não seja fácil trabalhar com o ensino de quadrinhos, devemos nos capacitar e encarar esse desafio que pode proporcionar para os alunos momentos significativos onde seja possível despertar o prazer em aprender arte. As duas ações apresentam possibilidades experimentadas na busca

de se trabalhar com os quadrinhos no ensino de Artes de modo a superar os desafios de se ensinar quadrinhos para além de ferramenta, mas localizando-os como um legítimo conteúdo artístico a ser ensinado e aprendido no contexto escolar.

6. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Alexandre. Os quadrinhos no ensino de artes. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 3. ed São Paulo: Contexto, 2009.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**: anos 1980 e novos tempos. 7. Ed. rev. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BARBOSA, Ana Mae. In: CARVALHO, Livia Marques. **O ensino de artes em ONGs**. São Paulo: Cortez, 2008.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil** [recurso eletrônico]. -- Brasília: Supremo Tribunal Federal, Secretaria de Documentação, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec>>.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, Brasil.

BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais**: ensino médio. Brasília, 1999. 394p.

BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **PCNs+ Ensino Médio**: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília, 2002. 244 p.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Orientações curriculares para o ensino médio**: Linguagem, códigos e suas tecnologias. Brasília, Secretaria de Educação Básica, 2006.

CAGNIN, Antonio Luiz. **Os quadrinhos**: um estudo abrangente da arte sequencial: linguagem e semiótica. 1 ed. São Paulo: Criativo, 2014.

CARVALHO, Eduardo. **O humor dos quadrinhos como instrumento educacional**. 2007. Disponível em: <<http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Midia/O-humor-dos-quadrinhos-como-instrumento-educacional/12/12754>>. Acesso em: 13 de setembro de 2016.

CHINEN, Nobu. Aprenda & Faça Arte Sequencial: **linguagem HQ: conceitos básicos**. 1. ed. São Paulo: Criativo, 2011.

CHINEN, Nobu. **Histórias em quadrinhos vivem bom momento no Brasil**, diz docente, entrevista concedida a Larissa Lopes, Jornal da USP, disponível em: <http://jornal.usp.br/cultura/historias-em-quadrinhos-vivem-bom-momento-no-brasil-diz-docente/> acesso em 28 de maio de 2017.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**: Princípios e práticas do lendário cartunista; tradução Luís Carlos Borges, Alexandre Boide. 4ª Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FEIJÓ, Mário. **Quadrinhos em ação**: um século de história. São Paulo: Moderna, 1997.

FERRAZ, Maria Heloisa Corrêa de Toledo; IAVELBERG, Rosa. Arte: Introdução. In: **PCNs+ Ensino Médio**: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília, 2002. 244 p.

FRANCO, Edgar Silveira. **HQTRÔNICAS**: do suporte papel à rede Internet. 2ª edição. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2008.

FRANCO, Edgar Silveira. **Apresentação: História em quadrinhos – Uma arte consolidada**. In: Visualidades: Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual, Faculdade de Artes Visuais/UFG. – V. 7, n.1– Goiânia-GO: UFG, FAV, 2009.

FRANCO, Edgar Silveira. **A Disciplina “História em Quadrinhos de autor”**: uma experiência de ensino e prática criativa de quadrinhos na perspectiva da Arte. In: MODENESI, Thiago; BRAGA, Amaro Xavier. (Org.) Quadrinhos e educação: relatos de experiências e análise de publicações v. 1. Jaboatão dos Guararapes: Faculdade dos Guararapes, 2015. p. 25-42.

GUIMARÃES, Edgar. **Estudos sobre História em Quadrinhos**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2010.

GUBERN, Roman. **El language de Los Comic**. Barcelona: Ediciones Península, 1979.

KRENING, Tiago. **O colecionismo é um obstáculo para as HQs digitais?** Disponível em: <http://www.redacaomultiverso.com.br/artigos/o-colecionismo-e-um-obstaculo-para-as-hqs-digitais/> acesso: 11/06/2018

McCLOUD, Scott. **Desvendando os Quadrinhos**. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda, 2005.

MENDONÇA, João Marcos. **O ensino da arte e a produção de histórias em Quadrinhos no ensino fundamental**. Dissertação de Mestrado defendida na UFMG em 2006.

_____. **Traça Traço Quadro a Quadro**: A produção de histórias em quadrinhos no ensino de Artes, Belo Horizonte: C/ Arte, 2008.

NOGUEIRA, Natania Aparecida da Silva. **As histórias em quadrinhos e a escola**: práticas que ultrapassam fronteiras. Leopoldina/MG: ASPAS, 2017.

OLIVEIRA, Maria Cristina Xavier. **A Arte dos “Quadrinhos” e o literário** – a contribuição do diálogo entre o Verbal e o Visual e a reprodução e inovação dos

modelos clássicos da cultura. Tese de doutorado apresentada ao departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2008, p. 48.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.

RAMOS, Paulo. **Tiras no ensino**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

SANTOS NETO, Elydio dos; SILVA, Marta Regina Paulo (Orgs.) **Histórias em Quadrinhos e Educação**: formação e prática docente, São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2011.

SENA, Vera Lúcia Oliveira; SANTOS, Juliana Cardoso dos. **O incentivo à leitura na biblioteca escolar do colégio estadual José Carlos Pinotti**. II Encontro de Pesquisa em Informação e Mediação (II EPIM): anais. UNESP - Campus Marília: 2015.

SILVA, Fábio Tavares da. **História em Quadrinhos no Ensino de Artes Visuais**. Paraíba (João Pessoa): Marca de Fantasia, 2014.

SILVA, Fábio Tavares; TAVARES, Rogério Júnior. **História em Quadrinhos na Escola: Uma experiência com a produção de quadrinhos no ensino médio**. Anais das 4^{as} Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos. ECA/USP 2017. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/anais2ajornada/anais4asjornadas/artigos.php?>

SILVA, Marta Regina Paulo. Histórias em quadrinhos e leitura de mundo: a linguagem quadrinhística na formação de professores e professoras. In: SANTOS NETO, Elydio dos; SILVA, Marta Regina Paulo (Orgs.). **Histórias em Quadrinhos e Educação**: formação e prática docente, São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2011.

THIOLLENT, Michel Jean Marie; COLETTE, Maria Madalena. **Pesquisa-ação, formação de professores e diversidade**. Acta Scientiarum Human and Social Sciences Maringá, v. 36, n. 2, p. 207-216, July-Dec., 2014.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação**: uma introdução metodológica. **Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

VERGUEIRO, Waldomiro. **A pesquisa em quadrinhos no Brasil**: a contribuição da universidade. In: LUYTEN, Sonia M. Bibe (Org.). Cultura pop japonesa. São Paulo: Hedra, 2005.

VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos uma “alfabetização” necessária. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (Org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 3a ed. São Paulo: Contexto, 2009.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. **Quadrinhos na educação**: da rejeição a prática. São Paulo: Contexto, 2009.

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQs no ensino. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (Org.) **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 3. ed São Paulo: Contexto, 2009a.

APÊNDICES

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO 1

A LEITURA E PRODUÇÃO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO ENSINO DE ARTES DO ENSINO MÉDIO

Esta pesquisa tem como objetivo possibilitar aos alunos do Ensino Médio a construção de conhecimentos em artes por meio da leitura, contextualização e experimentação de diferentes formas de produção de História em Quadrinhos na escola. A análise da experiência deverá responder qual o lugar das histórias em quadrinhos nas aulas de artes no Ensino Médio.

QUESTIONÁRIO 1

Identificação

Nome: _____, Idade: _____,
Gênero: _____ Série/Ano: _____

QUESTÕES

1ª). Sobre a leitura de História em Quadrinhos - HQs.

- a) ☐ Você lê História em Quadrinhos com frequência;
- b) ☐ Você já leu HQs, mas não ler regularmente;
- c) ☐ Nunca leu Quadrinhos;

- a) ☐ Sim
- b) ☐ Não
- c) Se "Sim", quais?

2ª) Sobre Gêneros e formatos de Quadrinhos que você costuma ler.

- a) ☐ Tiras/Charges
- b) ☐ Revistas/Mangás
- c) ☐ Livros/Graphic Novel

- a) ☐ Sim
- b) ☐ Não

3ª). Como você faz para ler História em Quadrinhos?

- a) ☐ Compra exemplares
- b) ☐ Consegue emprestado
- c) ☐ Ler na biblioteca da escola
- d) ☐ Ler online pela internet
- e) ☐ Faz download e ler no PC, tablete, celular.
- f) ☐ Outras formas. Quais?

- a) ☐ Sim
- b) ☐ Não

6ª). Já fez Quadrinhos alguma vez?

- a) ☐ Sim
- b) ☐ Não

7ª). Já fez alguma História em Quadrinhos como trabalho de alguma disciplina na escola?

- a) ☐ Sim
- b) ☐ Não

4ª). Coleciona ou possui Quadrinhos em casa?

- a) ☐ Sim
- b) ☐ Não

8ª). Já estudou sobre História em Quadrinhos nas aulas de Artes?

- a) ☐ Sim
- b) ☐ Não

5ª). Já estudou com História em Quadrinhos em alguma disciplina da escola?

APÊNDICE B - AUTORIZAÇÃO DE USO DE NOME, IMAGEM E DEPOIMENTOS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE NOME, IMAGEM E DEPOIMENTOS

Neste ato, e para todos os fins de direito, eu, responsável legal pelo estudante André Aparecido Delfino Amunziato autorizo o uso do seu nome, imagem e depoimentos para fins de divulgação do trabalho de pesquisa intitulado **Leitura e Produção de Histórias em Quadrinhos no Ensino de Artes do Ensino Médio**, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos e textos. As imagens e depoimentos poderão ser exibidas: parcial ou total, em apresentações e publicações com ou sem premiações remuneradas nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet e em outras mídias futuras, fazendo-se constar os devidos créditos ao pesquisador. Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a imagem e depoimentos ou qualquer outro.

Nome: Geralda dos Santos
RG.: 98097068587 CPF: 111.647.273-20
Endereço: Av. Paula Maurício n: 329, Vila Santo Antônio
Cidade: Barbosa Estado: CE
Telefone1: (88) 9-9625-5039

Barbosa-ce, 27 de Junho de 2017

Geralda dos Santos

Assinatura

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE NOME, IMAGEM E DEPOIMENTOS

Neste ato, e para todos os fins de direito, eu, responsável legal pelo estudante CICERO ARIEL FARIAS MAGALHÃES autorizo o uso do seu nome, imagem e depoimentos para fins de divulgação do trabalho de pesquisa intitulado **Leitura e Produção de Histórias em Quadrinhos no Ensino de Artes do Ensino Médio**, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos e textos. As imagens e depoimentos poderão ser exibidas: parcial ou total, em apresentações e publicações com ou sem premiações remuneradas nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet e em outras mídias futuras, fazendo-se constar os devidos créditos ao pesquisador. Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a imagem e depoimentos ou qualquer outro.

Nome: Tatiane F. Magalhães
RG.: 044.879.093/41 CPF: 044.879.093-241
Endereço: Corredor das silvas - estrada
Cidade: BARBALHA Estado: CE
Telefone1: (88) 9-9647-8437

Barbalha, 26 de Junho de 2017

Tatiane F. Magalhães

Assinatura

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE NOME, IMAGEM E DEPOIMENTOS

Neste ato, e para todos os fins de direito, eu, responsável legal pelo estudante

Brune Jozé matias Barbosa

autorizo o uso do seu nome, imagem e depoimentos para fins de divulgação do trabalho de pesquisa intitulado **Leitura e Produção de Histórias em Quadrinhos no Ensino de Artes do Ensino Médio**, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos e textos. As imagens e depoimentos poderão ser exibidas: parcial ou total, em apresentações e publicações com ou sem premiações remuneradas nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet e em outras mídias futuras, fazendo-se constar os devidos créditos ao pesquisador. Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a imagem e depoimentos ou qualquer outro.

Nome: M^{te} Brune Jozé matias Barbosa
RG.: 2000016001959 CPF: 938.850.753-34

Endereço: Rua LT nº 107 Bairro União
Cidade: Barbalha Estado: GOIÁS

Telefone1: (88) 9375-0349

Barbalha, 28 de Junho de 2017

Brune Jozé matias Barbosa

Assinatura

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE NOME, IMAGEM E DEPOIMENTOS

Neste ato, e para todos os fins de direito, eu, responsável legal pelo estudante

Cícera Adriano Elias Costa
autorizo o uso do seu nome, imagem e depoimentos para fins de divulgação do trabalho de pesquisa intitulado **Leitura e Produção de Histórias em Quadrinhos no Ensino de Artes do Ensino Médio**, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos e textos. As imagens e depoimentos poderão ser exibidas: parcial ou total, em apresentações e publicações com ou sem premiações remuneradas nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet e em outras mídias futuras, fazendo-se constar os devidos créditos ao pesquisador. Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a imagem e depoimentos ou qualquer outro.

Nome: Cícera Adriano Elias Costa

RG.: 2007425463-9 CPF: 72503394353

Endereço: R-18 nº 61 Linópolis

Cidade: Barbalha Estado: CE

Telefone1: (88) 992206522

Barbalha, 26 de junho de 2017

Cícera Adriano Elias Costa

Assinatura

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE NOME, IMAGEM E DEPOIMENTOS

Neste ato, e para todos os fins de direito, eu, responsável legal pelo estudante EDSON SALVIANO PEREIRA DE SOUZA autorizo o uso do seu nome, imagem e depoimentos para fins de divulgação do trabalho de pesquisa intitulado **Leitura e Produção de Histórias em Quadrinhos no Ensino de Artes do Ensino Médio**, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos e textos. As imagens e depoimentos poderão ser exibidas: parcial ou total, em apresentações e publicações com ou sem premiações remuneradas nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet e em outras mídias futuras, fazendo-se constar os devidos créditos ao pesquisador. Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a imagem e depoimentos ou qualquer outro.

Nome: Edson Salviano p. Souza
RG.: 2008712879-3 CPF: _____
Endereço: AV. Fortaleza nº 237 bairro: Carolandia
Cidade: Barbalha Estado: Ceara
Telefone1: (88) 993355028

Barbalha, 10 de outubro de 2017

Edson Salviano p. Souza
Assinatura

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE NOME, IMAGEM E DEPOIMENTOS

Neste ato, e para todos os fins de direito, eu, responsável legal pelo estudante FRANCISCO GABRIEL BARBOSA PEREIRA autorizo o uso do seu nome, imagem e depoimentos para fins de divulgação do trabalho de pesquisa intitulado **Leitura e Produção de Histórias em Quadrinhos no Ensino de Artes do Ensino Médio**, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos e textos. As imagens e depoimentos poderão ser exibidas: parcial ou total, em apresentações e publicações com ou sem premiações remuneradas nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet e em outras mídias futuras, fazendo-se constar os devidos créditos ao pesquisador. Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a imagem e depoimentos ou qualquer outro.

Nome: Francisco Gabriel Barbosa Pereira
RG.: 615.151.603-60 CPF: 615.151.603-60
Endereço: Argentina Lote N° 272
Cidade: Barbalha Estado: Ceará
Telefone1: (88) 92105633

Barbalha, cerá de 02 de dezembro de 2017

Francisco Gabriel Barbosa Pereira

Assinatura

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE NOME, IMAGEM E DEPOIMENTOS

Neste ato, e para todos os fins de direito, eu, responsável legal pelo estudante HERMÃO HENRIQUE FAUSTINO GRANGEIRO autorizo o uso do seu nome, imagem e depoimentos para fins de divulgação do trabalho de pesquisa intitulado **Leitura e Produção de Histórias em Quadrinhos no Ensino de Artes do Ensino Médio**, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos e textos. As imagens e depoimentos poderão ser exibidas: parcial ou total, em apresentações e publicações com ou sem premiações remuneradas nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet e em outras mídias futuras, fazendo-se constar os devidos créditos ao pesquisador. Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a imagem e depoimentos ou qualquer outro.

Nome: HERMÃO HENRIQUE FAUSTINO GRANGEIRO
RG.: 300818460 - 3 CPF: 067.355.993 - 54
Endereço: RUA MELQUIADES DA COSTA VELOSO - 103
Cidade: BARBALHA Estado: CE
Telefone1: () 99293-8967

BARBALHA, 30 de junho de 2017

Hermão Henrique Faustino Grangeiro
Assinatura

PI Fábio

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE NOME, IMAGEM E DEPOIMENTOS

Neste ato, e para todos os fins de direito, eu, responsável legal pelo estudante

LAYSLLA SARAIO ARAÚJO

autorizo o uso do seu nome, imagem e depoimentos para fins de divulgação do trabalho de pesquisa intitulado **Leitura e Produção de Histórias em Quadrinhos no Ensino de Artes do Ensino Médio**, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos e textos. As imagens e depoimentos poderão ser exibidas: parcial ou total, em apresentações e publicações com ou sem premiações remuneradas nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet e em outras mídias futuras, fazendo-se constar os devidos créditos ao pesquisador. Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a imagem e depoimentos ou qualquer outro.

Nome: EDVALDO DE JESUS ARAÚJO

RG: 572821530

CPF: 25432391844

Endereço: ESTRELA CORREDOR DOS ALVES 185

Cidade: BARBALHA

Estado: CE

Telefone1: (88) 98166699

BARBALHA

, 26 de

JUNHO

de 2017

Edvaldo de Jesus Araújo

Assinatura

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE NOME, IMAGEM E DEPOIMENTOS

Neste ato, e para todos os fins de direito, eu, responsável legal pelo estudante CICERA JANAINA MATIAS LIMA autorizo o uso do seu nome, imagem e depoimentos para fins de divulgação do trabalho de pesquisa intitulado **Leitura e Produção de Histórias em Quadrinhos no Ensino de Artes do Ensino Médio**, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos e textos. As imagens e depoimentos poderão ser exibidas: parcial ou total, em apresentações e publicações com ou sem premiações remuneradas nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet e em outras mídias futuras, fazendo-se constar os devidos créditos ao pesquisador. Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a imagem e depoimentos ou qualquer outro.

Nome: Joelma matias da silva
RG.: _____ CPF: _____
Endereço: Sítio Correntinho
Cidade: Barbalha Estado: Ceará
Telefone1: 8898140-5975

_____Barbalha_____, ____de Dezembro____ de 2017

x Joelma matias da silva
Assinatura

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE NOME, IMAGEM E DEPOIMENTOS

Neste ato, e para todos os fins de direito, eu, responsável legal pelo estudante

Tiago da Silva Nascimento
autorizo o uso do seu nome, imagem e depoimentos para fins de divulgação do trabalho de pesquisa intitulado **Leitura e Produção de Histórias em Quadrinhos no Ensino de Artes do Ensino Médio**, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos e textos. As imagens e depoimentos poderão ser exibidas: parcial ou total, em apresentações e publicações com ou sem premiações remuneradas nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet e em outras mídias futuras, fazendo-se constar os devidos créditos ao pesquisador. Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a imagem e depoimentos ou qualquer outro.

Nome: maria Aparecida da Silva.
RG: 2007342856-0 CPF: 869.007.143-15
Endereço: Rua: 803 Nº 816 RES Pedro BDO Da Gung B.B.
Cidade: Barbalha Estado: CE
Telefone1: (88) 993561433

Barbalha, 10 de Agosto de 2017

maria Aparecida da Silva.
Assinatura